

ARLETE NERY DE ANDRADE

Novas interações sociais e a crise dos afetos: estudo sobre as desavenças familiares nos grupos de WhatsApp no contexto da polarização política de 2018

Dissertação de Mestrado
Março de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

Arlete Nery de Andrade

Novas interações sociais e a crise dos afetos: estudo sobre as desavenças familiares nos grupos de WhatsApp no contexto da polarização política de 2018

RIO DE JANEIRO

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

Arlete Nery de Andrade

Novas interações sociais e a crise dos afetos: estudo sobre as desavenças familiares nos grupos de WhatsApp no contexto da polarização política de 2018

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra

RIO DE JANEIRO

2020

CIP - Catalogação na Publicação

A553n Andrade, Arlete Nery de
 Novas Interações Sociais e a Crise Dos Afetos:
 Estudo Sobre as Desavenças Familiares nos Grupos de
 Whatsapp no Contexto da Polarização Política de 2018
 / Arlete Nery de Andrade. -- Rio de Janeiro, 2020.
 123 f.

 Orientador: Arthur Coelho Bezerra.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
2020.

 1. Redes Sociais. 2. WhatsApp. 3. Política. 4.
Afetos de Família. 5. Discurso de Ódio. I. Bezerra,
Arthur Coelho, orient. II. Título.

Arlete Nery de Andrade

Novas interações sociais e a crise dos afetos: estudo sobre as desavenças familiares nos grupos de WhatsApp no contexto da polarização política de 2018

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em 10 de março de 2020.

Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra (Orientador)

PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Prof. Dr. Ricardo Pimenta

PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Profa. Dra. Raquel Paiva

PPGCOM ECO/UFRJ

Profa. Dra. Jacqueline Leta (suplente)

PPGCI/IBICT

A Luiz Marcelo, namorado e cúmplice, meu melhor amigo.

A Lipe e Didi, meus sentidos para a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, tão questionado no ambiente acadêmico, mas que se ri todo das nossas reflexões, pensando o quão mais simples é o mundo que Ele criou.

Aos meus pais, João (in Memoria) e Nelice, que participaram pouco dessa fase da minha vida, mas que transformaram a educação em obstinada busca de se fazer visto na vida. E à minha família de origem, em especial minha irMãe Lucinete, que sempre deu o coração por mim.

Aos meus amigos, que sempre lembravam de quem eu era, nas frequentes horas que eu esquecia. São muitos, mas não posso deixar de lembrar aqui de Nat, Bela, Evandro, Livia e Tiago.

Ao meu orientador, Arthur Bezerra, que com seu humor ácido e inteligente tornou bem mais fácil essa árdua tarefa de desenvolver uma pesquisa e escrever uma dissertação. E também aos queridos mestres e funcionários do IBICT, que reciclaram meu imaginário e redesenharam a minha formação.

Às queridas professoras Raquel Paiva e Jacqueline Leta, que foram duras nas observações da qualificação, mas brilhantes nas recomendações para a pesquisa. Sem elas não teria conseguido. E, antecipadamente, ao querido professor Ricardo Pimenta, que chegou nos momentos decisivos para enriquecer esse trabalho.

RESUMO

ANDRADE, Arlete Nery de. **Novas interações sociais e a crise dos afetos**: estudo sobre as desavenças familiares nos grupos de WhatsApp no contexto da polarização política de 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PPGCI – IBICT/UFRJ, 2020.

O presente trabalho teve como objetivo investigar e compreender a ocorrência de desavenças nos grupos de WhatsApp, mais especificamente os grupos de famílias, com vistas especificamente ao período das eleições brasileiras de 2018, cujas ações de marketing político desenharam um cenário peculiar, não experimentado anteriormente, baseado na implantação do medo e do ódio, através da utilização de plataformas digitais para a divulgação de Fake News. O texto percorre algumas teorias da comunicação e da informação, de modo a utilizar referências destes dois campos, além da sociologia, da filosofia e da linguística, como forma de subsidiar a análise teórica que envolve o tema. Para isso, foram trabalhados conceitos como Regime de Informação, Competência Crítica em Informação, Regime de Verdade e Bios Midiatismo. Como ponto especial, foi trabalhada a questão das reconfigurações dos afetos, que, em tempos de polarização de sentimentos, foram postos em xeque, mostrando-se voláteis e frágeis, a ponto de abalar estruturas de grupamentos humanos sólidos, como a família. A grande questão que permeia o trabalho é a busca pelo entendimento da propensão para conflitos neste ambiente, e parte-se da suposição de que há um elemento faltante que potencializa a ocorrência desses conflitos.

Palavras-chave: Redes Sociais. WhatsApp. Política. Família. Afetos. Ciência da Informação.

ABSTRACT

ANDRADE, Arlete Nery de. **Novas interações sociais e a crise dos afetos**: estudo sobre as desavenças familiares nos grupos de WhatsApp no contexto da polarização política de 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PPGCI – IBICT/UFRJ, 2020.

This paper aims to investigate and understand the events of disagreements in WhatsApp family groups, during the Brazilian presidential campaign of 2018, whose political marketing actions designed a peculiar scenario, not previously experienced, based on the implantation of fear and hate through the use of digital platforms to spread Fake News. The text covers some theories of communication and information, in order to use references from these two fields, in addition to sociology, philosophy, and linguistics, as a way of supporting the theoretical analysis that involves the theme. For that, the work uses concepts such as Regime of Information Regime, Critical Information Literacy, Regime of Truth and Bios Media. As a special point, the issue of reconfiguring affections was addressed, which, in times of polarization of feelings, were put in check, showing themselves to be volatile and fragile, to the point of shaking structures of solid human groups, such as the family. The major issue that permeates the work is the search for understanding the propensity for conflicts in this environment, and it is based on the assumption that there is a missing element that enhances the occurrence of these conflicts.

Key words: Social media. WhatsApp. Politics. Family. Affections. Information Science.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA.....	62
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	64
QUADRO 2	67
QUADRO 3	68
QUADRO 4	70
QUADRO 5	72
QUADRO 6	74
QUADRO 7	77
QUADRO 8	78
QUADRO 9	79
QUADRO 10	80
QUADRO 11	82
QUADRO 12	83
QUADRO 13	84
QUADRO 14	85
QUADRO 15	86
QUADRO 16	88
QUADRO 17	90
QUADRO 18	91
QUADRO 19	92
QUADRO 20	93
QUADRO 21	94
QUADRO 22	96
QUADRO 23	98
QUADRO 24	99
QUADRO 25	100
QUADRO 26	102
QUADRO 27	103
QUADRO 28	104
QUADRO 29	105
QUADRO 30	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Da internet ao smartphone – a tecnologia que mudou a forma como se vive	14
1.2 As Eleições De 2018.....	16
METODOLOGIA	18
WHATSAPP – LINGUAGEM, INTERAÇÕES E REPRESENTAÇÕES	21
SOBRE DISCURSO, PODER E VERDADES	26
MIDIATIZAÇÃO – O WHATSAPP COMO EXPERIÊNCIA.....	34
REDES SOCIAIS DIGITAIS, COMUNIDADES E AS TICs	37
A HUMANIDADE, A POLÍTICA E AS TICs	50
REGIME DE INFORMAÇÃO, POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E SISTEMAS VERDADES.....	55
ENTREVISTAS	62
RELATÓRIO DE ANÁLISE.....	108
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

Um velho e tradicional encontro de família. A matriarca que prepara a refeição, os mais jovens, em geral mulheres, que ajudam no preparo. Os homens que bebem e auxiliam na operacionalização. O recanto dos primos, onde paquera-se, brinca-se, trocam-se experiências. O membro mais velho que recebe alguma atenção e tenta dar sua opinião baseada em larga experiência de vida. As crianças que brincam do lado de fora, no quintal, com o cachorro, com o gato, com o instrumento musical de algum presente. Ouvem-se risos, bebe-se e come-se a tão esperada refeição. De repente, tudo o que era harmonia, quebra-se numa discussão infundada por conta de uma divergência qualquer. Pode ser futebol, religião, ou quem sabe, a política. Esgota-se a discussão, até a chegada do “tioção galhofeiro”, que transforma tudo em uma grande piada. Ou da matriarca que manda todo mundo parar de brigar e ir lavar a louça do almoço, porque está na hora de ir para casa. E, assim, após um dia inteiro de confraternização, mães, pais, avôs, avós, tios, tias, muitos primos e muitos sobrinhos seguem para casa contando as fofocas e desavenças do dia, aguardando o próximo encontro.

Difícil quem nunca tenha experimentado uma reunião de família nesses moldes. E, também, por mais difícil que sempre tenha sido a convivência entre esse núcleo comunitário tão diverso e, ao mesmo tempo, tão conectado, sempre se conclamava os laços de sangue para justificar a união e a boa convivência entre esses homens e mulheres unidos pelo afeto. O que até bem pouco tempo ninguém poderia imaginar era essa mesma configuração macro familiar num contexto de reunião de uma particularidade ainda não existente. São as mesmas pessoas, mas sem o almoço, sem os cheiros, sem as expressões faciais. Sem hora de chegada e sem hora de saída. E sem um motivo real para estarem reunidas. Esses são os grupos Familiares de WhatsApp, um terreno fértil e desvirginado com virulência que se tornou palco das maiores ocorrências de desavenças acerca de opiniões políticas no período das eleições de 2018. Thiago Cury (2018), professor da faculdade de jornalismo da Universidade Federal do Mato Grosso, e especialista em Narrativa Transmídia, afirmou em entrevista ao jornal Gazeta Digital de Cuiabá que esse movimento de comunicação discordante teve início já em 2014, e obteve seu ápice em 2018 devido à polarização política que segue uma tendência mundial. Cury aponta a facilidade de emissão de mensagens em massa, e a possibilidade de conteúdo ilimitado de texto como motivo para a escolha do WhatsApp

como um dos locais preferidos para realização de defesa de pleitos. Para o professor, a novidade, entretanto, não está, necessariamente, nas visões políticas diferentes, algo trivial na convivência política e necessário ao exercício democrático. A diferença é que agora as pessoas levam ao extremo suas opiniões e rechaçam integralmente a opinião do outro, sentindo-se à vontade para defender seus pontos de vista em ambiente virtual.

De fato, parece que os grupos de WhatsApp chegaram alterando costumes, e vêm causando uma reconfiguração na forma de conviver. Neles, elementos periféricos fundamentais da comunicação humana, como o gestual e os aromas, não são possíveis, o que propiciou uma alteração no modelo de interpretação da informação, formatado por anos no cérebro humano, deixando um vácuo crítico que só fez aumentar a temperatura no que se refere a empatia, alterando aquilo que de fato se quer comunicar (RECTOR, 1986). Vídeos e áudios podem não ser suficientes para dar conta da compreensão da mensagem, sobretudo quando se tratam de conversas envolvendo várias pessoas e temas polêmicos. Some-se a isso o agravante de tudo acontecer numa reunião permanente, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Componentes eficientes para a deflagração de grandes conflitos humanos. Em se tratando de família, nunca ficou muito clara uma fórmula de sucesso para comunicação nesta comunidade, o que, ao longo da história, instiga a curiosidade dos teóricos que por ela se interessam. Destrinharemos essa intrigante rede para definir os caminhos da presente pesquisa com o intuito de compreender melhor os motivos da ocorrência do grande número das desavenças no cenário político de 2018, compreender os eventuais impactos sociais deste evento e os possíveis desdobramentos futuros diante dessa nova realidade de convivência virtual.

1.1 Da internet ao smartphone – a tecnologia que mudou a forma como se vive

Na última década do século passado, a rede mundial de computadores tornava-se conhecida do grande público, saindo do circuito militar e das universidades para o acesso de grande parte da sociedade. Foi preciso pouco mais de uma década para que sua popularização se desse em formato de telefones inteligentes. Com o acesso ao smartphone por uma parcela significativa da sociedade, a proliferação de aplicativos para os mais diversos fins foi uma consequência natural, mudando não só a vida produtiva e comercial dos indivíduos, mas também todo um modo de viver em sociedade. No Brasil, o pano de fundo se deu com a facilidade de acesso ao crédito aliada a uma tecnologia amigável, que

viabilizou a explosão na aquisição e uso dos aparelhos celulares inteligentes e a instalação de aplicativos usados por pessoas de todas as idades (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

O WhatsApp foi um desses produtos que veio contribuir para aquilo que alguns consideram uma revolução de costumes. Sabe-se que no Brasil o aplicativo encontrou seu público perfeito, ainda a se desvelar o porquê. Algumas suposições aparecem em artigos acadêmicos e matérias de jornais, apontando elementos como a facilidade de uso do aplicativo, favorecendo a população com menos estudo; o ritmo de vida caótico que desvaloriza a contemplação; a reduzida demanda tecnológica do produto, que facilita tê-lo em qualquer aparelho, mesmo que com recursos limitados; o fato de agregar duas instâncias que ultrapassam a deficiência do letramento: a oralidade e a cultura das imagens. Nenhuma dessas hipóteses, entretanto, traz uma explicação definitiva sobre tamanha popularidade.

Foi em 2012 que o aplicativo se apresentou aos brasileiros. Tímido no início, proporcionava uma comunicação rápida, assertiva, criando uma sensação de proximidade ainda não experimentada com as mensagens em SMS. Aos poucos chegaram os recursos de voz, em seguida os de imagens, as chamadas de vídeos, e rapidamente o aplicativo caiu no gosto popular. No Brasil ele tem até apelido, o Zap, como uma intimidade de tratamento a um velho amigo, que oferece ampla oportunidade de fala. Mas tanto dinamismo tem um preço. A rapidez da troca de mensagens inviabiliza o filtro da comunicação e altera a forma e o sentido do sujeito se representar e buscar representações, enfraquecendo, por vezes, sua relação com o interlocutor.

Como produto midiático, o WhatsApp trouxe uma nova dinâmica para os processos comunicacionais, sobretudo com a ferramenta de grupos, que chega a reconfigurar as relações de poder e afetos dos indivíduos e das instituições. A peculiaridade dos grupos de WhatsApp estaria em que as possibilidades de conexão/desconexão e vínculo/desvínculo¹ se confundiriam em um espaço que é virtual, mas cujo vínculo real é, geralmente, frequente. Os grupos de WhatsApp ocorrem reunindo pessoas que convivem presencialmente. Mesmo assim, integrantes do grupo frequentemente afetam-se, não raro descaracterizando os objetivos gerais do grupo e promovendo um convívio constrangedor, ora excessivamente amoroso, ora excessivamente hostil. É como se faltasse algo que fizesse o link entre a vida presencial e a vida virtual. Descobrir esse elemento faltante é o objetivo principal desse trabalho. Para tanto, tentaremos compreender primeiramente o aplicativo WhatsApp,

¹ Mais a frente será melhor detalhada a diferença entre conexão e vínculo, sob a perspectiva de Zygmunt Bauman.

dissecando-o internamente: seus sujeitos, suas representações, a forma e o conteúdo de suas mensagens, as palavras e as imagens que por ele percorrem. E compreender como se deu o processo no qual um aplicativo de troca de mensagens instantâneas tornou-se rede social digital. Para melhor compreensão desta última demanda, nos aprofundaremos nos conceitos de Rede Social e Rede Social Digital. Essas reflexões se associarão à compreensão dos grupos de família, debruçando-se antes na questão da família contemporânea. Para tanto, percorreremos a formação desse novo modelo familiar, considerando os estudos sobre comunidades, e as condições de possibilidades que fizeram com que estas perdessem o destaque social, e como a família passou a ser a grande protagonista da sociedade.

1.2 As Eleições De 2018

Mundialmente, já faz algum tempo que a democracia representativa vem sendo posta em xeque. Nos últimos anos, sobretudo nas frágeis democracias, como a do Brasil, políticos respondem aos sistemas capitais, não às suas representações. E a sociedade sem representação, fragmenta-se. O sistema político transforma-se em uma ficção democrática (COSTA, 1997).

Hoje, a participação política de cada um se resume a um clique. O controle de corpos, da biopolítica de Foucault (1989), se estendeu ao controle das mentes e a utilização dos dissabores de cada um tem se tornado rotina até naquelas consideradas as maiores democracias do mundo, como Estados Unidos e Inglaterra.

No Brasil, uma sociedade indignada, desesperançada, unida a uma elite que, já havia tempo, não se conformava em dividir seu pedaço de bolo com quem nunca o havia experimentado, deu vazão a uma profusão de ódio, antes guardado em algum lugar. E que explodiu nas eleições.

A presente pesquisa irá se debruçar de maneira mais profunda na temática das eleições de 2018 e de seus desdobramentos. E, durante todo o seu desenvolvimento, esteve atenta a cada evento associada ao ato eleitoral daquele ano. A ideia é a de que houvesse um conteúdo atualizado deste tema ao final, e que algumas nuances no que diz respeito à mudança de comportamento dos sujeitos investigados e seus grupos pudessem vir a serem relevadas na pesquisa.

Os grupos de WhatsApp criaram a possibilidade de avolumar a família, ofertando uma alternativa de reunião dos membros que antes só se tinha nas reuniões físicas, como o almoço de domingo, por exemplo, cujo modelo de vida atual esvaziou. As famílias ficaram

pequenas e pouco frequentes presencialmente. Há nesta alternativa uma frequência atípica dessa reunião de família. Estão juntos o tempo todo. E não que antes não houvesse a briga. O que não havia era o registro e a constância da briga. Um fluxo informacional frenético que gera desgaste, decepção, mágoa. E também novas afinidades, novos conceitos, ativação de preconceitos. Enfim, coisas boas e ruins, embora aqui tratemos especificamente das desavenças.

A polarização política de 2018 apenas elevou a possibilidade de conflitos à máxima potência. Influenciados por um período mundial de polarizações diversas, oriundas de revisões de questões que se acreditava já resolvidas pela história. Os sujeitos, isoladamente ou em grupo, vêm se deixando levar por novas linhas de pensamento. São as verdades alternativas reconfigurando os próprios sentimentos, gerando afetos alternativos. Relações de amor e ódio que o velho grito dos laços de sangue não deu conta de sanar.

As questões que a presente pesquisa pretende responder incluem: como se deram os debates que levaram a desavenças familiares no cenário político das eleições de 2018? Até que ponto o WhatsApp, como mídia social, potencializou essas ocorrências? Por que o ambiente virtual oferece certo conforto para que as pessoas estejam tão à vontade para exprimir com tanta agressividade seus posicionamentos, ainda que em campos tão pessoais e subjetivos como a política, a ponto de modificar suas questões afetivas?

Para isso, foram realizadas entrevistas pessoais, que partiram de questões abertas. Inicialmente, supunha-se que a questão dos conflitos nos grupos de família de WhatsApp fosse um pouco diferente do debate de redes sociais como o Facebook, e a partir desse pensamento se encaminhou a investigação. A análise deu-se a partir da bibliografia mencionada ao final do trabalho, e comentada ao longo do trabalho e dos discursos apresentados nas experiências dos entrevistados.

Se a família é a rede que não se escolhe, as questões de análise nos afastam um pouco das outras redes, como amigos e colegas de trabalho. E do próprio compromisso que se assume ao longo da vida de colecionar pessoas - agora com sustentação tecnológica - que serve a demandas práticas (ser socialmente aceito, conseguir um emprego, um namorado, etc.), que é o que as redes sociais (físicas e digitais) dão conta. Mas isso é diferente das relações familiares. Estas existem para criar uma rede de proteção que garanta a sobrevivência, sobretudo a social, do grupo. Entende-se, desta forma, que analisar e compreender os conflitos familiares nos grupos de WhatsApp seja de primordial importância para uma contribuição acadêmica para um mundo socialmente saudável.

METODOLOGIA

O fato relevante que motivou a pesquisa foram os frequentes relatos de desagregação familiar ocorridos por ocasião das eleições de 2018 em brigas via WhatsApp. As grandes reflexões motivadoras do trabalho foram:

- Por que o debate, no sentido de esgotamento de ideias, nestes grupos não consegue prevalecer diante da possibilidade de um enfrentamento mais ostensivo?
- O ambiente sem rosto, sem cheiro, sem toque, sem o olhar, estaria propiciando a produção da raiva, do ódio e da hostilidade?
- A ausência da possibilidade de ponderação dar-se-ia mais pela falta da boa educação ou por de fato o espaço virtual ter se tornado uma arena de disputa de poder? Quem gritar, ofender, depreciar mais, ganha a briga?
- Há algum elemento faltante nos grupos de WhatsApp que corrobora para a profusão de conflitos?

O percurso metodológico da presente pesquisa parte da busca pelo entendimento sobre como uma ferramenta de um aplicativo de mensagens instantâneas acabou por transformá-lo em rede social digital. E para compreender os eventos que envolvem o referido objeto de pesquisa, buscou-se uma literatura específica sobre estudos de redes sociais. Ao corte delimitado para o estudo de grupos de família, também foi inserido o estudo sobre comunidades e família, bem como a relação de ambas com a sociedade capitalista na modernidade e na contemporaneidade.

A questão dos conflitos internos dentro do grupo de WhatsApp foi o tópico central neste trabalho, o que direcionou para entendimento sobre as questões relacionadas à busca da verdade, à disputa pelo poder, e os efeitos das estratégias de manipulação que culminam na polarização de ideias que vem sendo identificada em diferentes locais do planeta.

Para comprovações dos pressupostos deste trabalho, foi realizada pesquisa através de entrevistas pessoais, com o objetivo de analisa-las qualitativamente, considerando todos os elementos da comunicação verbal e não verbal. A aplicação das perguntas inspirou-se² na técnica do incidente crítico. Por incidente entende-se qualquer atividade humana observável

² Diz-se inspirou pois não seguiu literalmente as premissas do método.

que seja suficientemente completa em si mesma para permitir inferências e previsões a respeito da pessoa que executa o ato (FLANAGAN, 1954). Para ser crítico, um incidente deve ocorrer em uma situação onde o propósito ou intenção do ato pareça razoavelmente claro ao observador e onde suas consequências sejam suficientemente definidas para deixar poucas dúvidas no que se refere aos seus efeitos (FLANAGAN, 1954, p. 2). A técnica do incidente crítico consiste em fazer com que o indivíduo lembre um fato ou incidente específico que está na sua memória e a ele refira-se quando responde aos questionamentos do pesquisador. Para isso, a utilização de instrumentos como a entrevista e o questionário mostra-se bem adequada.

Para a delimitação do campo de pesquisa, foi utilizada a técnica da saturação. Uma pesquisa se encerra por saturação quando a inclusão de novos participantes não acrescenta novas informações para o pesquisador, pois os dados obtidos passam a apresentar redundância ou repetição (FONTANELLA, 2008). A análise das respostas considerou não apenas o conteúdo discursivo das mesmas, mas também a coletânea da imagem gestual que os entrevistados apresentaram no momento da entrevista. Desta forma, a análise das entrevistas pretende compreender:

- ✓ o que entrevistado entende por família e qual a importância desta para a sociedade e para a sua própria vida.
- ✓ o uso dos grupos de família do WhatsApp em sua vida.
- ✓ a existência dos conflitos de forma abrangente e a existência dos conflitos no contexto das eleições de 2018.
- ✓ como ficou a convivência após o evento das eleições.

Ao longo do trabalho, foram levantadas questões, algumas de natureza retórica, outras nas quais havia realmente expectativas objetivas de obter respostas diretas que ajudassem a compreender os eventos aqui mencionados e contribuir para mitigar alguns efeitos com os quais a sociedade ainda não sabe como lidar. No Brasil, foi comum ouvirmos relatos de famílias em pé de guerra por conta dos debates nos grupos. E por mais que já se tenha ouvido algo sobre brigas de família por causa da política, a temperatura alcançada no WhatsApp em 2018 parecia uma grande novidade. Os grupos de família na plataforma WhatsApp foram o fato social, e tiveram como elementos de interesse da análise não apenas

os conflitos conflagrados neste ambiente por si só, mas também a intensidade, a frequência e a motivação para a ocorrência desses conflitos. A percepção de que o assunto não se esgotava demandou energia e desgastou relações. Algumas vezes, a família passou a ser um peso na existência do sujeito enquanto membro pertencente a ela. Vale ressaltar que houve nove recusas em responder o questionário, a maioria por não se querer lembrar de todo o desgaste, decepção e mágoas que ficaram após o evento eleitoral de 2018. Isso tudo aumentou a carga de se estar num grupo social no qual não se escolheu querer participar, mas que se estará unido para sempre pelos laços sanguíneos.

Algumas das fragilidades da família acabaram confirmadas na pesquisa. Por outro lado, algumas respostas acabaram revelando uma força maior dos laços do que se imaginava. E ao final do trabalho, em um balanço breve, seria possível afirmar que a família não é uma instituição tão sólida quanto muita gente imagina.

WHATSAPP – LINGUAGEM, INTERAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Criado em 2009 e popularizado pelo mundo todo em 2012, o WhatsApp vem alterando a noção de relacionamento na sociedade. Foi uma dessas novidades que trouxe um novo circuito de troca de informações, sobretudo com o recurso dos grupos, que possibilitaram uma reconfiguração das questões de retórica e promoveram uma releitura das relações de poder e afetos dos indivíduos e das instituições.

De fato, a ressignificação da informação nas novas relações permeadas pelo ambiente virtual leva a uma própria ressignificação do sujeito e do papel desse sujeito nos grupos em que está inserido, incluindo os grupos de WhatsApp. Os grupos familiares surgem para suprir a demanda da falta de tempo e de oportunidade de os membros da família estarem mais presentes nas vidas uns dos outros, utilizando um modelo discursivo que reflete a tendência de um tempo onde a urgência dita o ritmo, mas não determina a força do discurso. E, sobretudo, num tempo onde a desinformação define rumos da política e da própria vida, dando especial ardor aos relacionamentos.

O comportamento dos indivíduos nos grupos de Família ganha contornos diferentes de observação em relação a outros agrupamentos sociais. Na família, as pessoas se conhecem intimamente e o jogo de representações é muito mais vulnerável, e se exerce de forma diferente. A partir do conceito de Enunciado de Foucault (1971), trataremos aqui do que convencionamos chamar de Representações Enunciativas, que se refere a forma como se apresenta um novo sujeito, diferente daquele que se conhece pessoal e intimamente. Esse “sujeito alternativo” pode ser bem aceito pelo grupo ou não, mas o fato é que todos sabem exatamente quem ele é.

Em Arqueologia do Saber, Foucault traz a questão do Enunciado como aquilo que dá possibilidades para a construção de uma fala, de uma proposição, ou de uma frase. Através do Enunciado, Foucault define o saber e o discurso. O Enunciado tem uma função de existência com identidade, autonomia e poder de repetição. Tem força, tem poder de mutação (FOUCAULT, 2005). Um livro, por exemplo, pode ser entendido como um enunciado se locutor e interlocutor o veem como tal. Mas para alguns pode ser algo mais, como um elemento sagrado, uma fonte arqueológica, ou apenas um enfeite para a estante. Ou seja, tudo passa pela negociação com o interlocutor. Já em A Ordem do Discurso (1971), Foucault reforça essa potência do discurso em si próprio, descrevendo-o não como sendo

aquilo que manifesta ou oculta o desejo, mas sendo o próprio objeto do desejo. Ele não apenas traduziria as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo o que se luta, o poder pelo qual nós queremos nos apoiar (FOUCAULT, 1971 p 10). As construções discursivas, portanto, são estabelecidas a partir de Enunciados diversos, e o WhatsApp pode ser uma dessas construções. Através dele, as enunciações se exercem na disputa de narrativas, alterando pensamentos e estabelecendo novas visões de mundo. E tais enunciações são apresentadas por representações, ou jogos de representações no entendimento de Goffman (1985).

O sociólogo Erving Goffman defendeu a ideia de que cada um de nós está a todo momento representando papéis ao viver em sociedade. E esse papel é desempenhado seguindo as premissas que foram solicitadas aos observadores no processo de reconhecimento de ambos, e há a expectativa de que esse observador leve a sério a impressão sustentada perante eles para cada um dos papéis construídos (GOFFMAN, 1985, p.25). Na representação da vida real, entretanto, as próprias expressões que entram espontaneamente na comunicação, acabam por revelar enfaticamente aquilo que se deseja dizer. Considerando a sociedade anglo-americana, Goffman afirma que expressões como “Meu Deus”, “Por Deus”, acompanhadas de expressões faciais equivalentes a essas interjeições, servem muitas vezes como confissão do interlocutor, de que, por um momento, colocou-se em posição na qual nenhum personagem consegue se sustentar (GOFFMAN, 1985, p. 157).

Na comunicação, o modelo da mensagem segue a natureza do meio em que ela seguirá (McLUHAN *apud* SODRÉ, 2014). Por exemplo, em uma novela, quando o expectador fala, em voz alta, o que o personagem deve fazer para resolver determinada questão, ele não tem de fato a expectativa de ser ouvido. Ele sabe que é uma história na qual a interação não é possível. No caso de um Reality Show, ou em um programa de debate, quando o expectador pega o telefone e envia seu comentário, ele tem a expectativa de ser lido, ou ouvido, e muitas vezes, espera que a sua opinião altere o rumo do que ali é tratado. O modelo de mensagem pensado para uso via WhatsApp nem sempre atende o formato para o qual o aplicativo foi desenhado. A possibilidade de envio de textos longos, ou extremamente longos, de imagens e links, unidos à possibilidade de respostas instantâneas, cria uma velocidade de fluxo de mensagens que não são comportadas em uma mídia como o celular no que se refere à recepção. Por mais que se usem recursos audiovisuais nas comunicações via WhatsApp, dado o modelo de proximidade de comunicação que por vezes

se espera, esses recursos não darão conta de emitir a totalidade da emoção necessária à carga interpretativa da mensagem.

No que se refere à formação de grupos de WhatsApp, Goffman também traz uma importante contribuição. Para o sociólogo, grupos sociais só se formam após o processo de reconhecimento das singularidades dos sujeitos. Ao ser formado o grupo de pessoas como tradicionalmente conhecemos, Goffman diz que há um processo de coleta de informação para reconhecimento dos indivíduos, com o objetivo de criação de um vínculo que fortalecerá e legitimará esse grupo. Este reconhecimento poderá se dar através de informações pressupostas advindas do aspecto físico, ou dos dados recolhidos no processo de reconhecimento daquele sujeito, como local de trabalho, hobbies, moradia, etc (GOFFMAN, 1985). Nesse processo, se daria a construção da fase de intimidade. Quanto mais elementos informativos sobre o sujeito coletados, e quanto maior for a manifestação de empatia, maior será a construção de uma certa intimidade. Em alguns grupos de WhatsApp, como os grupos de famílias, essa etapa de reconhecimento já foi superada, o que se pressupõe certa intimidade quando as pessoas se reunirem naquele espaço. A intimidade permite certas liberdades comunicativas. Mesmo as famílias que vivem distantes, onde não necessariamente todos se conhecem, uns sabem dos outros, e já se sabe o que esperar de cada um.

Consideremos que a realidade humana de hoje é a de que poucos encontros presenciais são realizados. Encontra-se menos os amigos e a família. A realidade de famílias múltiplas, demandou uma distribuição de tempo, e também vários papéis a serem representados. No mesmo dia o sujeito pode ser um pai zeloso, o namorado apaixonado, ou o ex-marido descontente. Na mesma hora pode-se estar na casa de uma mãe solteira, ou de uma moça no primeiro encontro. O Natal em família poderá ter a magia de Noel em um ano e a seriedade do nascimento de Jesus em outro. Essa variação de representação pode criar certa angústia no sujeito, que encontra no grupo de família uma forma genuína de sustentar um papel que pode lhe parecer parte de sua essência. Nos grupos de família do WhatsApp, o processo de reconhecimento citado por Goffman (1985) é resumido, mas a sustentação dos personagens criados no imaginário do que representa uma família pode ser um acalanto e um conforto. A escritora Zélia Gattai escreveu em 2001 um de seus muitos livros de memórias, chamado Códigos de Família. Lendo a publicação sobre as gírias, as manias, os apelidos e as expressões da família que a autora formou com Jorge Amado, e também de sua família de origem, é fácil reconhecer nossos próprios códigos, que antes passavam despercebidos. Para

Zélia Gattai, cada família compõe a impressão digital do grupo, o que cria um pressuposto de afinidades que favorecem as manifestações libertárias de comunicação (Gattai, 2001). Esses itens chegam com recursos nominais, geralmente com palavras no diminutivo, ou descontraídas, sempre com forte carga de bons sentimentos, e com a palavra “Família” nomeando o grupo, enlaçando a proximidade e a intimidade, e transformando um espaço que poderia ser caixa de correio ou mural em uma grande sala de estar. E sendo sala, as questões sociais acabam suplantando uma mera informação de *post it*. Neste contexto, sempre parecerá menos relevante a comunicação estática (o próximo aniversário de um familiar, por exemplo) do que a opinião variável dos pares no grupo (sobre o momento político, por outro exemplo).

O aplicativo WhatsApp desfruta de alguns recursos metalinguísticos que fortalecem aproximação da comunicação, embora não deem conta da integridade emocional da mensagem. Entretanto, emojis, voice notes, gifs animados contribuem para o objetivo do emissor, assim como podem ser reinterpretados de forma diferente pelo receptor. Sons e imagens são utilizados para objetivos diferentes, tornando ainda mais interessantes as estratégias de penetração que fortalecerão o sujeito dentro do grupo. Aliás, essa subjetivação é um importante elemento no WhatsApp, sendo representada nas escolhas das fotos ou imagens do perfil. Há os que mudam sempre, os que não mudam nunca. Os que são representados pela família nuclear³, ou por uma selfie super produzida. Tudo diz um pouco sobre si mesmo, e tem representatividade que define um lugar e um poder de fala de quem o detém. Esses seriam elementos relevantes numa possível disputa de poder dentro do grupo. Nessa hipótese, sob a ótica de Foucault (2007), o grupo (observadores) e seus eventuais interesses importariam menos que a notoriedade do sujeito (representação) de cada um em particular. São frequentes os debates acalorados, encorajados pela falta de um rosto físico, representando, possivelmente, um desejo de ser ouvido.

Mas nem só de discursos acalorados vivem os grupos. Os aplausos efetivos, o silêncio obsequioso, o que é dito, o que não foi respondido. Tudo faz parte da interpretação da mensagem. Ou como disse Rancière (2009), trata-se da importância daquilo que não está apenas na ordem do dito, mas sobretudo daquilo que é pressuposto, dos elementos extra discursivos, que apontam para diferentes níveis de divisões entre aqueles que podem fazer

³ Entende-se aqui como família nuclear aquela formada pelos pais e filhos e, eventualmente, outros sujeitos que, geralmente, mas não sempre, moram na mesma casa. E que tem um grau de proximidade maior que os demais.

parte da ordem do discurso e aqueles que permanecem fora de um espaço previamente definido como “comum”. Nos grupos, o silêncio tanto pode significar consenso ou dissenso, dominação ou eliminação, relevância ou ignorância. O não dito é tão importante como o dito.

A grande inquietação, entretanto, ainda persiste na capacidade do ambiente de grupos de WhatsApp desencadear tantos desentendimentos. Sendo grupo, como se dá o entendimento diante de tantos conflitos? Habermas (1986) aponta para a função primordial da linguagem dentro das ações comunicativas, que é a busca recíproca pelo entendimento. Neste caso, onde o dissenso é o caminho e o entendimento é o primordial, a questão está em descobrir os motivos pelas quais se dão os pontos de discordância, quais são os pontos de convergência para o alinhamento da comunicação dos integrantes do grupo, e em que medida as disputas de narrativas destacam vozes⁴ determinadas e quão seria o potencial de formação de opinião dessas vozes, para então considerar o quão relevantes são de fato esses debates.

⁴ Mais à frente trataremos sobre As Vozes do Discurso, na perspectiva de Teresa Lúcia Haliday.

SOBRE DISCURSO, PODER E VERDADES

Os grupos de WhatsApp, de uma forma geral, são um pouco de cada coisa na sociedade. É o muro do vizinho, o palanque eleitoral, a conversa de bar com os amigos, o telefonema aflito de duas mães, o palco de representação pessoal. Para cada um desses espaços, há um papel a ser representado, e não necessariamente o sujeito diferenciara seus papéis em diferentes grupos. No mesmo grupo, por exemplo, uma mesma pessoa desempenha papéis que ora é o de conciliador, ora do provocador; ora polêmico, ora convencional; ora participativo, ora omissivo. Diferentes vozes para o mesmo sujeito. Bakhtin diz que vozes são metáforas para a consciência (1997). A forma como se manifestam as vozes do discurso dentro dos grupos de WhatsApp estão alinhadas com o dialogismo proposto por Bakhtin (1997), em seu conceito de polifonia, mas o desejo de destaque de alguns dos presentes pode redundar em um processo de fala que, eventualmente, descaracterize a polifonia, conforme proposta pelo autor. Seriam vozes mais fortes, mais engajadas e mais diferenciadas, diferente do que ocorre na polifonia, onde as vozes têm igual valor, potência e não se misturaria com as demais.

A jornalista e pesquisadora Teresa Lúcia Halliday (1996) destrinchou essas variantes trabalhando com o conceito de persona do discurso. Familiar aos estudiosos do teatro e da literatura, o conceito de persona trazido por Halliday serve como instrumento de análise assumidos por um retor, isto é, por quem tem o poder de eloquência, de retórica. No jogo das conversas, define-se os papéis. Para Halliday, “ao invés de esconder, a máscara por onde soa a voz de um comunicador, revela valores, objetivos e expectativas com relação ao processo comunicativo no qual se engajou” (1996, p. 110).

A máscara, em seu sentido literal, está presente no WhatsApp, de diversas formas. Os emojis e a foto de perfil são duas delas. Mas nada é tão simbólico quanto aquilo que não é representado, o não dito. Rancière (2009) tratou das questões dos elementos discursivos que definem os rumos da mensagem. Não apenas a mensagem transmitida, mas sobretudo o significado que incorpora. Para Rancière, é preciso estar sempre atento aos pressupostos. É bastante conhecida a distorção dos significados dos emojis do WhatsApp, e são muitos, mas somente a título de ilustração: as mãozinhas do “Five” (🙌), significam “estamos juntos”, mas no Brasil virou “Se Deus quiser”. Ou a piscadela com beijo (😘), que só deveria ser trocada entre apaixonados, mas é uma despedida normal até entre quem nem mesmo se conhece. É evidente que as experiências culturais e locais contribuem para a construção

dessas interpretações, mas o entendimento que o sujeito tem de si mesmo e a suposição que ele, sujeito, tem sobre como os outros o entendem, também interferem na construção e interpretação da mensagem através de interações simbólicas. Para Bakhtin (1997), nós não tomamos consciência de nós mesmos a não ser a partir dos outros.

Como se vê, o teatro pode ser um bom refletor das percepções humanas. Goffman enunciou que vivemos em um teatro imaginário, com palco, cenário e plateia. No jogo das representações, um grupo qualquer já demanda a construção de um personagem (GOFFMAN, 1985). Nos grupos virtuais como os do WhatsApp, esse personagem pode alterar suas características, sem grandes penas, uma vez que, habitando a ordem do imaginário, ele tem mais liberdade de expressar seus sentimentos, sejam eles reais ou não, legítimos ou não. Note como é curiosa a disposição para ofensas nos grupos, ainda que se tenha que passar brevemente pelo constrangimento do encontro pessoal. O desgaste emocional, entretanto, é sempre imenso. Principalmente em se tratando de relações familiares, que geralmente não são tão voláteis, e muitas vezes são necessárias. Passar por construções e desconstruções contínuas só valem a pena se estiver em jogo algo muito valioso. E essa é a grande questão: o que, afinal, está em jogo nos debates do WhatsApp? O que se quer ganhar? Destaque, reconhecimento, poder?

Quando perguntaram a Foucault sobre se a filosofia teria algo a dizer sobre o porquê da tendência do ser humano de desejar exercer o poder, ele respondeu:

Quanto mais livre forem os seres humanos em suas relações uns com os outros, maior será seu desejo de determinar o comportamento dos outros. O desejo será tão maior quanto mais aberto o jogo, quanto mais variados tipos de jogos existirem nos quais seja possível dirigir o comportamento dos outros. Nas sociedades, em contrapartida, nas quais as possibilidades de jogo não estejam dadas, o desejo de poder também se reduz (FOUCAULT *apud* HAN, 2019, p. 93)

É possível ponderar que há uma considerável liberdade de se expressar via WhatsApp. Vários elementos, presentes e ausentes, já aqui apresentados, favorecem esse sentimento de liberdade. Considerando as palavras de Foucault, é possível refletir sobre como estão à vontade os participantes de um grupo de família. Aqueles que já se sentem à vontade de opinar sobre o comportamento do irmão, do primo, do filho, da mãe, do cunhado, etc, ficarão ainda mais confortáveis num ambiente onde o confronto não é direto, olho a olho, face a face. E o instrumento principal de exercer e determinar esse poder, poderia ser a última palavra. Foucault (2005) também afirmou que o poder não é um mal, mas sim um jogo estratégico que costuma fabricar verdades. Os especialistas em marketing político mundiais, que fomentam campanhas políticas através de estratégias de desinformação,

sabem fazer bom uso desta premissa. Basta uma leve distorção de um fato para se fabricar uma nova verdade. Tem-se, inclusive, nesse contexto, os 4 P's do Marketing⁵: o produto sendo a informação, a praça sendo o grupo de WhatsApp, o preço sendo a custo zero, e a promoção é sustentada pela própria credibilidade de um familiar, que ao chegar primeiro no envio de uma informação, mostra-se antenado, faz seu exercício de poder, destaque e notoriedade diante de seu grupo. Como se vê, as vozes que emanam desse discurso tendem mais a dispersar a audiência. Em se tratando de estratégia política, todo o sentido que possui a palavra polis, isto é, agregar em torno de ideias, sucumbe diante da ação de dividir pelo ódio, para depois ganhar.

Jogos de poder também são feitos através da linguagem. O WhatsApp se tornou ferramenta auxiliar na comunicação rotineira de muita gente. Mas, os objetivos iniciais de poupar tempo e democratizar a informação, logo se desviaram e transformaram o espaço em local de exposição de opiniões e, conseqüentemente, de proliferação de divergências, muitas vezes estimulados por jogos linguísticos que alteram o sentido, e fortalecem o sujeito em detrimento do grupo.

Dos vários elementos que foram abordados nesta pesquisa, a palavra, e seu uso, inapropriado ou não, merecem destaque especial. Wittgenstein (2000) afirma que o significado da palavra não deve ser compreendido como algo fixo e determinado, como uma propriedade que emana da palavra, mas sim como algo que as expressões linguísticas, a linguagem, exerce em um contexto específico e com objetivos específicos. Para o autor, as palavras assumem o teor semântico do contexto que se inserem, e conforme o conjunto que faz com outras palavras, naquilo que chamou de jogos de linguagem. Assim, acabou por desenvolver uma concepção pragmática para a linguagem, que se compunha através das combinações de elementos da frase, sendo que sua frequência de uso em determinado campo lhe atribuía o valor referencial e simbólico deste campo. Para refletir sobre o pensamento deste filósofo, tomemos como exemplo a palavra *anamnese*, etimologicamente referente ao campo da filosofia. Ela significa rememoração gradativa através da qual o filósofo redescobre dentro de si as verdades essenciais e latentes que remontam a um tempo anterior ao de sua existência empírica (CUNHA, 1982). Entretanto, a palavra foi incorporada ao vocabulário médico, referindo-se à entrevista ambulatorial que este profissional faz junto ao paciente. Assim, a palavra quase tornou-se sinônimo de diagnóstico, ou levantamento

⁵ Também conhecido como Mix Marketing, o conceito dos 4 p's, desenvolvido por Neil Borden, diz que para um plano de marketing ter sucesso é preciso considerar quatro elementos principais: preço, praça/ponto de venda, promoção e produto. Hoje, com a mídia customizada, esses elementos já não dão conta sozinhos de estabelecer o sucesso de um projeto (AMARAL, 2000, p. 52).

diagnóstico. E hoje agrega valor a todo profissional que a usa para identificar as necessidades do cliente. Por exemplo, há salões de beleza que abordam o cliente falando que a profissional realizará a anamnese para identificar o melhor tratamento para o cabelo. Vê-se que há um distanciamento do sentido original da palavra, ao mesmo tempo que ela mesma atribui seriedade e até mesmo maior valor ao trabalho do cabeleireiro, sugerindo que ele faz algo próximo a um médico. O valor de verdade⁶ que o campo da medicina detém é representado pelas palavras que compõe o seu universo, e se reverberam de diferentes formas na sociedade.

As verdades construídas que hoje pululam nas trocas de mensagens via WhatsApp, que tanto causam brigas ou desentendimentos, fazem parte da construção de uma crença verdadeira. Na contemporaneidade, a tradicional ideia de que a verdade é uma só perde cada vez mais força, cedendo lugar para os diferentes entendimentos sobre os fatos. Apresentam-se diferentes formas de verdades, aceitas como legítimas, e suas construções podem passar tanto pela objetividade científica como pela subjetividade do saber acumulado. Foucault (1989) fala que a sociedade precisa de um ‘retorno do saber’, uma busca por uma não erudição retórica e uma passagem para uma insurreição dos saberes dominados. Ao propor uma valorização dos saberes locais, Foucault propõe que eles se alinhem ao percurso do método científico. Para ele, os saberes locais precisam ser sistematizados, organizados, aplicados, e seus resultados disseminados para dar-lhes vistas, fazer-se presentes, fazer-se insurgentes. Desta forma, Foucault não refuta o valor da materialidade científica, mas propôs uma reflexão sobre elas, e o uso das experiências como componentes indispensáveis para a consolidação de um pensamento em frente ao mundo.

Esta linha de pensamento parece razoável no momento em que se debruça sobre os processos de decepção ou frustração do Homem diante do saber científico. No momento em que a cultura e o conhecimento local foram sufocados pelo saber estruturado da ciência, a sociedade tornou-se vulnerável aos desdobramentos desta nova realidade de determinismo científico, que se destacou frente aos saberes advindos da experiência de vida. A partir daí, só foi considerado verdade o que era cientificamente comprovado. Vale salientar que não se propõe aqui o questionamento do processo estruturado da pesquisa científica, mas apenas na forma como a ciência se comunica com a sociedade. Toda pesquisa parte de um ponto de

⁶ O valor de verdade irá variar conforme o Regime de Verdade vigente. Este conceito será melhor explicado no capítulo 7, mas diz respeito aos efeitos regulamentados de poder que criam uma política geral de verdade, isto é, tipos de discurso que a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros (FOUCAULT apud SILVA 2019).

observação da experiência, muitas vezes pautada na observação e hábitos e costumes praticados pelos saberes locais. Entretanto, ao divulgar para o senso comum apenas o resultado, em detrimento da demonstração do árduo trabalho de pesquisa experimental, dá-se ao senso comum a impressão de que a ciência se apropria de resultados já sabidos, desprezando o saber popular. Ocorre que a ciência também se baseia na experiência diária, na tentativa e erro, e na sua própria revisão para se manter viva. Mas como sua apresentação tem aparência determinista, seu revisionismo e atualização aparentam mais para a sociedade contradição do que atualização, o que acaba levando ao descrédito. A ciência, no seu linguajar academicista e de público restrito, acabou por desacreditar a si própria. Some-se a isso estratégias de mercado de fomento à pesquisa científica não com o fim de descobrir um feito, mas de promover determinado produto. No livro *Unsavoury Truth: How Food Companies Skew the Science of What We Eat* (A verdade desagradável: Como as empresas alimentícias distorcem a ciência sobre o que comemos), a nutricionista Marion Nestle (2018) relata vários exemplos de pesquisas na área da ciência financiadas por grandes empresas que utilizam "fatos científicos" para promover seus produtos. Há casos como uma pesquisa patrocinada pela Coca-Cola que atribuiu a epidemia de obesidade infantil à falta de atividade física, distúrbios no sono e hábitos de assistir TV, não apontando o consumo de refrigerante como causa de acúmulo de gordura no corpo. Muitas dessas pesquisas são publicadas em sérias revistas científicas, e dali partem para notícias na grande mídia, ou na mídia especializada, que dá crédito àquilo que foi "descoberto". E então vira verdade. Muitas vezes, desacreditando a especificidade do tema e o trabalho dedicado de centenas de cientistas.

Já vai longe o tempo em que tudo isso acontece. Mas o que estamos vendo no tempo da desinformação é uma potencialização desses eventos. Criam-se novas verdades para tudo o que é indesejado, o tempo inteiro. São embates pela comprovação do conhecimento, com desdobramentos que contribuem para uma desestruturação social tão forte e tão poderosa a ponto de abalar as instituições democráticas, e todo o valioso legado social dos elementos que a vem consolidando nas últimas décadas, como a aceitação da diversidade, os modelos saudáveis de relacionamentos e de convívio, conquistados ao longo deste tempo. Foi correto atribuir legitimidade e validade ao saber científico, que estabeleceu novas configurações e modelos de produção de verdade. Mas esse novo sistema teve um percurso construtivo passando também pelo destrato com outras formas de saberes, como o conteúdo e transmissão da linguagem oral, a memória social e os saberes locais. E isso se reverbera em

todos os setores da sociedade. É mais respeitado quem tem maior formação científica, e deste costuma ser a última palavra. Vale salientar que aqui tratamos daquilo que se refere à retórica, à formação de opinião, não passando, necessariamente, pelo saber especialista, que, inevitavelmente se fará preponderante. Se está se falando de doença, o mais apto a falar do assunto é um profissional de saúde. Mas se fala sobre forma de viver a vida, por exemplo, todos têm igual poder de fala, não se encerrando à questão na apresentação de um diploma qualquer.

É frequente que em grupos de afeto no WhatsApp todos sejam administradores. Mas essa horizontalidade do poder pode ser apenas retórica. A disputa entre Lugar de Fala⁷ - mais ligado à experiência - e Conhecimento Científico se reflete nos debates de grupos da mesma forma que na vida presencial. Conhecimento vira commodities, e há os que sabem aplicar bem o seu capital simbólico⁸, ingerindo sobre decisões com a outorga de quem é eleito a autoridade no assunto, o especialista. E veja que só esse termo para se referir ao especialista já é bastante sintomático: a autoridade no assunto. Autoridades são incontestáveis. Sua palavra é a última e estabelece verdades que, algumas vezes, nem de longe, combinam com o que é certo.

Vejamos um exemplo de verdade científica contestada, no qual a experiência pessoal – e a obstinação materna e paterna – conseguiu vencer a verdade do especialista. É o caso do filme “Óleo de Lorenzo” (1992). A história real, que aconteceu nos anos 1980, é sobre um menino que foi diagnosticado com uma doença rara, chamada Adrenoleucodistrofia, ou ALD. Ao receber o diagnóstico, a família foi informada de que o menino não passaria dos 10 anos de idade. Inconformados, os pais foram buscar outras opiniões médicas, que apenas confirmavam o prognóstico dado pelos primeiros. Sem alternativas no universo médico, os pais de Lorenzo, a professora Michaela e o economista Augusto, passaram a pesquisar a doença por conta própria, e depois de um tempo de profundos estudos, desenvolveram um óleo que atuou no tratamento de seu filho, e é utilizado até hoje como terapia mais eficiente

⁷ O conceito de lugar de fala, difundido na comunidade acadêmica pela autora Djamila Ribeiro (2017), tem origem imprecisa, mas acredita-se que tenha vindo de conceitos oriundos da teoria racial crítica e estudos de diversidade, e reflete sobre quem pode falar numa sociedade patriarcal e racista, na qual o discurso legitimado é o discurso do homem branco e heterossexual. As outras vozes são consideradas "outras", isto é, aquele que não é a norma. Assim, ao se pensar Lugar de Fala pensa-se como esse regime de autorização discursiva impede que esses "outros" façam parte, tenham direito a voz, não no sentido de emitir palavras, mas no sentido de existência através da construção dos seus próprios discursos. Quando se fala de Lugar de Fala, fala-se de Lugar Social, de localização de poder dentro da estrutura. (RIBEIRO, 2017).

⁸ A ideia de capital simbólico, da perspectiva de Pierre Bourdieu (2007), consiste em ativos econômicos, culturais ou sociais que se reproduzem e promovem mobilidade social numa sociedade dividida em camadas sociais.

no tratamento da ALD. Lorenzo viveu até os 30 anos, 20 a mais do que os médicos haviam previsto.

O caso do óleo de Lorenzo foi encarado pela comunidade médica como um desafio àquilo que Foucault chamou de poder pastoral. Especialistas não costumam aceitar serem questionados, não por perversidade, ou desejo do mal ao outro. Mas por considerar que ninguém está mais apto a tomar conta do rebanho do que ele mesmo. Foucault explica que,

O poder pastoral não tem por função fazer mal aos inimigos; sua principal função é fazer o bem em relação àqueles de que cuida. Fazer o bem, no sentido mais material do termo, significa alimentá-lo, garantir sua subsistência, oferecer-lhe um pasto, conduzi-lo às fontes, permitir-lhe beber, encontrar boas pradarias. (FOUCAULT, 1989, p.65).

De maneira geral, nos grupos de WhatsApp, este poder se manifesta com muita frequência, mas nem sempre é aceito de maneira unânime. Isso porque os poderes se equilibram na medida que eles se reconhecem, como poder e resistência. Se não há o reconhecimento desse “pastor” no grupo por parte de todos, o conflito é iminente. O que se tenta, de fato, é manter-se um cenário de microesferas de poderes claramente manifestados e copiados da vida presencial, através de articulações discursivas mais sofisticadas, num mesmo processo micro de produção de verdades (FOUCAULT, 1971). O poder, assim, passa a ser disputado. E nesse panorama de disputas, o ganha ou perde não significa necessariamente a obtenção de benefícios visíveis, mas contribuem para ressignificações de papéis no próprio cenário das redes, dando destaque aos sujeitos.

Raquel Recuero (2009) apresenta três elementos considerados no reconhecimento do sujeito no espaço das redes: a Reputação, a Popularidade e a Autoridade. Para Recuero, reputação compreende a percepção construída de alguém pelos demais atores; popularidade é o valor relativo à posição de um ator dentro de sua rede social; e autoridade é o poder de influência de um nó na rede social. Esses benefícios podem ser o legado individual para apenas alguns membros do grupo, e fortalecem o sujeito tanto no presente deste grupo, como em futuras oportunidades interacionais. Para alinhamento com o presente trabalho, tomemos como exemplo o cenário político. Mandar uma informação nova sobre determinado candidato no grupo dá popularidade. Mas se for confirmado que se trata de uma notícia falsa,

automaticamente quem desmascarou ganha credibilidade e herda a popularidade do primeiro emissor. Mais tarde, quando alguém consultá-lo publicamente sobre se determinado fato é verdade ou não, esse indivíduo ganha também a autoridade. Em debates futuros, o membro portador destes três benefícios, certamente, terá mais chance de ser ouvido e de exercer sua credibilidade diante dos demais. E ter esse reconhecimento por parte dos pares pode ser um excelente legado.

Nos grupos de família a autoridade do especialista é muito forte. Isto porque junto com o título, em geral vem um enorme orgulho de família e um significado de sucesso do grupo (BOTT, 1976). Ainda maior se se tratar de um membro mais velho. Ainda que ocorram comentários maldosos a respeito de determinada opinião científica, sempre falará mais alto a representação de sucesso do grupo.

MIDIATIZAÇÃO – O WHATSAPP COMO EXPERIÊNCIA

Muniz Sodré (2002) entende como processo de Midiatização as ações nas quais um veículo torna-se capaz de gerir sentimentos, emoções e afetos dentro de uma comunidade, a ponto de alterar os comportamentos a partir de sua capacidade de produzir emoções na vida social. E isso passa não só pela gestão dos relacionamentos vigentes, mas também por um novo reconhecimento do que é relacionamento. Nos tempos líquidos descritos por Bauman (1997), as relações foram ressignificadas e, talvez, enfraquecidas. O mesmo tempo do protagonismo das redes sociais digitais, que forneceram uma nova forma de fixar conexões afetivas. Ainda que recheada de conflitos, as relações via grupos de WhatsApp encontram sustentação para a aquisição de um canal de produção de felicidade, ou servem de válvula de escape. O celular, como mídia, alicerça o discurso desses grupos, e é determinante para a reconfiguração dos cenários dos encontros. Ele possibilita um local estendido. Diferente do computador, e um pouco semelhante ao que a TV representava num passado recente, o celular é uma mídia que permite uma extensão territorial e corpórea, possibilitando uma experiência multissensorial. Percebe-se isso ao observar como o celular parece sugar as pessoas para dentro da tela, para uma espécie de êxtase tecnológico, algo próximo ao que Sodré (2002) denominou bios midiático⁹. Nesse universo, tempo e consciência são elementos geralmente recontextualizados. A busca por uma comunidade perfeita pode ter dado vazão à profusão dos grupos de WhatsApp de uma forma geral, e mais especificamente os grupos aqui observados. Busca-se algo para atender às necessidades de afeto, algo que traga extensão corporal, transformando relações orgânicas através de elementos inorgânicos (SODRÉ, 2014).

Os recursos do smartphone nos fazem lembrar alguns filmes de realismo fantástico, ficção científica, ou aventura e fantasia que tem recheado os livros e as telas do cinema há

⁹ O conceito de bios midiático foi apresentado por Muniz Sodré em *Antropológica do Espelho* (2002), baseado no pensamento Aristotélico das bios. Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles diz que, na pólis grega, o homem transita em três esferas existenciais: a política (bios politikós), os prazeres (bios apolausticós), e o conhecimento (bios theoretikós). Mas para o filósofo poderia haver um quarto bios, que seria o comércio. Entretanto, por não estar vinculado à felicidade humana (Eudaimonia), e assim não contribuir para a integração do Homem na pólis, não seria um bios pleno. Para Sodré (2002), na contemporaneidade, a mídia poderia ser esse quarto bios que Aristóteles recusou. Apesar de também não estar comprometida com a felicidade do Homem, a mídia está a reboque do comércio, da tecnologia, e busca uma integração do sujeito na sociedade por via do capital financeiro. A informação é o solo desse bios, e acaba por pavimentar o caminho na busca pela felicidade. Esse seria o bios midiático.

décadas. Em 1964, Roald Dahl escreveu um desses livros que permanecem no imaginário infantil por gerações: *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. E isso se confirmou quando em 1971 a obra virou filme, mostrando as incríveis novidades do lugar. Um dos produtos da fábrica, fantástica de fato, era uma máquina que transportava uma imensa barra de chocolate de um ponto a outro, através de uma transmissão de TV. A proposta de William Wonka, o dono da fábrica, era aproveitar os comerciais não só como uma experiência visual, mas integral. Era assistir, sentir o cheiro, esticar o braço e pegar a barra. Compreende-se aqui o exagero didático de Dahl como um exemplo de bios midiatismo, e parece que grande parte dessa expectativa bios midiática tenha se transferido para as conexões e aplicativos de celular. O Smartphone parece simular essas sensações, mesmo sem o cheiro e o paladar. Nesse universo, tempo e consciência são elementos secundários, e a própria vida não virtual, com seus eventuais contratempos, parece não ser tão interessante quanto uma realidade paralela que, se não garante a felicidade, pelo menos é uma via segura de contestações e livre trânsito de opiniões. No caso do fenômeno comunicacional dos grupos de WhatsApp, há três elementos fundamentais da análise dentro da perspectiva dos participantes e sua experiência tecnológica: o sujeito integrante do grupo, o próprio grupo e a conexão:

1 – O sujeito: O sujeito se apresenta de forma peculiar como persona nesse discurso. Conforme já citado anteriormente, o conceito de persona advém do teatro grego, da máscara usada pelo ator para encarnar o personagem representado por ele (ARISTÓTOLES *apud* HALLIDAY, 1996, p. 110). O discurso da persona é o discurso do faz de conta, facilmente aceito e assimilado pelo receptor no contexto teatral. Pessoa e persona, portanto, não tem o mesmo sentido. A primeira está oculta dentro de camadas de individualidade (personalidade), enquanto a segunda se apresenta para a inspeção pública. Pessoa é sujeito, já persona é o que ele representa ou deseja ser (HALLIDAY, 1996). Quando a persona vem para o mundo real, e é aceita como verdadeira, ela está resguardada pelos códigos sociais estabelecidos pelo grupo onde se está. É uma realidade conveniente, combinada, imaginada. O aplicativo torna-se palco e o sujeito torna-se personagem.

2 – O grupo: O grupo é a companhia que se estabelece diante deste sujeito. Nele, cada um desempenha um papel individual, que pode variar em diferentes contextos retóricos. As vozes desse discurso se alternam conforme a conveniência, assumindo o papel de formadora de opinião, ouvinte ou base de eloquência para um ou outro.

3 – A conexão: A sofisticação tecnológica do aparelho de smartphone utilizado pelos integrantes do grupo, ou o computador que se está usando, dará suporte às personas do grupo, definindo para eles um potencial formador de opinião que estará diretamente ligado à sua capacidade de conexão e peculiaridades tecnológicas. Assim, alguém que está conectado durante todo o dia, com todos os recursos de hard e software em pleno funcionamento, responderá mais rapidamente às questões do grupo do que aqueles que só tem internet quando estão em casa, e por isso não conseguem acompanhar os debates. A questão econômica será, portanto, bastante relevante na disputa pelo poder de fala.

Em muitos grupos de WhatsApp, podendo ser de amigos do trabalho, amigos da escola, ou da família, não há moderador, todos são administradores. Talvez seja uma tentativa de horizontalizar o poder. Entretanto, é uma tentativa apenas retórica, pois cada um, individualmente, deseja maior destaque. As disputas pela última palavra transitam pelos três elementos citados anteriormente, e será maior ou menor conforme a representação momentânea, a frequência e as condições financeiras de prover mais ou menos recursos tecnológicos.

Outras variantes transitam entre esses três elementos: os ausentes, os omissos, as representações simbólicas através das imagens de perfil dos integrantes e do próprio grupo. Os dominantes, os dominados, os falastrões, os inconvenientes, os silenciosos, as publicações de status. No que diz respeito à família, tudo diz algo sobre todos e interfere nas próprias significações e ressignificações do grupo, traduzindo, possivelmente, uma tipologia dos membros estereotipados da própria família como o ‘tiozão do pavê’, a ‘tia competitiva’, a ‘irmã mal casada’, a ‘prima rica’, a ‘cunhada invejosa’ etc., que revelam uma certa ecologia social¹⁰. Uma diversidade de perfis que, em nome da união pelo afeto, estabelece uma dinâmica peculiar de circulação de informação, jogos de saberes e poderes.

¹⁰ Guattari (1990) entende a vida social como uma estrutura de equilíbrio mútuo, a que ele se refere como ecologia social. Para o autor, essa estrutura, juntamente com o meio-ambiente e a subjetividade humana, forma uma articulação chamada ecosofia, na qual o equilíbrio de toda a sociedade seria depositado.

REDES SOCIAIS DIGITAIS, COMUNIDADES E AS TICs

O WhatsApp não nasceu como rede social, mas acabou adquirindo essa característica com a ativação de algumas de suas ferramentas, como a função de status e o recurso de formação de grupos. E também pela banalização que o próprio termo rede social acabou ganhando. Atualmente, o senso comum trata como rede social apenas as redes sociais digitais (Facebook, Instagram, LinkedIn, etc). Marteleto (2013) salienta, entretanto, que redes de conexões são algo tão antigo quanto a própria humanidade. Nos primeiros registros de estudos sobre Redes Sociais, era frequente o uso do termo de forma metafórica, não estabelecendo relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as constituem.

A popularização do termo veio no início da segunda metade do século XX e assumiu grandes proporções na sociologia (FREITAS, 2010). Possivelmente, como inferência à necessidade social de unir-se em grupos, sejam eles de ação, de classe, ou de entendimentos, evitando assim o isolacionismo, que, em tempos de traumas pós-guerra, tornou-se uma preocupação coletiva constante. Como terminologia das ciências sociais, o estudo de redes acabou destacando questões de dubiedades, como indivíduo/sociedade, ator/estrutura, subjetividade/objetividade (MARTELETO, 2001). Entre as diversas significações que o termo rede vem adquirindo, a de network talvez seja a mais popular, estabelecendo uma relação direta com conexões para o trabalho. Mas não se limita somente a este sentido, servindo também como significação para sistemas de nodos e elos, estrutura sem fronteiras, comunidade não geográfica, sistema de apoio, ou um sistema físico que se pareça com uma árvore (MARTELETO, 2001). A rede social representa, assim, um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados (BOTT, 1976). Sendo assim, a família é uma das mais tradicionais redes sociais. E, tendo ganho ao longo de sua existência também este significado, os grupos de WhatsApp também são uma rede social, havendo, portanto, nos grupos de Famílias do WhatsApp uma redundância da função de rede de conexão. O que demandou uma atenção maior no que se refere a presente pesquisa, optando-se por compreender as duas estruturas, família e comunidade, e suas configurações em rede.

Em Família e Rede social, Elizabeth Bott (1976) descreve a família em um contexto maior, o que inclui pelo menos três gerações, compreendendo descendências periféricas e agregados. A autora encara a família sobre pontos específicos que, para ela, refletem a ação da sociedade sobre este grupo, assim como o contrário. A autora desconstrói a noção de

família ideal, com papéis conjugais específicos, quebrando paradigmas estruturais e funcionalistas, e especificando, de forma mais acurada, a ideia de que a família nuclear é uma estrutura isolada nas sociedades industriais modernas. Com a consolidação das estruturas capitalistas industriais, a sociedade tendeu a valorizar os microgrupos sociais, como os grupos religiosos, a confrarias e irmandades e a família, e a reduzir a importância de macrogrupos comunitários. Bott (1976) mostra ainda como as relações de proximidade física intervêm no funcionamento da rede familiar, descrevendo que a possibilidade de acesso físico a parentes interfere no tipo de relacionamento que se estabelecerá em determinado grupo. E é demonstrada como a convivência em comunidade tende a fortalecer mais os interesses humanos no que se refere a estabilidade na convivialidade. O ponto a ser observado pela pesquisa é compreender em que momento, e por que, a família atende mais a demanda capitalista do que a comunidade.

Em 1884, Friedrich Engels escreveu um estudo materialista histórico, chamado *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. O estudo de Engels (2006), baseado na crítica de Marx ao livro *Ancient Society*, do antropólogo Lewis H. Morgan, é considerado um dos primeiros grandes trabalhos sobre economia familiar. Nele, vê-se que a formação da família como hoje conhecemos foi desenvolvida a partir da necessidade de proteção da propriedade, dando a visão deste grupo como um sistema de concentração de riqueza. Bauman (1997) também escreveu acerca dos interesses do capitalismo industrial, que promoveu o desprestígio macro de comunidade e favoreceu a valorização da família¹¹, para a qual uma das grandes referências de sucesso é o acúmulo do capital, o que aliás se mantém até os dias de hoje. Neste contexto, a competição invisível do “quem tem mais” tem estado presente nesta realidade na maioria das vezes. Em tempos de redes sociais digitais, a questão do prestígio financeiro se especifica pelos membros. Assim, o de maior sucesso é o que tem mais capital financeiro, intelectual, emocional (BOURDIEU, 2007). E este pode ser o maior “*influencer*”, para usar o jargão da moda, do mundo digital. Bourdieu (2003) afirma que o capital intelectual e o capital financeiro podem simbolizar o sucesso com igual peso no contexto familiar. Vê-se, portanto, que o modelo familiar, tido por muitos como exemplo a ser seguido, é uma invenção absolutamente recente, e de enorme conveniência ao modelo capitalista. O sentido de família como algo mais parecido com o conceito antropológico de clã está muito mais ligado à ideia de comunidade do que o jargão defendido na atualidade, a chamada de família tradicional.

¹¹ Veremos a questão da ascensão da família em detrimento da comunidade mais detalhadamente no tópico seguinte.

Na Antiguidade, Aristóteles dizia que o homem é um animal político; na Idade Média, São Tomás de Aquino complementa a máxima aristotélica, dizendo que o homem é um animal político e social. Nascemos sós, morremos sós, mas só vivemos em grupo. A função da comunidade, portanto, vai além do contexto da socialização, chegando à própria fisiologia humana, como garantia de sua sobrevivência, seja em termos práticos da materialidade do ser (alimentação, reprodução, proteção), como também da formação de sua consciência enquanto ser (sua memória, seu histórico, seu legado)¹². A comunidade fomenta os elementos que encaminham a viabilidade deste ser socialmente estável e saudável sob todos os pontos de vista do protocolo humano. Viver em grupo viabiliza inclusive a capacidade humana de viver sozinho. Ou seja, só se vive bem solitariamente se for possível viver com o outro (PAIVA, 1988).

O elemento que promove a integração social do ser humano é a linguagem. E a linguagem, por sua vez, determina os modelos de comunicação necessários para seu pleno funcionamento. Para se estar com o outro, é preciso haver algum modo de linguagem. Esses dois elementos fornecem, ao mesmo tempo, o caráter de heterogeneidade do sujeito - o que lhe delega autonomia, autoestima, autoconfiança, etc; e o caráter de homogeneidade do grupo - que o fortalece, o protege, o define como pertencente a um agrupamento, e de ter uma história.

Paiva (1988) trabalha com o conceito de *Clinâmen*, do filósofo Epicuro, para tratar da questão do surgimento da comunidade (EPICURO *apud* PAIVA, 1988). Epicuro apresentou sua teoria atomista para explicar o surgimento do mundo. Nela, diz-se que dois átomos caindo no vazio numa mesma direção paralela, ao se chocarem, geram a energia que forma o mundo. Se fosse no contexto comunitário, quando esses dois átomos se chocam, seriam geradas as interferências, os incômodos, a comunicação, os diálogos, a explosão, o que preconizam a existência da comunidade. A comunidade possibilita o aparecimento do que é mais verdadeiro e natural. O individualismo seria um atomismo incoerente, porque o homem não foi feito para viver sozinho.

Marteleto (2013) lembra que no próprio contexto da globalização e do desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, as chamadas TIC's, vimos assistindo uma nova forma de interação dos sujeitos, envoltos nas infinitas redes de comunicação, criando um modelo novo de cultura informacional, onde estão presentes uma

¹² A discussão sobre o ser terá especial atenção no capítulo de conclusão desse estudo.

convivialidade discursiva¹³, epistemológica e política que permite entrever diferentes versões dos próprios sujeitos, carregados de novos significados, que apresentam outras identidades e representações (MARTELETO, 2013). Os grupamentos sociais em rede existem desde a pré-história, mas relacionar-se em rede é um processo que tanto pode ser considerado parte da evolução como da involução do ser humano.

Redes Sociais são estruturas aberturas, com relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre pessoas ou organizações conectadas por um ou vários tipos de relações, e que geralmente compartilham valores e objetivos comuns (BOTT, 1976). Redes não são, portanto, apenas uma outra forma de estrutura, mas quase uma não estrutura, no sentido de que parte de sua força está na habilidade de se fazer e desfazer rapidamente.

No passado, ciclos de amizades eram seletos e reduzidos. Foucault apresenta a sociedade disciplinar ao descrever como um modelo panóptico da vida trazia uma perspectiva de vigilância constante que pouco cabia ousar, inclusive no início de novos relacionamentos. A estabilidade no trabalho, a formação de um patrimônio com estabelecimento de um lar próprio, que conferiam endereço por uma vida inteira, estendia as relações de afeto à família, à vizinhança e ao trabalho. Vizinhos viravam o parente mais próximo, colegas de trabalho tornavam-se padrinhos dos filhos, parentes se visitavam no final de semana.

Hoje, as relações humanas se ampliaram em número, estabelecidos entre frágeis conexões que convencionamos chamar de rede, mas não necessariamente se encerra no conceito que está sendo trabalhado neste capítulo. São novos códigos, conceitos e condições estabelecidos para a configuração dessas conexões, não necessariamente vinculadas pelos laços que unem os seres humanos. Bauman (2003) tratou das questões do afeto justamente delimitando a diferença entre comunidade e rede. Para o autor, a comunidade precede o indivíduo, que é seu constituinte, nasce nela. E é na comunidade onde se torna possível a ocorrência das amizades em significado integral, o único que conhecíamos até vinte anos atrás. Já a rede é construída pelo indivíduo e mantida viva por ele, através da singular capacidade de conectar. Ou desconectar. Desconectar-se nas redes sociais, portanto, é algo trivial, se faz em um clique. Neste contexto, poderia se dizer que desconectar é muito mais simples que desvincular. O desvínculo requer conflito, ofensas, palavras injuriosas, sofrimento, sentimento. A desconexão é fria, momentânea e instantânea. A questão que

¹³ Marteleto (2013) usa o termo Convivialidade Discursiva para descrever o modelo de convivência praticado nas redes sociais, digitais ou não, no qual o modelo do discurso, na maioria das vezes textual, denota o comportamento esperado pelos participantes deste grupamento social.

envolve os grupos de família é que mesmo se desconectando após um conflito, saindo do grupo, o desvínculo é quase impossível. Ainda que se rompa em definitivo as relações, sempre haverá a expectativa do retorno, em nome de uma história e pelos laços de sangue.

Sobre a família, em si, o que a torna uma rede social sólida é o desejo comum de perpetuação de seus valores, suas tradições, e de seus genes. É a certeza de permanecer no mundo, mesmo quando não estiver mais nele. Nas sociedades tribais e/ou rurais, as famílias eram os centros de redes sociais mais sólidas, do tipo que Bott (1976) chama de redes de malha estreita. Viviam cercadas pelos parentes de ambos os cônjuges e estes parentes eram também os vizinhos, amigos e companheiros de trabalho. Essa proximidade conferia maior solidez ao grupamento, solidificando a configuração da rede, e atingindo o objetivo principal: manter a família protegida. A felicidade neste tempo ainda não estava em questão, ou seja, vive-se por viver, não para cumprir o protocolo social do sucesso travestido de felicidade.

Nas sociedades industrializadas, o parentesco não desempenharia um papel tão importante. A família elementar, composta por pai, mãe e filhos, seria considerada como um grupo que permanece isolado (BOTT, 1976). Não seria comum, portanto, o parentesco fornecer o arcabouço da estrutura social em sua totalidade, da mesma forma que ele o faz em algumas sociedades em pequena escala, como as sociedades rurais. Desta forma, trazendo o pensamento para a atualidade, poder-se-ia pensar que no contexto das grandes cidades, os grupos familiares de WhatsApp acabaram propiciando uma aproximação desejada da família como macro grupo social, coeso e satisfeito, semelhante àquela realidade possível apenas nas pequenas comunidades. A falta de oportunidade de se estar juntos teria deixado um vazio preenchido por esses grupos virtuais.

Mas não apenas a questão do *link* entre os parentes define o *status* social deste grupamento. O sistema econômico e ocupacional, a estrutura das instituições formais, a ecologia das cidades e muitos outros fatores afetam a conexão das redes, limitando e configurando as decisões que a família possa vir a tomar (BOTT, 1976). Se o sistema ao redor influencia na formação e comportamento das famílias, toda a comunidade virtual, incluindo contatos pessoais e outros grupos a que pertencem, podem estabelecer, em algum momento e de algum modo, ações de interferência comportamental no grupo familiar. A reputação da família estará fortalecida, e perante a sociedade ensejará como referencial simbólico de coesão social respaldada pelos laços consanguíneos e pela herança cultural.

Bott (1976) afirma ainda que existe um contrato social sobre o que é ser uma família “normal”, e sobre que normas sociais da vida familiar devem prevalecer para que haja o

reconhecimento da sociedade sobre a legitimidade desta rede social. Em geral, essas normas se baseiam nos ensinamentos das igrejas e nas regulamentações legais das cortes de justiça. Este protocolo permite aos indivíduos reconhecerem a existência destes padrões fixos externos, sobre os quais há uma concordância, e que lhes permitirão reconhecer-se, e reconhecerem a outros, como membros de determinada família. Essa normativa acaba por estabilizar a existência do grupo e promover o reconhecimento dos seus membros entre si. Estar presente nos grupos virtuais serviria como suporte periférico desta estabilidade, assim como comparecer aos eventos sociais, como formaturas, funerais, almoço de domingo, bodas, ceia de natal, etc. Note que aquele membro que nunca comparece é o desunido, o que desgarrado do grupo, visualizado como elo fraco do clã.

Bauman (2003) destaca o conteúdo semântico da palavra comunidade para descrever o peso do seu significado. Comungar, tornar comum, aproximar, agregar. Para o sociólogo,

A comunidade é como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça (BAUMAN, 2003, p. 7).

Como lugar de segurança, em certo modo, a comunidade tem um caráter limitador da liberdade, porque regula e padroniza hábitos e costumes com vistas a estabilidade do grupo. Mas ao mesmo tempo libertário, na medida em que não se pode atestar onde a comunidade começa e onde ela termina, dando margem à revisão constante desses mesmos padrões, e naturalmente, ao longo de sua existência, elegendo o que será tradição (marca do grupo) ou obsolescência (o que o externo ao grupo determina). Entretanto, Bauman (2003) destaca que foi justamente o pretexto libertário que abalou a coesão comunitária, sob a alegação de que para se adaptar à nova realidade do trabalho na indústria seria preciso se libertar das tradições comunitárias, estando apto a um novo ambiente pouco familiar e repressivo. Possivelmente, mais do que se desvincular à comunidade estaria se dando, neste processo, uma adaptação a um novo tipo de congregação humana, menos afeita ao afeto, ou a questões pessoais. Isto é percebido até mesmo no novo modelo de apresentação pessoal para o trabalho. O uso de uniforme nas fábricas, nas escolas e nos hospitais é uma pista do processo de padronização de costumes e modelos de interação social.

Para que se adaptassem aos novos trajes, os futuros trabalhadores tinham que ser antes transformados numa “massa:” despidos da antiga roupagem dos hábitos

comunitariamente sustentados. A guerra contra a comunidade foi declarada em nome da libertação do indivíduo da inércia da massa. Mas o verdadeiro resultado — ainda que não dito — dessa guerra foi o oposto do objetivo declarado: a destruição dos poderes de fixar padrões e papéis da comunidade de tal forma que as unidades humanas privadas de sua individualidade pudessem ser condensadas na massa trabalhadora. A “preguiça” inata das “massas” não passou de uma (débil) desculpa (BAUMAN, 2003, p. 30).

A construção do desprestígio da comunidade apresentada por Bauman, iniciada na modernidade, ainda se confirma na atualidade, na qual os processos de padronização ainda estão presentes, mas confrontam-se com a questão da hipersubjetividade¹⁴, que também acaba por esvaziar a potência do sentido de comunidade. Tomemos como exemplo a comunidade médica. Ela se padroniza por uma série de requerimentos para obtenção de graus de formação. Graduação, internato, residência, especialização. Mas o especialista é cada vez mais especialista. Assim, não basta, por exemplo, ser ortopedista, é necessário ser especialista em dedos do pé. Maior será o prestígio se for especialista em metatarsos. Muitos médicos quando indagados sobre sua profissão não respondem mais médicos, mas dermatologistas, neurocirurgiões, obstetras, etc. Alocam-se mais no perfil de especialistas do que na comunidade médica.

O aparato tecnológico que surge a todo tempo fortalece esse processo, no qual o sujeito é cada vez mais sujeito e menos grupo. Agora é o sujeito que se redefine, não necessariamente através de suas ações, mas sobretudo através da sua imagem. Mas esse sujeito, tecnologicamente reinventado, continua necessitando de um grupo para existir enquanto ser social, o que vem mudando de forma espantosa os modelos comunitários que estávamos acostumados.

Toda essa novidade parece causar certo mal-estar social, sem ainda muitos antídotos comprovados, uma vez que ainda há poucos estudos formais sobre os eventos sociais que estão ocorrendo na atualidade. Ouve-se nas ruas, em discursos de palanque, ou em reuniões escolares algo acerca de uma suposta crise de valores para se explicar os novos modelos de convivência, sustentados pelas novas tecnologias digitais. Mas, quais seriam exatamente os valores que se encontram em crise? Valores como união, integridade, respeito, honestidade, lealdade estariam sendo perdidos ou sendo substituídos por outros valores mais aderentes à vida contemporânea, como aparência física, riqueza, domínio do conhecimento, poder? Num

¹⁴ O termo hiper-subjetividade, trazido por Pierre Dardot & Christian Laval, surge como uma alternativa ao sujeito moderno observado por Hegel, cuja identidade estava baseada na articulação entre indivíduo e trabalho social. A hiper-subjetividade apresenta um sujeito desobjetivado, ensimesmado, constrangido ao novo, à mudança, e que, sem a possibilidade de estabelecer laços efetivos com o mundo, prefere abster-se das massas (SANTOS, 2016). Nesse processo, aumenta a angústia do isolamento voluntário que descontextualiza a sua própria existência.

passado recente, os valores esperados de uma mulher na sua comunidade eram o de ser boa mãe, boa esposa e leal aos princípios religiosos. Hoje, acrescentam-se outros valores, como ser boa profissional, multitarefas, magra, antenada com os acontecimentos. Note, porém, que os primeiros valores citados podem ter perdido peso, mas não deixaram de ser expectativas sociais em relação à mulher. Todo o esforço de desconstrução e reconstrução do que é ser mulher na comunidade passará também por quebra de paradigmas em uma perspectiva maior, e antes dela, da comunidade que se está tratando. Dificilmente, numa comunidade muçulmana, o papel de boa esposa deixará de existir, porque é prerrogativa nesta comunidade, no contexto que aqui tratamos, a ideia de que uma mulher que não casou seja de fato alguém fracassada. E mesmo na dita sociedade cristã ocidental, esses valores mudam conforme a região de que se está falando.

O que se pode perceber é que a perda do protagonismo da vida em comunidade é um processo que vem se dando desde o advento do capitalismo industrial, e que se estende até os dias atuais. Tönnies (2002) demonstra que, já na modernidade, a comunidade perdeu significado social em relação ao sentido de sociedade. A construção de um grupamento social coeso que representasse o desenvolvimento social e humano de uma nação (sociedade) se projetou para a própria humanidade diante da realidade do capitalismo. E é nesse contexto que um micro grupamento social que se agrega pelo afeto (família) ganhou notoriedade como forma de sustentação da sociedade. A família (micro comunidade) passou a representar um caminho para o desenvolvimento de uma nação, pregando-se que ela é uma das construtoras de uma sociedade desenvolvida (macro comunidade). Se antes a família estaria unida em território largo, com proximidade entre primos, tios, tias, agregados etc., na modernidade ganha notoriedade, e mais, vira modelo de sucesso, a família composta pelo pai provedor, a mãe zelosa, os filhos obedientes. Em 1978, ao refletir sobre a família disciplinar em crise, Foucault afirmou:

Há quatro, cinco séculos, considerava-se que o desenvolvimento da sociedade ocidental dependia da eficácia do poder em preencher sua função. Por exemplo, importava na família como a autoridade do pai ou dos pais controlava os comportamentos dos filhos. Se esse mecanismo se quebrava, a sociedade desmoronava (FOUCAULT, 2014 p. 262)

A sustentação do modelo familiar, portanto, estava diretamente ligado à estabilidade social, na demanda de formação de corpos dóceis e úteis. E esse modelo demanda um percurso de sucesso, que passa pela constituição de um patrimônio, formação profissional

dos filhos, disciplina religiosa e uma certa estabilidade no estado de bem-estar social. Um modelo de grupamento humano que servisse como vitrine de sucesso da própria sociedade.

Na era das Redes Sociais Digitais, não é preciso ser uma família feliz e bem-sucedida, o necessário é parecer uma família feliz e bem-sucedida. Para isso, a de se cumprir demandas e protocolos que produzam o sentido do sucesso. E esses protocolos sociais a serem cumpridos tendem a mudar de tempos em tempos. Por exemplo, entre os entrevistados para a presente pesquisa¹⁵ foi possível observar que, na atualidade, uma família para ser considerada unida, aguerrida, gregária, precisa ter um Grupo de WhatsApp. Se ela não tem, é porque ela não está incluída nesse modelo familiar perfeito, constituindo um núcleo central e os periféricos, em torno de uma matriarca e/ou um patriarca, e que se estende em linhagens, primos, sobrinhos e agregados, que simbolizam as famílias do passado.

Vê-se, portanto, que o WhatsApp inaugurou novas formas de sociabilidade, tornando-se um canal que reafirma ao grupo o sucesso dos micronúcleos familiares. É por ele que se tem notícia, em primeira mão, do novo carro de algum membro da família, da conquista da casa nova, de um emprego melhor, da entrada na universidade, da gravidez de alguém. Sendo um grupo de afetos positivos, isto poderia ser encarado apenas como o compartilhamento de boas conquistas pelas quais todos torcem em conjunto. Mas a formação de família moderna corrobora para que se tenha a impressão de que se trata na verdade da defesa de um status e do cumprimento do protocolo de sucesso, sobretudo numa configuração social capitalista.

Ainda dentro da perspectiva da função social do grupo familiar de WhatsApp, é preciso detalhar essa função de “vitrine do sucesso” que o aplicativo cumpre. Numa sociedade baseada no binarismo vencedores e perdedores, riqueza e sucesso precisam ser expostos. Antes, os porta-retratos da família feliz num dia solar anunciava a categoria de um lar com membros unidos e cumpriam um pouco esta função. A própria história da relação família-fotografia se apresenta como interessante exercício de reflexão. Na época da popularização da fotografia, o dia em que a família seria fotografada era um evento por si só. Todos se reuniam para o registro, com suas melhores roupas, e o posicionamento de cada membro na foto era cuidadosamente pensado. O núcleo central, com o(s) membro(s) mais velho(s) sentado(s), e todos os demais ao seu redor, em pé, e em geral, sérios (LEITE, 2001). Sorrisos eram dispensáveis para aquele momento de registro, fortalecendo o caráter

¹⁵ Vale salientar que as entrevistas foram realizadas com moradores da cidade do Rio de Janeiro e de Niterói, que carecem de um convívio mais íntimo em família. Mas, mesmo no grupo virtual, onde faltam alguns elementos caros à comunicação, sustenta-se a expectativa de se cumpra esse papel de agregar pessoas pelo afeto.

documental daquele momento, e dando uma prova da existência, solidez e união daquele clã, um registro histórico¹⁶. Nessa ocasião, também era comum a família receber a comunidade externa para expor sua união e seu sucesso. Esse momento de registro da família, agora, com o WhatsApp, pode acontecer a qualquer tempo, e por qualquer pessoa. Podem ser resgatadas fotografias, e também montagens podem ser feitas e álbuns reunidos. A circulação da informação do sucesso se dá de forma muito mais eficiente. De uma forma ou outra, tudo compete para o bem comum do grupo.

A família, neste contexto, pode ser compreendida como o produto do sistema social que reflete o estado de cultura desse sistema (PAIVA, 1988), considerando na constituição dessa perspectiva cultural as questões ligadas ao território – relacionadas à demanda de acumulação de capital já citada anteriormente – e as questões ligadas à moral. Na atualidade, a questão moral, no que diz respeito à construção de núcleos familiares, costuma se juntar à questão simbólica dos bens acumulados para definir um modelo de família perfeita. E também passa a vincular o amor à união familiar. Ou seja, a ‘família nuclear perfeita’ é aquela formada por mãe, pai e filhos biológicos, possui bens acumulados, não deve a ninguém, e se ama profundamente, abrindo mão inclusive das individualidades em função da felicidade do grupo. Mas, ao mesmo tempo, persegue e preserva os ganhos individuais como forma de dar vista ao seu sucesso.

Essas premissas, entretanto, não são simples de serem executadas na prática de um grupamento humano, porque os sentimentos que emergem em grupos humanos coesos tendem a serem mais conflitivos do que conciliativos. Aquela visão que Paiva (1988) traz de Engels, de uma estrutura pragmática e funcional da formação do grupo família, não contempla a profundidade envolvida na questão do afeto. Primeiramente, o amor e a admiração, mas também os sentimentos de ódio, rancor, mágoa, ressentimento, inveja regulam o funcionamento da família. Colocar em risco a práxis da união familiar por conta de alterações de sentimentos promovidas por elementos externos a este grupo foi uma enorme ameaça que se apresentou a partir das mídias sociais, sobretudo, da que tratamos nesta

¹⁶ Embora não seja um estudo específico sobre Memória, essa área do saber pode trazer importantes reflexões sobre os eventos sociais recentes, incluindo o objetivo específico da foto em família. Neste tempo, registramos tudo, mas não visitamos nossos registros, não há lembrança. Não se visitam conhecimentos, memórias. A família força um pouco o reconhecimento da necessidade desses protocolos de memória para manter viva sua própria história, seja no contexto do grupo ou no seu individual. Ainda que ameaçada por questões alheias à sua própria existência, a família pode ativar um viés de crítica à intoxicação informacional a que hoje a sociedade se expõe. Seja de forma a reinterpretar seus conteúdos afetivos, ou mesmo no esforço para resgatá-los e preservá-los.

pesquisa, os grupos de família de WhatsApp. Como já dito anteriormente, parece haver um protocolo familiar a se cumprir com a formação de um grupo da família. Mas, se há um protocolo social a ser cumprido, há também a necessidade de se regular o termômetro desses sentimentos para não perder a união desse precioso contexto de agrupamento comunitário. Reinterpretar os afetos poderia ser um desses recursos. Assim, a decepção por um posicionamento político de algum membro da família que chegue a confrontar valores preservados por aquele grupo, podem ser contemporizados com atenuantes a fim de não renegar ninguém do grupo. Isso acontece quando, por exemplo, um comentário jocoso de conteúdo homofóbico é explicado apenas como “foi só uma brincadeira”.

O conteúdo midiático que permeia a questão da família nos dias de hoje, incluindo neste contexto o aplicativo WhatsApp, constrói uma realidade conveniente, um hiper-real¹⁷. A comunicação se manifesta cada vez mais como o produto de hiper-realidade a serviço da sociedade. Ter um grupo de família coloca o agrupamento familiar no padrão normativo da sociedade contemporânea, e estar no grupo da família cumpre uma espécie de código de honra, no sentido de valorização das origens, da tradição, da herança histórica e, sobretudo, do papel de maior destaque dentro da sociedade, aquele que o faz ‘Ser’, mais do que ‘Estar’. Se ‘Está’ num grupo de trabalho, mas se ‘É’ membro de uma família. Ao mesmo tempo que o humano se torna um ser cada vez mais individualizado, mais ele precisa pertencer a um grupo para ganhar significado dentro da humanidade. Ou como afirmou o teólogo Dietrich Bonhoeffer:

O verdadeiro sentido da comunidade é nos ensinar a estarmos sós. Entretanto, só se ganha significado quando se pertence a uma comunidade. É o processo que enraíza o cotidiano do outro, da mesma forma reconhece a sua própria existência (BONHOEFFER *apud* PAIVA, 1988)

Na família está uma das bases das relações intersubjetivas, e é neste agrupamento social que o indivíduo tem mais chance de ter sucesso no drama da existência.

Com relação à perspectiva política, o papel que o WhatsApp vem tendo na vida política brasileira recente tem sido de enorme relevância, e isso já vinha dando sinais de sua potência desde 2013. A polarização política de 2018 apenas elevou ao máximo a possibilidade de conflitos, que vinham sendo deflagrados num período mundial de

¹⁷ O conceito de hiper-realidade, de Jean Baudrillard (1991), consiste na perda da capacidade, por parte da consciência, de distinguir a diferença entre a fantasia e a realidade devido à exposição a simulacros dessa realidade. É quando de tanto conviver com uma versão alterada da realidade, acaba-se perdendo totalmente a noção do que é a real.

polarizações diversas, oriundas de revisões de questões que já se acreditava resolvidas pela história. Os sujeitos, isoladamente ou em grupo, vêm se deixando levar por novas linhas de pensamento e verdades alternativas, reconfigurando os próprios sentimentos, gerando também afetos alternativos. Relações de amor e ódio que o velho grito dos laços de sangue não tem dado conta de sanar.

Nas últimas eleições, a transmissão de fake news via WhatsApp foi determinante para as escolhas políticas no Brasil. A facilidade de disparos de mensagens em grupos com uso de robôs criou uma atmosfera assustadoramente eficiente para a disseminação de ideias e estabelecimento de uma onda de moralismo capaz de causar uma espécie de histeria coletiva. Apesar da banalização do termo, a histeria coletiva é um fenômeno psicológico capaz de desencadear danos graves para a humanidade. Na conjuntura da potência de disseminação de mensagens via WhatsApp, podem causar o que o médico americano Robert Bartholomew (2006) chamou de doença de ilusão social, cujo maior efeito é desestabilizar o emocional para criar uma nova ordem desejada. No vale tudo do convencimento em massa, pouco se mede sobre as consequências sobre o que é dito e difundido. Informações capazes de despertar tal desestabilidade, simplesmente não passam pela razão. Até porque, mais se busca fundamento para o que se pensa, do que sobre a verdade sobre o que se deve pensar.

Como palco de representações, o WhatsApp se tornou arena de disputas de narrativas, onde todos querem ser especialistas. O debate ficou inviabilizado e a briga para ter razão está cada vez mais acirrada. O que se vê, contudo, é que hoje, em novos capítulos da corrente história brasileira, comprova-se que a razão tem estado mais atrelada à manutenção de um posicionamento ideológico do que, necessariamente, à verdade dos fatos. O próprio termo ‘verdade dos fatos’, ou simplesmente a própria verdade, encontra-se em estado profundo de revisionismo semântico. É como se estivéssemos assistindo à morte do argumento.

Em entrevista ao jornal O Globo no dia 17 de julho de 2019, o sociólogo espanhol Manuel Castells disse que as pessoas não funcionam racionalmente e sim a partir de emoções. Para ele, a matriz do comportamento é emocional e, depois, utilizamos nossa capacidade racional para estruturar o que queremos. Nesta perspectiva, boa parte da sociedade estaria praticando um novo fundamentalismo ideológico, buscando nos processos de comunicação aquilo de que precisa para confirmar algo segundo a qual já estaria convicta. Nesse contexto, um canal de escoamento das crenças estabelecidas seria providencial para a sustentação dos desejos da razão, agora mais atrelada à subjetividade do que à ciência.

A razão estaria agora, portanto, não mais atrelada à verdade. Ela, razão, estaria vivendo seu ponto mais alto de relação com a subjetividade, sendo regida unicamente pela emoção. E se as emoções variam, existiriam, então, várias verdades a serem legitimadas. Sob essa perspectiva, seria inimaginável as regulações macrosociais, geralmente embasadas em princípios morais, oriundos da religião. Veja como a legislação do ocidente é parecida com as tábuas de Moisés. Abriríamos mão, então, do modelo de vida em sociedade hoje vigente, substituindo-o por uma realidade autônoma e individualizada, ou no máximo integrada por poucos. Tomando as mesmas tábuas de Moisés, por exemplo, qual é o ‘Não matarás’ que está em jogo? O que se refere a todos os seres humanos, ou àqueles seres humanos que me são mais caros?

Possivelmente, há algumas décadas, a reflexão aqui apresentada, com questões filosóficas de relativa relevância, pertinentes ao campo da comunicação e outras áreas dialógicas, poderia parecer desconectada de uma ponderação envolvendo um dispositivo tecnológico em formato de telefone. Mas nem mesmo Jan Koum, o ucraniano inventor do WhatsApp, tinha real ideia da dimensão comunicativa que seu produto teria¹⁸. Um dos muitos desafios a serem vencidos pelos campos de estudos pertinentes ao WhatsApp é desvendar, diante da complexidade dos desdobramentos sociais provocados pelo uso deste aplicativo, mesmo em grupos sociais aparentemente coesos, como a família, qual será o ponto de esgotamento do uso midiático do WhatsApp. Afinal, diante da aparente inviabilidade da mediação, mesmo com a potencialidade de um veículo de comunicação de massa, deve haver um ponto de equilíbrio para esse uso do WhatsApp como mídia. E ainda, no que tange à família, o que exatamente falta nos grupos de WhatsApp que abala as estruturas dessa instituição com a possibilidade constante de conflagrações, a ponto de revisar os afetos constituídos entre os integrantes dos grupos, sobretudo num cenário de polarização política.

¹⁸ Entrevista disponível em <https://canaltech.com.br/carreira/conheca-a-trajetoria-de-jan-koum-criador-do-WhatsApp-93972/>, acesso em janeiro de 2020.

A HUMANIDADE, A POLÍTICA E AS TICs

De tempos em tempos, a humanidade experimenta algum tipo de frustração decorrente de uma expectativa gerada por um experimento, uma descoberta, ou de algum movimento revolucionário e/ou libertário que trouxesse um novo tempo de boas perspectivas para si. Segue-se um ciclo semelhante a algo como expectativa, frustração e desenvolvimento, onde a terceira fase sempre atende um anseio capital (MATOS, 2001). No início do século XX, por exemplo, os representantes da Escola de Frankfurt refletiam sobre os rumos tomados pela humanidade após o ideal iluminista, que prenunciava que tudo seria melhor dali em diante, e a realidade da deterioração do homem pelo homem, bem representada já na primeira guerra mundial. Os filósofos ali reunidos queriam saber o que, afinal, aconteceu com a Europa, onde um povo supostamente civilizado, que trouxe a luz e a civilidade ao mundo, se autodestruuiu após a primeira grande guerra. Do período após a segunda guerra até a estagnação econômica mundial a partir da década de 1970, muitos países experimentaram o auge de suas economias (BEZERRA, 2019). Seguiu-se a isso, 20 anos de economia estagnada, muitas crises econômicas mundo afora, e no início dos anos 90 a ascensão da política neoliberal se apresentava como um novo sopro de esperança e também como anúncio de uma tendência de um capitalismo meritocrata, mais prático, e que prometia estabilizar a sociedade.

Mas, olhando de forma mais acurada, percebíamos toda a geração libertária dos anos 1960 e 1970 jogando por terra a perspectiva do *Peace and Love*, e promovendo o boom do Vale do Silício e sua forte indústria das chamadas tecnologias da informação e comunicação. Os próprios descendentes dos libertários que rumaram a São Francisco, na Califórnia, consolidaram a indústria da computação que explodiu no início do século XXI, anunciando novas possibilidades de conexão humana. Mais uma vez, veio a euforia, com a promessa libertária da Internet, uma grande aldeia global.

É fato que a humanidade criou grande expectativa em torno dos benefícios que as novas tecnologias da informação e comunicação trariam para a sociedade, com base nas potencialidades de uma utopia tecnoliberal, celebrada por autores como Pierre Lévy, Dan Gillmor e Henry Jenkins (BEZERRA, SCHNEIDER, SALDANHA, 2013). No entanto, a perspectiva comercial imposta pelo capitalismo a todo tipo de inovação que surge, se utilizou também dos produtos das TICs para promover um controle cada vez maior, com as redes de espionagem colocando em risco a privacidade de indivíduos, a proteção de segredos

comerciais de setores econômicos e a própria soberania de nações. Num campo ainda tão pueril, os acordos comerciais em torno desta demanda ainda estão sendo construídos e os efeitos colaterais das NTICs ainda são sentidos em sua totalidade (BEZERRA; CAPURRO; SCHNEIDER, 2017). O WhatsApp vem se apresentando como um dos mais vulneráveis destes produtos e seus usuários diversos, isolados ou em grupos, acabam sendo agentes disseminadores de notícias falsas, tendenciosas, o que invariavelmente se configura em ações nocivas para o bom convívio em rede social.

O uso das redes sociais, e seu potencial de capilaridade, assusta não só pelo poder de fogo, que vem decidindo eleições e rumos políticos. Mas também, e principalmente, pelos recorrentes eventos e escândalos no uso de dados pessoais de usuários para fins políticos, demonstrando total falta de ética na manipulação de informação e criação de um novo e perverso regime de informação¹⁹. Figuras como Steve Bannon²⁰ compreenderam que o Homem continua sendo Homem, que os sentimentos regem a máquina social, e que ódio e medo são os melhores ingredientes para se manter o controle. A chamada polarização não é apenas um evento social. Ela é um projeto, com base de sustentação, estratégia de manutenção e estudos específicos para seu uso e seu potencial.

O Brasil tem sido uma base que serve de laboratório de estratégias de controle e aplicação de ideologias com vistas à tomada de poder. É uma estratégia baseada no mecanismo de destruir, por quaisquer meios, para depois reconstruir no modelo que se deseja. E os principais ingredientes utilizados nestas campanhas são a determinação de um inimigo comum, e a disseminação de notícias falsas, com forte apelo emocional, com incitação ao ódio e ao medo. Constrói-se, a partir daí, um cenário de luta entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, entre o céu e o inferno, entre Deus e o Diabo. Dois polos, apenas duas possibilidades. Em um cenário onde a vulnerabilidade informacional é uma realidade, uma explosão seria inevitável. No cenário eleitoral brasileiro de 2018, que se desenhou com o pano de fundo do ódio, da intolerância, da polarização de ideias, os conflitos emocionais se repetiram em todos os cantos. E atingiu fortemente as relações de afeto.

Em entrevista à revista IHU, da UNISINOS, o pesquisador e professor de Ética e Filosofia da instituição, Roberto Romano (2018), disse que o cenário das eleições

¹⁹ O conceito de regime de informação será melhor detalhado no capítulo 7.

²⁰ Steve Bannon é um estrategista político estadunidense, militante de ideias de extrema direita, cuja influência de suas ações junto à opinião pública tem se mostrado eficiente no que se refere ao resultado das eleições. Para muitos, sua atuação ultrapassa os limites éticos, deliberadamente usando métodos de manipulação da opinião pública com o uso de Fake News.

presidenciais de 2018 confirma a exaustão de uma sociedade não ouvida e esgotada com diversas demandas não atendidas, frustrações que formataram o cenário de vulnerabilidade para manipulações. Para Romano, a preferência do eleitorado indicou que no mesmo passo em que o Estado nacional não se democratizou de fato, os dirigentes políticos aumentaram seus privilégios e legislaram em causa própria. A população, sem condições de partilhar do cotidiano administrativo, dividiu-se, parte buscando um salvador encarnado em indivíduo autoritário, outra parte rechaçando-o, justamente pelo mesmo autoritarismo. Elegeu-se um inimigo a ser combatido, a corrupção. E o restante, fazia parte apenas de uma receita de bolo simples, capaz de abalar até mesmo sólidas configurações sociais.

Em uma outra entrevista, esta ao Jornal O Globo, na edição de 29 de outubro de 2018, o psiquiatra Jorge Jaber viu nesse momento de “briga política” que a motivação para as discussões nascia do orgulho. Não interessava mais, para os debatedores, o conteúdo. Em sua interpretação, a questão central da briga era estar com a razão.

O outro ter razão seria uma diminuição do valor de quem discute. “Há um ditado popular bem-humorado que diz: casa que falta pão, todo mundo berra e ninguém tem razão. O Brasil é um país que poderíamos dizer que está faltando pão. Até literalmente²¹ (O GLOBO, 2018).

É possível acreditar que as divergências sobre posicionamento político neste episódio aconteceram, na verdade, em todas as redes sociais. No trabalho, na escola, no grupo de amigos e, como não poderia deixar de ser, na família. Os ingredientes da insatisfação daqueles que nunca quiseram abrir mão de seus privilégios, unidos aos daqueles que achavam que no cenário da injustiça social sempre faltava algo, não deram liga, e não foram raros os relatos de uniões familiares desfeitas, de forma duradoura, e com feridas difíceis de serem curadas. Assim como foram bem frequentes os relatos de brigas intensas ocorridas nas redes sociais de uma forma geral, antes e logo após as eleições de 2018, com especial destaque para os eventos em grupos de WhatsApp. Saltava aos olhos, entretanto, a questão que envolvia os relatos sobre os conflitos em grupos de família.

Exponho aqui um relato pessoal. Havia a experiência de uma família grande e gregária, o que me motivou a curiosidade sobre a vulnerabilidade que o WhatsApp tinha de motivar e expor rugas familiares. Por experiência própria, bem antes de 2018, meu grupo de

²¹ Matéria disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/familias-se-reconciliam-depois-das-brigas-causadas-pelas-eleicoes-23196317> consultada em outubro de 2019.

WhatsApp familiar foi desfeito por discordância de uma simples receita de família. Teria, certamente, explodido e abalado as relações presenciais se tivesse chegado a sobreviver até a corrida presencial. Famílias que seguiam esse mesmo modelo, entretanto, seguraram-se até este período, e não foram raros os relatos de estruturas sólidas extremamente abaladas por uma campanha altamente trabalhada na aferição e incentivo aos maus afetos, implementado num modelo de campanha política internacionalmente denunciado, e que teve outras edições em locais como Reino Unido (Brexit) e Estados Unidos (eleição de Trump), cujas campanhas baseadas em Fake News²² foram responsáveis por um processo de radical polarização que geraram perplexidade, desapontamentos e muitos elos afetivos desfeitos também nesses países.

O documentário Privacidade Hackeada (2019) expôs essa realidade, mostrando como o processo de mineração de dados propiciou uma realidade paralela no sentido de criar um processo de Desinformação²³, no qual distorções de notícias promoveram uma atmosfera de medo e ódio, a ponto de mudar comportamentos e interferir profundamente nas escolhas políticas. O filme mostrou como uma sofisticada, e ao mesmo tempo banal, técnica de coleta de informações criou uma realidade disruptiva que colocou o mundo real em ruínas.

Os conflitos familiares motivados por desavenças nos grupos de WhatsApp expuseram uma face cruel desse processo: a capacidade de desestruturar grupamentos humanos, cujos elos afetivos não são suficientemente sólidos para resistirem à ação da mídia programada. O princípio utilizado por empresas de comunicação como Cambridge Analytica parte da ideia de que, se a personalidade influencia o comportamento, o comportamento pode influenciar em quem se vota. E para influenciar em quem se vota, basta alterar a própria personalidade do usuário. O documentário deixa clara a trágica realidade de que hoje dados pessoais são commodities mais valiosas do que o petróleo, e podem ser modelados para que se veja o mundo como se quer que seja visto.

É esse o contexto que a presente pesquisa investigou e se aprofundou no intuito de entender como o modelo estrutural da família contemporânea, as novas tecnologias de comunicação e informação e o próprio fenômeno da desinformação, no contexto da polarização política que se apresentou no final de 2018, chegaram a abalar estruturas sólidas

²² Schneider (2019) apresenta o termo Fake News não como um conceito teórico consagrado, mas o restringindo seu emprego a mentiras com aparência jornalística que circulam nas redes digitais, produzidas deliberadamente no intuito de favorecer determinados grupos de poder.

²³ Desinformação pode ser entendida como um processo pelo qual, através de informação e/ou conteúdo impreciso ou manipulado, propagado intencionalmente, se constrói uma realidade desejada, com fins de dominação. Isso pode incluir notícias falsas, ou pode envolver métodos mais sutis, como operações de sinalização falsa, fornecimento de cotações ou histórias imprecisas a intermediários inocentes ou ampliação consciente de informações tendenciosas ou enganosas (SILVA, 2019, p. 55).

de afeto, tanto no período pré como pós eleição. E também compreender e apresentar os possíveis desdobramentos deste evento e as eventuais propostas para minimizar os danos causados até aqui. Há a hipótese de que, por si só, essa estratégia de marketing político não se sustenta, necessitando de algo mais para ser eficiente. A questão seria que há algum elemento faltante na dinâmica comunicacional dos grupos que propicia o conflito. O que se deseja é saber o que é e quais as possibilidades de mitigação dessa ausência.

Com o intuito de desenrolar esse novelo, foram realizadas entrevistas com integrantes de grupos de Família do aplicativo WhatsApp. A partir do relato dos entrevistados, avaliou-se a questão das interações pré e pós-eleições, considerando o perfil etário e profissional destes entrevistados.

REGIME DE INFORMAÇÃO, POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E SISTEMAS VERDADES

No período básico do curso de comunicação social, em diferentes universidades mundo afora²⁴, é comum receber-se uma primeira lição, que diz: tudo o que é comunicação é informação, mas nem tudo que é informação é comunicação. E em tempos de sobrecarga informacional, esta premissa ganha um significado ainda maior.

Rabaça e Barbosa (1998) definem a Comunicação como ação de tornar comum, partilhar, repartir, associar, trocar opiniões, conferenciar. Dizem ainda: “Comunicar implica participação (*communicatio* tem o sentido de participação), interação, troca de mensagens, emissão ou recebimento de informações novas. E completam trazendo outras definições lembrando que algumas restringem-se à comunicação entre seres humanos, enquanto outras procuram abranger a comunicação homem/animal, homem/máquina, máquina/máquina, etc. Algumas dão mais ênfase à resposta do receptor, na relação entre estímulo e resposta, enquanto outras acentuam as intenções do emissor (fonte) e os estímulos produzidos por este; e assim por diante.

Após essa definição apriorística, os autores detalham ao longo de 12 páginas representações esquemáticas do processo comunicacional, iniciando com a teoria matemática de Shannon e Weaver, passando pela definição linguística de Johnson, pela visão político comunicacional de Lasswell, pela percepção semiótica de Mauro e Eco, pelo modelo de abrangência variável de Dobb e pela proposta analítico psicológica de Osgood (RABAÇA; BARBOSA, 1998). Todas as definições passam por processos esquemáticos que traduzem a comunicação como um campo das ciências humanas desejoso de um modelo de exatidão, mas com poucas chances de lograr êxito neste intento. Comunicar nunca foi um ato passível de exatidão, e as novas formas midiáticas vêm confirmando isso, sobretudo no objeto do presente estudo.

Alcançar contornos de exatidão torna-se difícil pois a comunicação inclui processos de trocas informacionais por meio dos quais as pessoas influem outras pessoas. Esta definição parte de uma premissa de que todas as ações ou eventos têm aspectos

²⁴ A informação é pessoal, mas não é leviana. Ao longo de mais de 20 anos de vida na comunicação social, posso afirmar que, no mundo inteiro, se tem a mesma aula sobre a diferença entre comunicação e informação.

comunicativos assim que são percebidos por um ser humano. O que significa que a nossa própria percepção de mundo muda na medida que nos chegam informações que alteram o nosso estado psicossocial.

Até bem pouco tempo, um dos grandes desafios pra os profissionais de comunicação, sobretudo os de publicidade e propaganda, era traçar um perfil de consumo diante de representações diversas e necessidade de uma emissão em massa, ou em volume considerável para um retorno que viabilizasse um ganho financeiro, e as tecnologias digitais contemporâneas alteraram esse cenário. Os instrumentos de coleta de dados vêm dando cada vez mais foco ao sujeito, que ao ganhar visibilidade ganha um perfil de consumo preparado especificamente para ele. O que as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), que se renovam a cada momento, trazem é a possibilidade de aumentar o acesso às emoções e alterar essa tal percepção de mundo conforme o desejo do emissor. E há um grupo de interesse com muita representatividade financeira que está fazendo péssimo uso disso.

Nos últimos 20 anos, a produção tecnológica mudou o jeito como as informações circulam e como os indivíduos se relacionam. Novos recursos chegaram com força ao mercado e alteraram, de forma marcante, a maneira como os indivíduos se comunicam e estabelecem suas conexões. Sobre o tema, escreveu Capurro:

Embora o conhecimento e a sua comunicação sejam fenômenos básicos de toda sociedade humana, é o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como uma sociedade da informação (CAPURRO, 2007, p.10)

O advento das novas tecnologias, acessíveis a um público maior e de diferentes perfis, foi antecedido por outros acontecimentos, como a fixação da mulher no mercado de trabalho, a relativização do tempo, o encurtamento de espaços, com a melhoria de acesso aos meios de transportes de longa distância, a inclusão de minorias no cenário de consumo, o processo de conscientização de preservação do meio ambiente, tudo ocorrendo com um acesso melhor à informação por uma parte significativa da população. Mas a informação que chega em volume muitas vezes também chega vazia de significados. Sobre esses eventos, falou Marteleto:

... no próprio contexto da globalização do mundo e do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, assiste-se à interação dos sujeitos-indivíduos no assim denominado ciberespaço, envoltos nas infinitas redes de comunicação e na abundância informacional. Entretanto, essas diferentes representações dos sujeitos da cultura informacional encontram-se presentes no cenário contemporâneo, por uma convivialidade discursiva, epistemológica e política que permite entrever as diferentes e conflitante facetas dos sujeitos e o mundo de signos, imagens e sentidos que promovem suas identidades e representações. (MARTELETO, 2013, p.82)

A partir da reflexão desses autores, talvez não seja ousado ou pessoal afirmar que da última década do século XX à primeira década do século XXI o mundo evoluiu tecnologicamente como se tivera passado um século. Entretanto, não deu conta de sanar questões básicas à própria necessidade humana, sobretudo em países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, formando cenários de vulnerabilidade diante da potencial capacidade desses novos produtos tecnológicos alterarem a forma de ver o mundo e de agir diante dele. Estar apto a receber, compreender, selecionar e transmitir esse volume enorme de informação requer um novo treinamento social, que vem mobilizando a principais correntes de estudos do campo da ciência da informação e da comunicação social.

Bezerra (2019) afirma que diferentes campos adotam diferentes entendimentos, e traduções, para o termo *Information Literacy*, que aqui trataremos como competência em informação, compreendendo o conjunto de habilidades que permite que os indivíduos reconheçam quando a informação é necessária e tenham a habilidade de localizá-la, avalia-la e utilizá-la de forma eficaz (ACRL *apud* BEZERRA, 2019). Ao longo desta, e de outras obras, o autor demonstra, citando Paulo Freire, a importância da formação educacional para o amadurecimento do pensamento crítico e a prática efetiva da liberdade de escolhas.

Embora o texto traga um realista estudo sobre a importância do letramento informacional como demanda para uma sociedade mais justa e igualitária, também é uma realidade que mesmo nações mais providas de um amadurecimento intelectual e crítico frente ao mundo tem estado à mercê da complexa rede de coleta de dados que vem transformando a sociedade em um grande tubo de ensaio, e os enredos políticos mundo afora em assunto que parece ter saído de perversas mentes do mal da ficção. É o que se pensa

quando, por exemplo, a vanguardista sociedade inglesa cai nas armadilhas digitais do mundo moderno. Pensa-se que o poder de fogo das novas estratégias de mídia programada vai além da capacidade de matematizar a comunicação, ou sofisticar a informação. Ele é desenvolvido e sustentado por mentes que conhecem os modelos de persuasão que sempre moveram o mundo do marketing. Só que agora encontraram canais mais eficientes para conseguirem seus intentos.

O processo de integração humana não seria o mesmo sem o desenvolvimento tecnológico da comunicação um a um (cartas, telegramas, telégrafo, telefone). E também nesse processo sempre se engata o privilégio das classes mais economicamente privilegiadas chegarem primeiro no acesso a essas tecnologias. Mas também não demoram a dar acesso a um grande público, porque sempre é de interesse dessas mesmas classes privilegiadas fazer um bom uso da capacidade massiva de transmissão de mensagens que esses veículos têm, seja para ganhar dinheiro de forma direta, através de vendas, seja para utilizá-las como canal de propaganda institucional de seu interesse.

O telefone celular, como hoje o conhecemos, está na fronteira desses dois modelos de comunicação. Até bem pouco tempo, se falava ao telefone com uma pessoa de cada vez. O recurso para a realização de conferências por este meio de comunicação é muito recente. Em alguns lugares, como o Brasil, o próprio acesso ao telefone era privilégio de poucos, havendo interesse reduzido de empresas e do governo de fazer investimento para massificar o produto. Neste país, a queda do preço do telefone fixo, que facilitou a obtenção de uma linha pelas camadas mais pobres, deu-se apenas nos anos 1990. No final desta mesma década, as empresas de telefonia começavam o sorteio para vender as primeiras linhas de telefones celulares de primeira geração. Ainda assim, o potencial de televendas sempre foi explorado. Primeiramente, de maneira tímida, considerando um perfil de compra condizente de quem possuía o aparelho. E mais tarde, com ações de telemarketing ativo, de forma a atingir a um público mais abrangente. Assim, o telefone sempre serviu como veículo de comunicação direta ou de comunicação de massa.

Para a internet chegar no celular demorou alguns anos, e as primeiras gerações de smartphones chegaram apenas a partir do final da primeira década dos anos 2000. E foi nesse momento que o telefone celular deixou de ser telefone e se transformou definitivamente em

um veículo transmídia²⁵. Ele é tudo num mesmo lugar. Continua sendo telefone, mas também é rádio, TV, jornal, telegrama, canal de envio de e-mails. Vira trabalho e entretenimento num mesmo lugar. E é, sobretudo, uma câmera, um espelho preto que reflete seu detentor para o mundo. Ao tornar-se o maior de todos os *massmedia*, é que passa a representar um perigo real para as relações sociais, e para a própria vida em sociedade.

O WhatsApp, no contexto de grupos, cria uma peculiaridade a ser observada. Nele, os sujeitos tornam-se ainda mais sujeitos quando dentro de grupos. O isolacionismo físico aguça as particularidades individuais em sujeitos, tanto com a carga semântica de indivíduo e suas particularidades, como naquela que o define como alguém vulnerável, que estar sujeito a ações espúrias, como as empreendidas por marketeiros políticos nos últimos tempos. Um processo que potencializa a individuação e o desejo de poder ao mesmo tempo. A relação direta entre sujeito e poder foi descrita por Foucault da seguinte forma:

Essa forma de poder se exerce sobre a vida cotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, designa-os por sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que lhes é necessária reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. Há dois sentidos para a palavra “sujeito”: o sujeito submisso ao outro pelo controle e pela dependência, e o sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete (FOUCAULT, 2014, P.243).

A potência de capilaridade de público dos *smartphones* cria as condições históricas de possibilidades para a criação do regime de informação que hoje presenciamos. O conceito de regime de informação, apresentado à comunidade acadêmica por Frohmann e refinado por González de Gómez, aproxima-se do princípio de Regimes de Verdades proposto por Foucault. Sobre isso, disse Foucault:

²⁵ O termo Transmídia se refere a um conteúdo que precisa atravessar várias mídias, de forma que a comunicação em cada um deles se complemente, pois se o público utilizar apenas um canal terá apenas a mensagem parcial do assunto em questão. A transmídia induz ao ato de contar histórias através de várias mídias, com um conteúdo específico para cada uma. O que o celular, através da sua versão smart, conseguiu foi transformar-se sozinho em um veículo transmídia, capaz de dar conta de transmitir esse conteúdo de diferentes formas, num mesmo lugar (ARNAUT, 2011).

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1989, p. 52)

Na contemporaneidade, a tradicional ideia de que a verdade é uma só perde força e cede lugar para diferentes entendimentos sobre os fatos. Elas passam mais por uma interpretação do que pela possibilidade de uma avaliação técnica. Ou ainda, sobre aquilo que me é conveniente aceitar como verdade, e quais os modos de obter legitimação neste processo. Esse processo de legitimação passa cada vez menos pela ciência, que vive um momento de permanentes questionamentos, e cada vez mais pela construção de fluxos informacionais que criam a verdade que se deseja. E a informação como produto é a matéria-prima para a construção da verdade desejada. É nesse contexto que se insere a ideia de Regime de Informação. González de Gómez o descreve da seguinte forma:

Um Regime de Informação constituiria um conjunto mais ou menos estável de redes sociocomunicacionais, formais e informais, nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de mitos e diversos meios, canais e organizações, a diferentes destinatários ou receptores, sejam estes usuários específicos ou públicos amplos (GONZÁLEZ DE GÓMEZ *apud* BEZERRA, 2019, p. 36)

A dura realidade do regime de informação hoje em vigência é a corrosão das relações humanas de forma subliminar e praticamente indefensável. Entre o grupo de entrevistados por essa pesquisa, por exemplo, muitas das discussões em grupos de família se davam pela recepção de Fake News. Foi comum o relato, sobretudo entre os mais jovens, de indignação diante do recebimento e envio de informações falsas que não passavam pelo filtro da razão. O linchamento público de figuras políticas também esteve entre as ações que passavam longe de filtro. E mesmo diante de evidências de mentiras que eram publicadas, seus

publicadores não abriam mão de enviá-las, sob o pretexto de que todos tinham que aceitar a verdade, mesmo parecendo que não era verdade.

ENTREVISTAS

Foram realizadas 37 entrevistas, entre os dias 07 de outubro e 03 de dezembro de 2019. Sete entrevistas foram descartadas, embora estejam disponíveis nos arquivos da pesquisa. Os motivos do descarte: as três primeiras por problemas técnicos e de ajuste da pesquisa, como já relatado em nota; uma entrevista ficou inaudível; e em três os entrevistados não haviam entendido que deveriam participar ou já ter participado de grupos de famílias no WhatsApp. Assim, restaram para análise 30 entrevistas. Os entrevistados eram convidados a observar a figura abaixo:

Figura 1 – Representação da Família



Fonte: Whizolosophy Newsletter – 2019

Pedia-se, então, que o entrevistado observasse a foto por cinco segundos. Em seguida partia-se para o questionário:

- 1 – Quando você olha para essa foto, o que você pensa?
- 2 – O que é família para você?
- 3 – Você tem um grupo, ou grupos de família no WhatsApp?

4 – Como eles funcionam?

5 – Costumam acontecer desentendimentos/brigas/desavenças no grupo?

6 – Como foi nas eleições de 2018?

7 – Como ficaram os encontros presenciais após o resultado das eleições?

Por se tratar de universo pequeno de entrevistados, preferiu-se trabalhar com números absolutos na análise. O perfil etário dos entrevistados distribuiu-se da seguinte forma:

- Entre 18 e 29 anos – 9 pessoas
- Entre 30 e 49 anos – 11 pessoas
- Entre 50 e 69 anos – 10 pessoas

A seguir serão apresentadas as entrevistas e os resultados da pesquisa aplicada com vistas a esses questionamentos, com as reflexões e conclusões, com base no percurso bibliográfico aqui apresentado. A partir das respostas foram refletidas as seguintes questões:

- Como se deram os debates que levaram a desavenças familiares no cenário político das eleições de 2018?
- Até que ponto o WhatsApp, como mídia social, potencializou essas ocorrências?
- Por que o ambiente virtual oferece certo conforto para que as pessoas estejam tão à vontade para exprimir com tanta agressividade seus posicionamentos, ainda que em campo tão pessoais e subjetivos como a política, a ponto de modificar suas questões afetivas?
- Há uma disputa de poder no ambiente dos grupos de WhatsApp?
- Existe de fato uma grande ausência que fomenta os desentendimentos nos grupos de família do WhatsApp? Se sim, o que seria?

Primeiramente, serão apresentados os dados exatos no que tange à coleta de dados. Em seguida, as transcrições das entrevistas e por último a reflexão sobre cada entrevistado. Houve especial atenção com a imparcialidade da análise, deixando de lado qualquer juízo de valor: Mas foi considerado o conteúdo psicológico na fala do entrevistado, considerando uma fala de desabafo ou esforço de convencimento. Poucas perguntas foram feitas, pois o

principal objetivo era deixar a fala do entrevistado fluir, coletando tudo o que este poderia ofertar.

Gostaria de registrar duas importantes considerações pessoais:

1ª – Quando parti para a pesquisa, esperava que iria encontrar falas de mágoas profundas, ressentimentos e longos desabafos sobre decepção entre pessoas que se amavam. Acreditava que teria entrevistas de no mínimo 30 minutos, podendo passar de 1 hora. Entretanto, os relatos eram sempre rápidos, práticos. Na minha avaliação, isso ocorreu por dois motivos: primeiro porque o entrevistado queria esquecer esse assunto, os conflitos via WhatsApp realmente foram desgastantes para grande parte; e segundo, porque as grandes questões já haviam sido superadas, mesmo aquelas cujas discussões haviam deixado marcas mais profundas, já havia uma predisposição para dar a questão da briga como assunto encerrado.

2ª – Houve um esforço de buscar um público de diferentes idades. Isso porque supunha-se que para os jovens a questão dos desentendimentos havia sido mais importante do que para os mais velhos, o que, em parte, se confirmou. Os jovens mostraram ter maior dificuldade em lidar com a questão da diferença de opiniões do que os mais velhos. Mas esses também não estavam confortáveis em debater em polos tão opostos. Entretanto, em nome da convivência, optaram por dissimular, ou simplesmente ignorar, quem pensasse diferente. Abaixo, seguem as entrevistas. Cada linha da coluna representa um bloco de pergunta e resposta. Abaixo, foi destacada a fala de maior relevância do entrevistado.

Quadro 1

Entrevistado 1
P - Eu vou te mostrar uma imagem e você me diz o que ela representa pra você.
R - Uma família dita tradicional.
P - E o que significa família pra você?
R - Pra mim significa o seu círculo de confiança, de vínculo amoroso, pessoas que além das relações sanguíneas, tem relações afetuosas, onde você tem mais liberdade de comunicação (pelo menos a minha...). É o lugar que você gosta de voltar, quer voltar, e tem como referência pra voltar.

P - Vocês se relacionam por grupos de WhastsApp?

R - Sim. Eu tenho quatro grupos. Um grupo menor, onde tem eu, meu pai, minha mãe e meu irmão. Um grupo maior, onde estão todas as pessoas, inclusive quem está fora do estado. Tem um terceiro, que é exclusivamente para as pessoas que cuidam da minha avó. E um quarto que é o da família do meu marido.

P - Esse grupo maior, quais são as informações que circulam por ele?

R - Tem muitos velhinhos, então tem muita pergunta sobre a saúde deles. Tem a minha

avó, e muitas tias avós. Eles estão divididos entre Espírito Santo, Paraná, Minas e São Paulo. Então, é uma forma de se comunicar. E também nessas datas mais festivas, dia das mães, dos pais, dos avós, e acaba rolando “Bom Dia”, “Boa Tarde”, “Boa Noite”, mas é principalmente pra saber sobre a saúde deles, centralizando muito na saúde dos idosos.

P - E costuma ter briga no grupo de família?

R - Muita, principalmente quando se fala sobre política.

P - E como foi nas eleições do ano passado?

R - Foi uma confusão danada, muita informação distorcida, muita ofensa, aí as ofensas se tornaram diretas, muita gente entrou e saiu do grupo. E só ficaram os idosos. Elas não se falavam muito, mas mandavam vídeo pra saber o que estava acontecendo, onde estava todo mundo. Depois que baixou a poeira, é que as coisas foram se acalmando e as pessoas foram voltando. É que as discussões foram muito acaloradas e embora tenha sido sobre política, as pessoas colocaram suas opiniões muito pessoais e começaram a puxar pelo âmbito de pessoas, e ficou girando em torno de questões pessoais.

P - Você acha que se resgatou mágoas antigas sob o pretexto da política?

R - Sim, principalmente na questão da intolerância. Eu tenho um tio que é militar, lá do sul, e ele era o que batia mais forte, e ele queria falar muito pelos idosos. “Os idosos passaram pela ditadura militar, e achavam bom”. Só que eles ficavam na deles,

“Não a gente não tá achando nada, a gente só tá aqui pra saber se vocês estão bem.”
Nessa época foi bem puxado de discussões mais acaloradas.

P - Você elege quem seriam os mais “brigões”? Se seriam de direita ou de esquerda?

R - Os mais brigões eram de direita, porque eles defendiam atitudes do governo de hoje, e não falavam muito de política. Quando se falava a respeito das atitudes dele, que não seriam condizentes com quem desejasse ser presidente da república, automaticamente eles falavam que nós estávamos acostumados a governos petistas.

P - E como ficou a relação depois das eleições?

R - Num primeiro momento ficou tudo muito estremecido, porque as pessoas puxavam muito pro lado pessoal. “Você é passiva”, “Você não se incomoda com nada”, etc. Mas à medida que o tempo foi avançando, foram retornando e ninguém falou mais a respeito.

P - E nos encontros presenciais?

R - Não, não houve problema, ninguém tocou mais no assunto. A única pessoa que voltou no assunto foi a minha avó, que disse que aquilo não poderia mais acontecer, porque independente da gente concordar ou não, de ser um bom presidente ou não, a gente não poderia mais deixar aquilo acontecer, porque nós éramos uma família. E as pessoas respeitaram porque a minha avó tem uma voz de autoridade na família.

P - E você se sentiu pessoalmente atingida?

R - Muitas vezes. A minha família é aquela bem tradicional nordestina, que as meninas têm que se casar virgem. Mesmo eu com 37 anos ouvi coisas do tipo, “Você é uma feminista que não sabe das coisas.” Eles gostam de “defender a gente do mundo”. Às vezes eu vejo isso como um pouco de proteção, e talvez por isso que eu não tenha me sentido tão atingida. Mas me feriu um pouco, sim.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: “Às vezes eu vejo isso como um pouco de proteção.”

Comentário: Essa entrevistada casou-se há pouco, e ainda não tem filhos, e demonstrou ainda estar bastante ligada à família de origem. A família está espalhada por diferentes

estados, e há um conteúdo de tradição que ainda é considerado como elemento de união familiar. Aparentemente, a família é o eixo central da sua vida. As expectativas de agradar a família ficam claras, e a entrevistada deseja estar sempre devolvendo aos mais velhos a mesma proteção que sua família sempre lhe dedicou.

Quadro 2

Entrevistado 2
<p>P - O que essa imagem representa pra você?</p> <p>R - Família.</p>
<p>P - E o que representa a família pra você?</p> <p>R - Família é um grupo de pessoas que se amam, se respeitam, não precisa haver laços de sangue, e que convivem.</p>
<p>P - Qual é o peso que a família tem na sua vida?</p> <p>R - A família é tudo.</p>
<p>P - E você tem grupos de família no WhatsApp?</p> <p>R - Sim. Só eu e meus filhos.</p>
<p>P - E vocês usam o grupo pra quê?</p> <p>R - Pra saber onde estão. Meus quatro filhos e eu. Meu marido não participa porque não gosta de grupo.</p>
<p>P - E costuma acontecer algum tipo de briga no grupo?</p> <p>R - Sim, no início tinha muito. Aí um saía, eu ia e colocava de novo. Mas hoje em dia não tem mais não.</p>
<p>P - E nas eleições do ano passado?</p> <p>R - Ah, teve um pouco. Porque minha filha é Lula, meu filho é Bolsonaro. Mas só de divergir mesmo, não chegou a sair não.</p>

P - E você acha que a sua presença influenciou pra temperatura não aumentar?

R - Ah, com certeza. Eu consigo fazer essa regulação.

P - E depois das eleições, como ficou o convívio?

R - Ficou tranquilo, não teve mais discussão. Hoje em dia só brincam mesmo, avacalham. Minha filha fica Lula Livre, meu filho fica fazendo gesto de Bolsonaro, mas só brincadeira. O momento de tensão mesmo foi na eleição.

P - Você acha que o comportamento presencial seria a mesma coisa que o comportamento do grupo?

R - Ah não, é diferente. Não brigam tanto presencialmente, é mais no grupo. Mas não chega a representar uma quebra de amizade ou de respeito.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: “Hoje em dia só brincam mesmo, avacalham.”

Comentário: A entrevistada faz o perfil mãe superprotetora. A família está sob sua proteção, e a questão de controlar qualquer tipo de desestabilidade é primordial para ela. São muitos filhos, e a convivência em casa precisa ser harmoniosa para as coisas funcionarem bem. Aparentemente, o conflito não é, nem pode ser, valorizado, pois ela precisa de todos unidos para o grupo funcionar bem.

Quadro 3

Entrevistado 3

P - Quando você olha para essa imagem o que você vê?

R - Uma família unida.

P - E o que representa família pra você?

R - Segurança. É você poder ser você. Eu me sinto assim também com os meus amigos, mas a família é um lugar que você se sente bem. No meu núcleo, eu, meu irmão, meu pai e minha mãe eu me sinto seguro. Minha família maior é de outros

estados, então eu não tenho essa proximidade toda.

P - E como são os grupos de família no WhatsApp?

R - Tem um grupo com a família do Nordeste, com a do Sul não tem. Eles não são muito tecnológicos. E tem o grupo da minha casa.

P - Como funcionam os grupos?

R - Eu, sinceramente, eu abro os grupos só por abrir. Porque eu acho umas mensagens desnecessárias.

P - E tem discussões nesses grupos?

R - Sim, poucas.

P - Na época da eleição teve?

R - Ah pô, aí teve. Tenho uma tia que é do Nordeste, e na época da eleição ficou postando coisa de Bolsonaro, e dava uma vontade de mandar pra aquele lugar...

P - A maioria era de direita ou de esquerda?

R - A maioria era de direita. E era muito chato. Mas só essa minha tia que falava de política. No grupo da minha família mesmo, eu, meu pai, minha mãe e meu irmão é mais funcional. É um grupo de fazer as coisas em casa.

P - Essa tia, que postava coisas de política, chegou a ter bate-boca por conta disso?

R - Ah, eu acho que muita gente tinha vontade de falar, mas tipo minha mãe dizia, “Ah, não vai falar nada, não”, aí eu deixava pra lá. Mas postava muitas fake news. Era bem irritante.

P - Chegou a abalar a convivência presencial?

R - Sim, eu não tenho vontade nem de encontrar com ela. Mas como ela mora no Nordeste, nem tem esse risco. Como eu vou pouco lá, isso não me afeta muito. Mas sempre fica aquele mal-estar. Tipo, você fica pensando, “Pô, como é que fica postando essas coisas?” O pessoal fica pensando, se é grupo de família eu posso postar o que eu quero, e não é assim, você tem liberdade de ter seu pensamento político, mas tem que respeitar o pensamento dos outros. Mas família é isso mesmo, tem esse grupinho lá, problemático.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: “O pessoal fica pensando, se é grupo de família eu posso postar o que eu quero, e não é assim, você tem liberdade de ter seu pensamento político, mas tem que respeitar o pensamento dos outros”.

Comentário: Esse foi o entrevistado mais jovem, e a família nuclear pareceu ser muito importante para ele. A família maior, por estar distante, tem pouca relevância para o convívio. Sua irritação, aparentemente, vinha mais pela irresponsabilidade na postagem de notícias falsas de uma pessoa qualquer do que pela decepção afetiva com alguém que se possui laços profundos.

Quadro 4

Entrevistado 4

P - Quando você olha pra essa imagem, o que ela te remete?

R - Família, um ambiente familiar.

P - E o que é família pra você?

R - Ah, família é união, é poder contar um com outro. Compreensão. Sei lá, acho que nos piores momentos a família vai estar lá.

P - Como é a convivência nos grupos de família?

R - Eu tenho uma família muito grande por parte de pai, e ultimamente as coisas não andam muito bem por lá por causa de política. E tem uma parte da família que é Lula também, aí vive em pé de guerra. Por exemplo, eu já saí do grupo várias vezes, eu saio e me colocam de novo, por causa de briga. Nossa, a gente briga muito.

P - E isso na época das eleições aumentou?

R - Demais, demais, demais. Na verdade, não tinha isso. Aí começou já em 2017, aí na época das eleições ficou direto e aí não parou até hoje.

P - E são quantas pessoas nesse grupo?

R - Umas 50. Mas só umas 30 que falam. Os mais antigos são totalmente conservadores, apoiam a ditadura militar... Tem tio meu concordando com o AI5. E tem a geração mais nova, que é mais progressista.

P - Como ficam os encontros presenciais nesse cenário?

R - Então, da parte de alguns ocorrem os encontros. Mas de outros eles preferem nem ir. Eles brigam no grupo, mas pessoalmente se tratam, mas não conversam, não trocam ideias, não querem muito assunto.

P - E antes das brigas via WhatsApp?

R - Antes o comportamento era bem mais agradável.

P - Então isso se refletiu na convivência presencial?

R - Demais, demais.

P - Como você se sente em relação a isso?

R - Na verdade, é um sentimento de raiva. É saber de fato o que é, e eles sempre tentando achar uma justificativa pro errado. Eu não perco nem mais o meu tempo. Eu me decepcionei com várias pessoas, mudou meu sentimento com várias pessoas.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: “Eu me decepcionei com várias pessoas, mudou meu sentimento com várias pessoas”.

Comentário: Essa entrevistada é uma estudante de história, e mostrou na sua fala o peso da decepção com pessoas com quem possui profundos laços afetivos. A construção do seu conhecimento acadêmico de forma mais aprofundada, no que se refere ao contexto histórico e político, a colocam em uma posição observadora e crítica com relação às negações da história praticada por seus familiares.

Quadro 5

Entrevistado 5

P - O que essa imagem representa pra você?

R - Uma linda família certinha de retrato.

P - E o que é família pra você?

R - Significa mais do que essa família bonitinha da foto. Porque às vezes a gente tem um laço de amizade que significa mais do que família. É você poder contar com aquela pessoa em qualquer momento da sua vida. Às vezes eu posso contar mais com o meu vizinho do que com a minha família. É muito maior do que essa representação sanguínea, ou a da foto. Eu nasci ali, mas pra mim eu considero família aquela pessoa que tá próxima e que eu posso contar.

P - Como é o relacionamento dos grupos de WhatsApp da sua família?

R - Na verdade, eu fui inserida no grupo da minha família há pouco tempo, eu sabia que existia, mas eu nunca tive vontade de entrar porque era muita confusão. É muito disse me disse. Mas isso foi mais no início. Agora é mais pra felicitar num aniversário, comunicar um falecimento... Por incrível que pareça, eu me aproximei mais da minha família no Facebook. Todos moramos no Rio, mas acaba que o dia-a-dia acabou afastando a gente. Minhas primas moram no Meier, eu moro em Campo Grande, e a gente não consegue se encontrar. Minha tia tem Alzheimer, elas não podem sair e ir pra lá. É muito complicado levar minha tia. E pra mim é muito complicado por causa dos plantões. E vê-los pelo Facebook nos aproximou mais. Eu vejo e falo com elas quase que diariamente, e eu não consigo ter esse contato pessoalmente diariamente.

P - Pelo WhatsApp é que tipo de comunicação?

R - São comunicações genéricas.

P - Quem participa do grupo de WhatsApp?

R - São primos, a família da minha mãe que mora em João Pessoa, que eu não tenho muito contato.

P - E tem brigas nos grupos de WhatsApp?

R - Se teve, eu não participei.

P - E na época da eleição?

R - Olha, na época de eleição eu resolvi ficar na minha. Porque eu me irritei muito, muito com os Bolsominions da minha família. Desculpa, eu nem sei se você é Bolsonaro. Porque... Gente, não dá... Não dá, não dá, não dá. Até com o meu cunhado. A minha vontade era de afogar a criatura. Aquela guerra de tentar fazer com que você engolisse o que ele vai votar. Eu não fiz campanha assim do meu. Eu colocava o que eu gostava do meu, o que eu achava interessante do meu, mas em nenhum momento eu fiz o que eles fizeram: "Ah, mas o seu não presta...". Aí eu me afastei um pouco, porque já bastava o que eu via no Facebook, aquilo já me irritava. Eu não abria. Coloquei no mudo um ano, que não entrei nem em contato com o que estava acontecendo.

P - Você acha que eles misturaram mágoas antigas de família com questões políticas?

R - Olha, eu não sei te responder, porque eu realmente não participei das confusões. Porque a minha família inteira era Bolsonaro. Eu não aguentava ficar ali. Não olhei, não participei de nada. Até almoço, essas coisas, eu deixei de participar. Dizia que meu WhatsApp estava com problema e que eu não estava recebendo. Porque eu entendo que eles queiram votar na pessoa, eu não concordo, mas entendo. Mas isso de querer me convencer não dá. Aí eu preferi me afastar.

P - Como ficaram os encontros presenciais depois disso?

R - Não, depois acabou a eleição, acabou tudo, apaziguou. Até porque hoje ele tá fazendo tanta merda que eles estão até mudos agora, estão até na deles. E também eu

não fico cutucando, não. Dá vontade, mas eu fico na minha. Se eu fiquei naquela fase, então eu consigo ficar agora. A família já é pequena, então não pode alimentar isso. Só o meu cunhado que talvez volte no assunto, porque a visão dele é igual à do presidente, tem que matar todo mundo. E isso ele não precisa de grupo de WhatsApp, ele é muito torto mesmo, ele não consegue ter empatia com a dor de uma mãe que perdeu uma criança.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: “Eu não aguentava ficar ali. Não olhei, não participei de nada. Até almoço, essas coisas, eu deixei de participar”.

Comentário: A função da rede social no resgate do contato familiar para essa entrevistada foi muito importante, e a irritava o fato de alguém utilizar a rede para separar ao invés de unir. A atitude de silenciar o grupo não parecia ser a desejada, mas foi o que a restou diante do desvirtuamento da função do grupo.

Quadro 6

Entrevistado 6

P - O que essa imagem representa pra você?

R - Uma família tradicional.

P - E o que é família pra você?

R - Sinceramente, um conjunto de parentes. Só isso. Daquele tipo, bom só no retrato.
Rs. Claro, tem vínculo, tem sangue, mas você pode ter laços, sem ter sangue.

P - Como é o relacionamento dos grupos de WhatsApp da sua família?

R - Eu tenho só um grupo, considerando a minha família de sangue. Tem um outro que não é minha família de sangue, mas eu considero família também, que é um grupo de amigos. É que eu não sou nascida aqui, mas moro aqui há muitos anos. Aí, esse grupo de amigos eu fiz desde a adolescência até o tempo de ir embora, são amigos de três décadas, e a gente se considera família. Nesse grupo, todo mundo quer sempre estar junto com todo mundo. Quando a gente tá próximo, a gente prefere estar junto do que estar com a família. Quando eu me desloco pra minha terra, eu acabo ficando mais com eles do que com a minha família.

P - Como é a comunicação nesse grupo?

R - Ah, manda memes, piadas, e fica se comunicando pra saber que tá todo mundo vivo. Teve um tempo que ficou um silêncio, eu estava muito sobrecarregada, eu estava só acompanhando. Aí uma irmã minha mandou mensagem no privado pra saber se estava tudo bem. Até porque tem uma preocupação com as notícias do Rio.

P - Costuma ter briga nos grupos?

R - Sim, eu só me aborreci uma vez. Mas na minha família já teve gente que saiu do grupo, voltou. Tem primos que saíram do grupo, mas voltaram. E minha irmã chegou a levar uma briga de WhatsApp às vias de fato. Porque houve envio de áudios, essas coisas.

P - E na época das eleições?

R - Tenso, e tenso até hoje. Eu não gosto de discutir política. Se eu percebo que a gente pensa do mesmo jeito, eu deslancho a conversar. Se eu percebo que a gente não pensa do mesmo jeito, eu prefiro não me pronunciar. Eu acho que não se discute política, religião e futebol. Só que com a corrida presidencial. Eu percebi que três pessoas da minha família iriam votar em um determinado candidato e eu comecei a fazer uma campanha ante esse candidato, fui postando todas as coisas de corrupção, e fui postando, tentando lembrar. Eu sempre postava, escrevia. Mas só que aí, quem estava fixo, não gostou de eu fazer uma “anti-propaganda”. Eu reagi quando soube em quem eles iriam votar, com o objetivo de fazer uma “anti-propaganda”. Passar a informação, porque de repente a pessoa não sabia. Mas aí a pessoa passou a não gostar, e eu parei. E aí todo mundo da família começou a falar pra não postar mais nada de política porque não deu certo, né? Eu mesma não me incomodava, mas tinha três pessoas da família que não gostavam porque não queriam que eu postasse coisas desse candidato. Mas meu objetivo era outro. Aí eu achei melhor parar.

P - Você acha que o fato de você ser a irmã mais velha, você acha que fez a diferença de ter parado a discussão?

R - Olha, eu tenho uma irmã mais nova que é muito geniosa. O grupo da minha família tinha o grupo que não votava em ninguém, e tinha o grupo de esquerda. Eu não voto há anos, aí se eu falava contra o candidato deles, aí eles não aceitavam, diziam que eu era burra, porque eu estava concordando com outros candidatos. Mas aí, essa minha irmã que é mais impulsiva, não aceitou.

P - Como ficaram os encontros presenciais depois disso?

R - Então, quando acabou a eleição, a gente falou pra ninguém falar mais de política. Todo mundo obedeceu, menos essa minha irmã. Eu ainda não estive com elas presencialmente, mas eu acho que vai ser normal, porque eu não passei o último natal com eles, e que eu saiba, não teve nada. Quando a gente discute assim, é diferente quando a gente discute no celular. Quando você escreve, ninguém está ouvindo o seu tom de voz. Aí, pro grupo da família continuar sendo o grupo da família, a gente não posta nada, e finge que não está vendo nada que ela está postando.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: Pergunta: E o que é família pra você?

Resposta: “Sinceramente? Um conjunto de parentes”.

Comentário: Essa entrevistada mora há mais de 20 anos no Rio, e não tem nenhum membro da família no Rio de Janeiro. Sua família de origem mora em Belém, e ela não costuma visita-los todos os anos. Para ela, os amigos tem fundamental importância no que se refere à formação de laços afetivos. Sua narração sobre os conflitos familiares foi toda feita com muito bom humor. Não parece que a desavença familiar tenha um peso tão grande em sua vida.

Quadro 7

Entrevistado 7
<p>P - O que essa imagem representa pra você?</p> <p>R - Uma selfie em família.</p>
<p>P- E o que é família pra você?</p> <p>R - Minha mãe, meu irmão, meu marido, meus filhos... Eu só tenho um filho. Meu marido tem dois. Agora é tudo meu. E eles significam tudo pra mim, eu sei que eu tenho eles quando eu volto pra casa. É tudo, uma ajuda mútua. Meus irmãos...</p>
<p>P - Como é o relacionamento dos grupos de WhatsApp da sua família?</p> <p>R - Eu não tenho grupo de família grande, só grupos pequenos, o de casa, o de primos.</p>
<p>P - Como é a comunicação nesse grupo?</p> <p>R - É bem objetiva.</p>
<p>P - Costuma ter briga nos grupos?</p> <p>R - Não, nunca teve.</p>
<p>P - E na época das eleições?</p>

R - Nem na época das eleições. Nada chegou a afetar nenhum relacionamento.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: “Eu só tenho um filho. Meu marido tem dois. Agora é tudo meu”.

Comentário: A entrevistada resume seu universo familiar ao seu núcleo, com esposo e filhos pequenos. A realidade do convívio em um grupo maior não faz parte do seu cotidiano.

Quadro 8

Entrevistado 8

P - O que essa imagem representa pra você?

R - Uma família feliz.

P - E o que é família pra você?

R - É um encontro de pessoas num mesmo objetivo de vida, de cuidar um do outro, de contribuir um com outro, pra crescer e fazer o outro crescer também. A minha família tem um peso enorme na minha vida.

P - Como é o relacionamento dos grupos de WhatsApp da sua família?

R - Eu tenho um grupo da família do lado da minha esposa, e tem dois da família dos meus pais. Tem um grupo só dos primos, com 40 pessoas, tem um grupo dos irmãos, somos 5 irmãos, e o da família da minha esposa.

P - Como é a comunicação nesse grupo?

R - Eu uso mais o dos meus irmãos, porque nós moramos separados, e aí comunicamos eventos, pedido de ajuda... Eu tenho parente internado e a gente consegue se organizar.

P - Costuma ter briga nos grupos?

R - Muito difícil.

P - E na época das eleições?

R - Teve um pouco de separação de opinião, mas sem conflito. Ninguém deixou de se falar, ou saiu do grupo. O grupo reflete o que nós somos pessoalmente, nós não temos divergências.

P - Você acha que o fato de você ser a irmã mais velha fez a diferença pra ter parado a discussão?

R - De um modo geral nós não damos muito valor a essas questões de grupo, não levamos ao pé da letra as comunicações. Nós não somos muito frequentes no WhatsApp. Na verdade, nós não somos muito frequentes. É difícil nos reunirmos na casa de alguém. A família da minha esposa é de Teresópolis, então também não nos encontramos muito. Há mais conflitos relacionados a futebol, do que por política.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “De um modo geral nós não damos muito valor a essas questões de grupo, não levamos ao pé da letra as comunicações. Nós não somos muito frequentes no WhatsApp. Na verdade, nós não somos muito frequentes. É difícil nos reunirmos na casa de alguém”.

Comentário: Há uma peculiaridade interessante na fala dessa entrevista. Ela relata que a família tem um peso muito grande na sua vida. Mais à frente ele diz que não são muito frequentes, e também não se relacionam muito via WhatsApp. Seria leviano fazer uma avaliação apriorística, mas é digna de uma maior observação.

Quadro 9

Entrevistado 9

P - O que essa imagem representa pra você?

R - Uma foto de família, um pai, seus filhos, outros parentes...

P - E o que é família pra você?

R - Família é a base, é o amor. O afeto é o vínculo maior da família. E isso inclui a família de amigos também. Às vezes você conhece mais os amigos do que a própria família.

P - Como é o relacionamento dos grupos de WhatsApp da sua família?

R - Eu tenho só um grupo de família, com meus pais, meus irmãos, meus sobrinhos e meu cunhado.

P - Como é a comunicação nesse grupo?

R - Usamos o grupo pra comunicar tudo, brincadeira, saúde. Nos falamos todo dia. Meu pai dá um “Oi” todo dia, e todo mundo responde. Os integrantes moram todos longe. O WhatsApp serve pra unir mais. Todo mundo visualiza e responde.

P - Costuma ter briga nos grupos?

R - Às vezes existe um mal-entendido, uma resposta dada de forma ruim... Mas aí o meu pai corta logo.

P - E na época das eleições?

R - Até que não, quem não concordava se anulava, não debatia. Tinha pessoas de direita e de esquerda convivendo pacificamente. Graças a Deus não houve questão de desfazer a família por causa da eleição, não.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque da fala: “Os integrantes moram todos longe. O WhatsApp serve pra unir mais. Todo mundo visualiza e responde”.

Comentário: Essa entrevistada tem uma família pequena, muito afetuosa e dispersa geograficamente. Manter a harmonia em qualquer instância do grupo parece ser primordial para ela. Detalhe no destaque do pai como regulador dos conflitos.

Quadro 10

Entrevistado 10

P - O que essa imagem representa pra você?

R - Um grupo de pessoas que a gente chama de família.

P - E o que significa família pra você?

R - Significa uma relação entre pessoas de quem você é próximo, e que tem muita consideração, não necessariamente consanguíneo.

P - Como é o relacionamento dos grupos de WhatsApp da sua família?

R - Na verdade, a gente tinha só um grupo, mas na época da eleição deu briga, aí o grupo se desfez e depois fizeram outro com a regra de não se falar de política. Eu não sou muito ligada em WhatsApp, então não acompanho.

P - Costuma ter briga nos grupos?

R - Sim, às vezes.

P - E na época das eleições?

R - Sim, muita. Todo mundo foi saindo do grupo, e se criou outro. A formação do outro grupo foi depois das eleições.

P - Como ficaram os encontros presenciais depois disso?

R - Muito ruins. Hoje em dia todo mundo se faz de maluco, e finge que nada aconteceu. Aí pararam um pouco de alfinetar. A maioria era de direita, mas os mais novos eram de esquerda. E o pessoal de direita mandava muitas fake news. E isso feriu as relações da família, a política virou um assunto que eles sabem que se tocarem sabem que vai ter discussão. O natal foi bem complicado. Na verdade, foi até tranquilo porque parte da família se recusou de participar da reunião em que estaria todo mundo, aí não teve confusão. Mas foi complicado porque acabou não ficando a família completa.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Hoje em dia todo mundo se faz de maluco, e finge que nada aconteceu. Aí pararam um pouco de alfinetar”.

Comentário: Mais uma universitária, que demonstra irritação mais com o envio de notícias falsas, do que com o posicionamento político dos familiares.

Quadro 11

Entrevistado 11

P - O que significa essa imagem pra você?

R - Uma família querendo registrar um momento de união entre eles.

P - E o que significa família pra você?

R - É uma boa base, de onde nós viemos. Além da família que nós constituímos. Pessoas que nos dão uma boa base pra enfrentar o mundo, e o que vem pela frente.

P - Vocês têm grupos de família no WhatsApp?

R - Sim, tem um grupo mais abrangente da família, grupo menor não tem.

P - E como são as comunicações no Grupo?

R - É mais pra comunicar confraternização, marcar encontro, saber como o outro está, mais pra isso mesmo. Na minha família tem muita gente que mora longe um do outro. E é uma forma de manter o contato.

P - Costuma haver desavenças?

R - Poucas, já teve alguns momentos de estresses.

P - E na época das eleições?

R - Olha, na época das eleições eu já tinha saído, porque antes já tinha começado com negócio de fake news e eu saí do grupo. No facebook entre família não houve, mas de uma forma geral, sim.

P - E como ficaram os encontros presenciais após esses eventos?

R - Então, eu já tinha saído, então não tive problema. O pessoal que debateu, acabou ficando de boa. Não chegou a ninguém ficar sem se falar.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Olha, na época das eleições eu já tinha saído, porque antes já tinha começado com negócio de fake news e eu saí do grupo”.

Comentário: Novamente, a indignação com fake news, que leva a sair do grupo, vem de um universitário. Talvez, a reflexão acadêmica leve a um comportamento intolerante com a desinformação.

Quadro 12

Entrevistado 12
<p>P - O que essa imagem diz pra você?</p> <p>R - Uma família.</p>
<p>P - E o que significa família pra você?</p> <p>R - Pra mim é muito importante. Eu coloco a família antes do trabalho.</p>
<p>P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?</p> <p>R - Sim, o grupo funciona para manter o contato com os parentes de uma forma mais abrangente. Na família da minha mãe tinha uma visão política mais aguçada. Tinha coisas do cotidiano, mas também tinha coisa de política. A família do meu pai só tinha coisas do dia a dia.</p>
<p>P - Costuma sair desavenças no grupo?</p> <p>R - Sim, o período crítico foi o período das eleições.</p>
<p>P - E como foi na época das eleições?</p> <p>R - A coisa fugiu um pouco do controle, de ambas as partes. Por isso até a minha decisão de sair do grupo. Eram duas visões de mundo bem diferentes uma da outra, e as pessoas gostavam mais de expor a sua opinião do que ouvir o outro. Já havia tido desavenças em outras épocas, mas agora a opinião instantânea desses veículos eletrônicos faz com que as coisas tomem proporções maiores. Antes não era assim.</p>

P - E como ficaram os encontros presenciais após esse período?

R - Olha, não passou totalmente, não. As coisas aconteceram de uma maneira que... É claro que a gente vai levando a vida, vai se vendo, se encontrando em festividades, em eventos, mas não ficou a mesma coisa, não.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “A coisa fugiu um pouco do controle, de ambas as partes. Por isso até a minha decisão de sair do grupo”.

Comentário: O entrevistado é um médico de renome. Em *off*, demonstrou que estava desiludido com os rumos da humanidade, por se deixar levar por mentiras tão banais, como as que circulam pelas redes. Ele tem consciência do uso do WhatsApp como um projeto de dominação política, e mostrou preocupado com o que pode vir após os efeitos dos instrumentos de desinformação.

Quadro 13

Entrevistado 13

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Família.

P - E o que significa família pra você?

R - Um grupo onde você nasce, ou é criado. A minha casa. Essas coisas de pertencimento não vejo necessariamente na minha família.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Tem um grupo da família que mora na minha casa, e o grupo da família que mora longe. Por exemplo, a louça que não foi lavada, aí manda foto da louça. Ou, precisa botar o lixo pra fora. Pra fazer a casa funcionar.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - No grupo grande a convivência é boa, mas às vezes acontece alguma coisa.

P - E na época das eleições?

R - Então, nas eleições eu precisei sair do grupo da família, porque tem coisa que não dá pra argumentar. Mas depois eu voltei de boa, sem ressentimento. Eu não sei se outras pessoas saíram, mas se saíram quando eu voltei estava todo mundo lá de volta. Porque é questão de ideias, mas também da consciência humana. É sobre com quem você se relaciona.

P - E como ficaram os encontros presenciais após esse período?

R - Até o Natal foi difícil. Mas depois no Natal já tinha aquele clima festivo de família mesmo. Antes ficou um mal-estar, mas depois ficou mais na base da piada. Eu acho que as coisas passam, ou amenizam. Na época da eleição, quando os sentimentos estavam bem exacerbados, ficou mais tenso.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “...porque é questão de ideias, mas também da consciência humana. É sobre com quem você se relaciona”.

Comentário: Também jovem, também universitária, também preocupada com as informações que se compartilha. É uma realidade que a juventude tem uma atitude mais pragmática, responsável e enfática, em relação aos excessos em rede. Eles, simplesmente, saem do grupo.

Quadro 14

Entrevistado 14

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma selfie de família?

P - E o que significa família pra você?

R - Família é tudo. Eu tenho pai e mãe vivos, não testou preparada pra perder meus pais. É pai, mãe, cinco filhos. É bagunça, zona, grito, quando alguém precisa corre todo mundo. De vez em quando tem arranca rabo, mas a gente se ama.

<p>P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?</p> <p>R - Eu tenho um com filhos, que já são adultos, mas dois ainda moram comigo, por uma questão de segurança. A minha filha casada também tá nesse grupo também. Tem o de família geral, que são noras, genros, netos, meus pais e filhos. A brincadeira maior do grupo é vasco e flamengo, e comunicar tipo vai almoçar junto, “Tô chegando”.</p>
<p>P - Costuma sair desavenças no grupo?</p> <p>R - Agora não.</p>
<p>P - E na época das eleições?</p> <p>R - Teve, porque meu irmão é petista roxo... Mas meu pai proibiu. E obedeceram, quando meu pai morrer, vai acabar isso tudo. Eu sou de uma época que meu pai só de falar a gente para. A gente tem um respeito absurdo pelo meu pai. Ele fala baixo, sem falar palavrão. Minha mãe grita, berra, perde o equilíbrio.</p>
<p>P - E como ficaram os encontros presenciais após esse período?</p> <p>R - Não tocamos mais no assunto. Ficou tudo bem.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “...meu irmão é petista roxo... Mas meu pai proibiu. E obedeceram, quando meu pai morrer, vai acabar isso tudo. Eu sou de uma época que meu pai só de falar a gente para”.

Comentário: Essa entrevistada deu enorme destaque sobre o relacionamento dos seus pais, já bem idosos, e a função de equilíbrio que têm na família. Os laços afetivos não parecem sólidos o bastante para se manterem diante de uma inevitável perda dos genitores.

Quadro 15

Entrevistado 15

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma família feliz.

P - E o que significa família pra você?

R - Família pra mim representa união, ajuda entre as pessoas, um porto seguro.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Eu tenho um grupo da minha família, eu, meu pai, minha mãe, meus dois irmãos, minhas cunhadas, e tem um grupão, com tios, primos, todo mundo. A gente não tem regras, manda bom dia, manda mensagens.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Risos... Sempre tem, muita briga. Principalmente sobre política e religião. A minha cunhada acha que só a religião dela é que é a certa. Aí a gente procura não falar sobre reunião.

P - E na época das eleições?

R - Olha, a gente procurou não ficar debatendo sobre isso. A gente combinou que a gente podia até expressar nossa opinião, mas respeitar cada um a opinião dos outros. Mas até a gente combinar isso teve muita confusão. Meus dois irmãos são militares, e defendiam cegamente o Bolsonaro. Eu, meu esposo, meu pai tínhamos uma outra opinião e temos até hoje. No dia do aniversário da minha mãe, um dos meus irmãos foi um pouco ríspido porque ele entendia que o Bolsonaro era a melhor opinião naquele momento e não respeitou a opinião dos outros. E ficou um clima muito ruim, mas isso aconteceu pessoalmente porque já estava todo mundo de saco cheio das mensagens do grupo. Aí explodiu. Ficou um clima muito ruim.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Depois que passou as eleições que nos encontramos todos de novo, meu irmão ficava provocando pra o meu marido colocar a opinião dele, e meu marido é muito quieto. Ficou um mal estar, porque a conversa era coisa do tipo “Você não entende nada”, “Você não sabe o que é melhor pro país”. Então, ficou bem ruim. Aí, por exemplo, o meu marido passou o Natal passado lá, mas ele já disse que esse ano ele não vai. Ou ele vai na véspera ou vai no dia, mas nos dois dias ele disse que não vai. Eu tenho a impressão que nós emburrecemos politicamente, porque de fato, pra manter aquela relação, ficou impossível discutir sobre política. Porque você deveria poder conversar e crescer uma com a ideia da outra, sem ser ofendido e sem ofender ninguém. Eu, inclusive, vou sair do grupo agora porque as pessoas não compreenderam pra que serve o grupo. E depois dessa treta de política mostrou que as relações são muito estranhas. Eu estava com você no domingo, e não falei nada. Mas depois vem no grupo e começa a expor a opinião um sobre o outro no grupo. Muito esquisito. E isso é no grupo pequeno. No grupo grandão não tem confusão.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “E depois dessa treta de política mostrou que as relações são muito estranhas. Eu estava com você no domingo, e não falei nada. Mas depois vem no grupo e começa a expor a opinião um sobre o outro no grupo. Muito esquisito.”.

Comentário: Essa entrevistada chegou a ficar vermelha em alguns momentos da entrevista. Ela ria de forma nervosa, parecendo querer minimizar as questões relacionadas aos atritos em família, mas era claro o seu descontentamento, principalmente em relação à cunhada, suas atitudes e sua forma de emitir opiniões.

Quadro 16

Entrevistado 16

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma família feliz.

P - E o que significa família pra você?

R - Difícil de quantificar, eles são bem importantes. Eu tenho duas filhas, tenho uma família paterna bem grande, e a materna é bem pequena.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Nós usamos pra divulgação de evento de família. Às vezes temos discussões políticas, atualidades, a família é bem dividida, tem pensamentos diferentes, geralmente pra discutir coisas do mundo.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Bate-boca não, mas divergências sim. As pessoas expressam opiniões diferentes.

P - E na época das eleições?

R - Olha, era bem dividido. As discussões eram mais acaloradas, mas não chegou a ter briga. Os de direita eram mais provocativos. Mas não chegaram a brigar.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Foi normal, ninguém tratou de assunto presencialmente. Eu acho que cada um consegue entender que por mais que exponha a sua opinião, ninguém quer mudar a opinião do outro. O próprio silêncio já mostra que as pessoas não estão muito afim de brigar. O silêncio já é protesto.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Olha, era bem dividido. As discussões eram mais acaloradas, mas não chegou a ter briga”.

Comentário: Essa entrevistada era médica e no decorrer da entrevista de um colega ela aproximou-se. Mas parecia não querer expor muito sua opinião próximo a esse colega de trabalho. Depois, com o gravador já desligado, contou que formou um grupo com as primas para poder se manter longe do grupo grande de família, onde os debates políticos eram mais acalorados e, nas palavras dela, sem civilização.

Quadro 17

Entrevistado 17

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma confraternização entre uma família amiga.

P - E o que significa família pra você?

R - Significa por amor entre pessoas, criar laços de afetos e carinho e compaixão com outras pessoas. Querer o bem pro outro... Não importa se tem ligações de sangue.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - A gente costumava ter com tios e primos, mas a parte da minha família mais distante discutiu e aí criou um “apartheid” da família e aí o grupo deixou de existir. E com a minha mãe e com o meu pai não tem grupo, porque eles são separados e eu sou filha única. Hoje o grupo dos meus amigos é o que eu considero família.

P - Essas brigas que houve que desfez o grupo, foi sobre política?

R - Como já havia muita briga, na época das eleições já tinha pouca gente no grupo, e ele acabou se desfazendo. Agora, nesse grupo de amigos que eu considero como família, houve desavenças em virtude de discordâncias políticas e aí teve alguns atritos.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Então, a gente combinou presencialmente que a gente não iria mais discutir sobre política no grupo pra preservar a nossa relação. São pessoas que se conhecem há muito tempo, a gente sempre estudou na mesma escola, e a gente acha que não vale a pena ferir esse relacionamento por causa de política.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “A gente costumava ter com tios e primos, mas a parte da minha família mais distante discutiu e aí criou um “apartheid” da família e aí o grupo deixou de existir”.

Comentário: Essa entrevistada também era uma universitária, e parecia dar um peso maior à relação com os amigos do que com os parentes de sangue.

Quadro 18

Entrevistado 18

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Um encontro de família. Me lembra quando meu pai era vivo que havia muitos desses encontros na casa do meu tio.

P - E o que significa família pra você?

R - Seria o conjunto de pessoas que a gente tem afeto, por laços sanguíneos, ou laços emocionais. Por exemplo, minha mãe perdeu a mãe muito cedo e ela tem laços mais fortes com a família que a criou do que a parte de sangue que sobrou da família dela. E eu também tenho mais proximidade com essa família adotiva da minha mãe.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Hoje eu tenho só o microgrupo com eu, minha mãe e minha irmã e o filho da minha irmã. Nós nunca chegamos ao ponto de criar um grupo gigantesco no Facebook porque a minha família não tem condições de ter recursos tecnológicos pra ter um grande grupo. O máximo que nós conseguimos foi uma página no Facebook.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Não, porque eu e minha irmã somos de esquerda, a minha mãe vota meio que por influência nossa, e o filho da minha irmã ainda não participa dessas coisas. O meu cunhado tem tendências de direita, mas tudo se mantém no diálogo. Se houvesse um grupão com a minha família grande teria muitas desavenças. Porque é uma parte da família muito mais plural.

P - E na época das eleições?

R - Na época das eleições, nas publicações do Facebook você via claramente as manifestações e dava pra imaginar que aconteceria o que acabou acontecendo em

outras famílias.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Se houvesse um grupão com a minha família grande teria muitas desavenças. Porque é uma parte da família muito mais plural”.

Comentário: Essa foi uma entrevista de intensa carga emocional. Várias vezes o entrevistado olhava à direita, acima, buscando a memória afetiva sobre família. Universitário, contou que foi o primeiro de sua família a chegar a ir para a faculdade. Dar orgulho à família era muito importante para ele. O zelo em evitar os conflitos parecia maior do que entre os seus outros colegas que foram entrevistados e que vinha de um ambiente familiar mais regular.

Quadro 19

Entrevistado 19

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma reunião em família.

P - E o que significa família pra você?

R - Uma união estabelecida por Deus. Algo soberano na sociedade.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Tenho um grupo da família da minha mãe. Usamos pra comunicar novidades da família. De vez em quando alguém coloca alguma piadinha, alguma coisa assim pra descontrair.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Eu não brigo.

P - E na época das eleições?

R - Não, porque nosso posicionamento político era muito parecido. E meu tio exerce um papel de soberania no grupo, não dá pra não se indispor com ele. Ele é mais machão, mais agressivo, exerce esse papel.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “E meu tio exerce um papel de soberania no grupo, não dá pra não se indispor com ele”.

Comentário: Esse entrevistado também era universitário, de ciências contábeis, muito jovem (18 anos). Era um perfil diferente dos colegas de história e educação física entrevistados no mesmo dia. Parecia ter um perfil que se encaixava num conceito de família bem atrelado à religião. Dos jovens, foi o único que disse não ter tido desavenças familiares, nem mesmo na época das eleições.

Quadro 20

Entrevistado 20

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma família que parece feliz (*Levantar de sobrelha com suspiro*).

P - E o que significa família pra você?

R - É tudo. Eu tenho uma família com irmãs e mãe, mas são as minhas melhores amigas.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Nós temos um grupo de nós quatro, e mais outro com tios, primos. O de nós quatro é tranquilo.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - A gente não se fala muito nesse grupo. Mas no grupo grande era muita briga, o tempo todo. Aí um primo às vezes postava vídeos com conteúdo inapropriado, aí tirava, dizia que era sem querer. Aí da última vez deu uma confusão muito grande, e eu resolvi sair, não me acrescentava nada.

P - E na época das eleições?

R - Eu já tinha saído, mas eu sabia que tinha confusão por causa do Facebook. Eles ficavam brigando, e eu imaginava os dois brigando no WhatsApp.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - A mesma coisa que o WhatsApp. Briga sempre. A intensidade dependia da situação. Às vezes rola briga, e depois todo mundo finge que se ama. Eu acho que se tivesse vó e vô vivos seria diferente. Passado as eleições passou, mas vieram brigas por outros motivos, porque a questão vai além, a política é só uma desculpa.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

A mesma coisa que o WhatsApp. Briga sempre”.

Comentário: Nessa entrevista, a entrevistada ficou boa parte olhando para baixo. Respondia cada pergunta, fazendo negação com a cabeça, e mexendo nas mãos, com o olhar voltado para baixo. O conjunto gestual demonstrava o quanto aquele desajuste familiar, ainda persistente, a fazia sofrer. Foi uma das maiores demonstrações de danos pessoais causado pelos conflitos nas redes digitais.

Quadro 21

Entrevistado 21

P - O que essa imagem diz pra você?

R - A família. Só isso.

P - E o que significa família pra você?

R - A minha é uma bagunça. Principalmente em reuniões. E significa a base do que eu sou, a minha estrutura. (Risos)

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Sim. Minha mãe e o meu pai eram as mensagens de bom dia, boa tarde, boa noite, e os demais marcavam os encontros de família. Meus irmãos moram longe, a gente se vê menos, e a maior comunicação era por ali.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Sim, costumava pra mim, porque eu saí do grupo justamente por causa de briga.

P - E na época das eleições?

R - A briga foi por conta disso mesmo. Foi uma guerra. Porque meus irmãos mais velhos eram eleitores do Bolsonaro, meu pai era em cima do muro, falava que não ia votar em ninguém, a princípio eu e minha irmã éramos eleitoras do Ciro, e quando foi pro segundo turno a gente defendeu o Haddad. E ele nunca. Kkkk. As ofensas eram muito pesadas. É... Coisa do tipo, “Você é muito burra”, “Você não estudou”, esse tipo de ofensa.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Então, o meu irmão mais velho a gente quase não vê, e depois disso ficou pior ainda. Mas com o tempo ficou mais tranquilo, porque depois que ele ganhou a gente teve que aceitar. Mas nós ficamos dando uma alfinetada. Agora depois que o Lula foi libertado, aí começou tudo de novo. Risos.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “As ofensas eram muito pesadas. É... Coisa do tipo, ‘Você é muito burra’, ‘Você não estudou’, esse tipo de ofensa”.

Comentário: Essa entrevistada confessou ao desligar o gravador que tem uma vida particular bastante peculiar. Ela comentou, *in off*, que costuma ser diminuída pelos irmãos, e que eles aproveitaram o evento eleitoral para atacá-la ainda mais. Isso gerou mágoas com as quais diz ter dificuldades de lidar.

Quadro 22

Entrevistado 22

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma família feliz, todo mundo querendo sair bem na foto.

P - E o que significa família pra você?

R - Não sei... Família é o laço que a gente constrói primeiro de sangue, de afeto, amor, suporte. O núcleo que te dá estrutura pra você ter uma relação com outro. Principalmente quando se é criança.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Sim, tenho dois grupos de família. Um grupo é da família do meu pai, que são oito tios, e o outro é da família da minha sogra. Tem tios, primos, os pais, e não tem irmãos porque nós somos filhos únicos. A gente não usa pra comunicar nada. A gente usa pra se falar. Eventualmente, pra comunicar um evento de família. Normalmente, é bom dia, boa noite. De vez em quando alguém bota uma besteira...

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Já teve muito por causa da eleição, mas aí acho que o pessoal desistiu. Por exemplo, no grupo do meu pai tem, porque temos posições políticas muito diferentes. E aí quando alguém colocava coisa contra a educação aí eu me manifestava do meu lugar de professora. Aí acho que o pessoal parou, também passou a eleição... Aí outro dia por engano (ou não...), um primo colocou uma besteira lá, aí eu coloquei um textão, ele pediu desculpas e disse que não iria colocar mais. E fica nisso. O grupo sobrevive assim.

P - Na época da eleição você acha que foi intenso?

R - Sim, o grupo estava muito dividido. Se você coloca algo que desagrada, automaticamente alguém responde. É natural. Agora, isso era mais dos primos, os meus tios não se metiam. Então, em respeito a eles, acabou com isso. Porque tem gente que não mora no Rio, o meu pai mesmo mora no Tocantins. E esse é o modo das pessoas se falarem, então, tinha que parar sem não o grupo ia acabar.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Então... Falando de um grupo, a família se reúne muito pouco, porque a minha avó faleceu, e era ela quem reunia muito. Então ficou restrito no Natal, nós não temos grandes encontros. O Natal esse ano não teve muita gente.

P - Mas você atribui a isso?

R - Não sei... Pode ser. Tem gente que não mora no Rio, é mais difícil. Mas na verdade eu não sei. Não parei pra pensar nisso. No outro grupo não tem muita polêmica, mas eu não me meto muito e lá tem menos discussão política ainda. Teve algumas, mas aí começou a ter discussão e parou. Mas lá também tem menos encontros ainda.

P - Mas eles tocam no assunto de política presencialmente?

R - Olha, teve uma vez que tocaram e ficou um clima meio ruim. Teve um que colocou uma foto lá na Barra dizendo “Estou cheia de esperança”, e eu falei, “Pois eu estou desesperada”. Mas o que eu vejo é que nesse grupo do meu marido é que muita gente está arrependida, e se conversa até presencialmente com conversas amenas. E o que eu penso é que se eu tensionar mais, aí é que fica difícil. Até porque eles não têm coisas legais pra contar. E tem muitos funcionários públicos, e não tá boa a coisa pro lado deles. No caso da família do meu pai, não, são pessoas bitoladas mesmo. São críticos, é aquele pessoal que pensa que o mundo acabou por causa do PT... Então, é difícil mesmo o diálogo. Você não consegue argumentar. E eu decidi não queimar minha paciência, pra não me estressar. Até porque são pessoas que você gosta muito, você tem uma história de vida com eles. Tem um carinho muito grande que supera a questão política.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Sim, o grupo estava muito dividido. Se você coloca algo que desagrada, automaticamente alguém responde. É natural”.

Comentário: Esta entrevistada tem um perfil de engajamento político, e tem em sua estratégia de ação diante das investidas agressivas nas redes sociais de não atacar. Um não incentivo às ofensas, e um fomento ao debate de ideias de forma respeitosa. Isso a faz crer ter melhores chances de ganhar um eventual debate.

Quadro 23

Entrevistado 23	
P - O que essa imagem diz pra você?	R - Uma família feliz, sorridente, muito bonito de ver.
P - E o que significa família pra você?	R - Ah, família pra mim é tudo. Eu tenho três filhos, um neto, cada um tem os seus defeitos, mas somos unidos. Pra mim é mais importante ser unido.
P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?	R - Temos, mas eu não participo do grupo. Mas eu só leio, e não dou opinião nenhuma. Eu já saí várias vezes, aí minha prima vai lá, bota de novo...
P - Só tem um grupo?	R - Tem um grupo da família inteira, e tem um grupo só da minha família, que é o Grupo dos Ferreiras. O grupo dos Ferreiras é só pra gente conversar entre gente, pra conversar coisas particulares, que os outros não fazem parte. Quando eu quero falar com os meus filhos eu falo no particular.
P - Costuma sair desavenças no grupo?	R - Não. Nem no grande, muito menos no pequeno.
P - E na época das eleições?	

R - Não, não teve nada.

P - Por que você acha que não teve?

R - Porque ninguém discute política, nunca discutimos, não discutimos nada. Não nos interessamos por esse tema. Mas eu já soube de outros grupos que teve problemas sérios em relação à política. Teve problema entre pai e filho, cunhados, que saíram do grupo. Mas mesmo essas pessoas, depois que passou a política ficou tudo normal.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Porque ninguém discute política, nunca discutimos, não discutimos nada”.

Comentário: A fala desta entrevistada parece a de quem está intimamente comprometida com o equilíbrio familiar. É uma senhora de mais de 60 anos, que segue à risca a premissa de que futebol, religião e política não se discutem para não causar desunião.

Quadro 24

Entrevistado 24

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Um almoço em família, todo mundo feliz, sem brigas. Uma reunião familiar.

P - E o que significa família pra você?

R - Olha, família é muito, muito importante, mas cada um pensa de uma maneira. Família é como se fosse o seu porto seguro. Você sabe que pode correr o mundo, mas você sabe que pode correr que vão te abrigar num momento de aflição. Mas eu acho que deveria ser um lugar onde você pudesse trazer também mais alegrias. Às vezes você compartilha mais alegrias com amigos do que com a sua própria família. Você acaba levando pra família mais as coisas de família mais as necessidades.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Sim. Eu tinha um grupo que era bem grande, mas agora não é tão grande assim, e

eu tenho um grupo com três primas.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Briga mesmo nunca aconteceu, não. Mas já teve desentendimento por causa de ciúme. Meu primo falou algo que não sabia que ia repercutir na mulher dela. Mas foi um mal-entendido.

P - E na época das eleições?

R - Não teve problema nenhum nesse grupo. Eles fazem mais gracinha entre eles com relação a futebol. Talvez não tenha acontecido porque a minha família não é muito politizada. Eu já vi bastante discussão no Facebook entre membros da nossa família. Eu já vi o pai e a filha brigando no Facebook. Que pra mim não faz sentido, era só descer a escada e falar pessoalmente.

P - Esse pai e essa filha, como ficou depois a relação deles?

R - De boa. Porque é uma pessoa que já tem uma certa idade, mas age como o meu filho caçula. Os jovens hoje estão muito polêmicos, e tudo pra eles é ponta de faca. A minha sobrinha quando o pai respondeu, eu pensei “Ih, vai dar tiute”. E não deu outra. Eu acho que não tem necessidade de você expor sua vida via rede social.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: Talvez não tenha acontecido porque a minha família não é muito politizada.

Comentário: Essa entrevistada também é uma senhora, com mais de 60 anos, que pensa que não trazer a política para o centro do debate ajuda a manter o equilíbrio doméstico.

Quadro 25

Entrevistado 25

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma família unida, feliz com interação de várias gerações.

P - E o que significa família pra você?

R - Ah, pra mim é tudo. É meu suporte, meu alicerce, meu lar, é onde eu tenho certeza que é onde eu vou estar bem.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Eu tenho um nuclear, e outros com várias divisões, uns com primos, outros com tios. O nuclear são coisas do dia-a-dia, pra saber como nós estamos, não tem muita confusão. O grande tem muita bobeira no grupo, eu nem acompanho direito. Tipo coisa da internet que eles *printam*, aí ficam divagando em cima daquilo, memes, figura, piadas. Aí eles debatiam sobre futebol, aí nós proibimos. É agitado, mas são mais amenidades.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Não costuma não. Não tem desavença.

P - E na época das eleições?

R - Olha, briga não. Eles expõem, discutem, mas eu presenciei brigas em outros grupos e acho que no nosso não teve aquilo. A última eleição foi muito intensa, mas não chega a criar confusão. Eles pensam muito parecido, eles têm uma linha de pensamento, mas quem discorda é respeitado. Mas ele é desafiado o tempo todo.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - É a mesma relação. Eu acho que é uma característica do grupo mesmo. Tem um casal que tenta fazer com que as pessoas estejam mais juntas, e não teve nenhuma manifestação até hoje. Graças a Deus não tivemos problemas.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Eles pensam muito parecido, eles têm uma linha de pensamento, mas quem discorda é respeitado. Mas ele é desafiado o tempo todo”.

Comentário: A entrevistada citou o casal como um elemento agregador, o que demonstra um foco maior na união do que na desunião. É possível que as desavenças tenham existido, mas que não receberam atenção da entrevistada. E isso pode ter acontecido com outros entrevistados também.

Quadro 26

Entrevistado 26

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Parecem que são várias famílias jantando reunidas

P - E o que significa família pra você?

R - Família pra mim é algo meio complicado, mas eu acredito que seja algo instituído por Deus. Eu acredito que seja o que há de mais importante na sociedade, e acho que sem ela a sociedade não teria como existir. E é formada por pessoas que se amam, se suportam e convivem juntos.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Sim. Tem duas famílias, aquela que a gente vive junto na mesma casa, mas meus irmãos casados também estão no grupo, e tem outro grupo com a família inteira mesmo, com tios, primos, avós. O grupo menor é pra tudo, pra avisar se tem jantar, fazer questionamentos, bronca tudo. Agora o grupo grande fala assim, “Ah, entrei no emprego novo”, “Vou me mudar”, essas coisas.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Não, as pessoas quase não escrevem no grupo.

P - E na época das eleições?

R - Na época das eleições ficou um pouquinho mais conturbado. Mas não teve muita briga, não. O pessoal foi bem controlado, ainda bem. Nem todo mundo ia votar no mesmo candidato, mas não chegava a dar briga. Esse grupo é mais da família do meu pai, e os irmãos se respeitam muito.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Não teve nenhum problema no grupo grande quando se encontraram. No meu grupo doméstico, as pessoas tem um pensamento muito parecido. E quando o clima esquenta, o meu pai já chama e fala, “Gente, não precisa disso”. Aí a briga não se

prolonga.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Mas não teve muita briga, não. O pessoal foi bem controlado, ainda bem”.

Comentário: Esse entrevistado, jovem e universitário, também diferia dos outros de faixa etária. Parecia mais ligado às características de uma família tradicional.

Quadro 27

Entrevistado 27

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Uma família feliz.

P - E o que significa família pra você?

R - Tem mais a ver com sentimento de acolhimento, de respeito, de querer o bem, de estar junto nas dificuldades, querer a comunhão. Em se preocupar, respeitar a identidade do outro. E eu acho que hoje é muito difícil ter isso.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Tem sim. Tem um grupo só, grande, as pessoas não ficam sempre, se aborrecem, saem, depois voltam, é engraçado.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Não muita, mas quando tem é intensa.

P - E na época das eleições?

R - Ah, na época da eleição muita gente parou de se falar, mas depois voltou. Eu prefiro não tocar, porque é meio ridículo, mas tem muita briga.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Olha, ficou estranho, mas voltaram. Ficaram uns três, quatro meses sem se falar, mas aí tem as festas e voltam. Aí agora teve a soltura do Lula, aí volta tudo de novo, publicação, aí é difícil. Como eu gosto de paz, eu não brigo muito. Até que o Natal foi tranquilo.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Eu prefiro não tocar, porque é meio ridículo, mas tem muita briga”.

Comentário: Esse entrevistado é universitário, e vê as brigas de família no WhatsApp como ridículas. Pode ser esta uma atitude de proteção para não chegar a alterar a sua questão afetiva.

Quadro 28

Entrevistado 28
<p>P - O que essa imagem diz pra você?</p> <p>R - Família, avô, avó, esposa...</p>
<p>P - E o que significa família pra você?</p> <p>R - É a base de tudo, de ter aquele apoio que outros grupos não dão. É a base.</p>
<p>P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?</p> <p>R - Sim, tem um que é só com a minha esposa e meus filhos, e tem um com a família toda. Tem até mais grupos. Não tem nenhuma regra, não, é mais coisa de quando tem evento comunicar, quem vai levar o que. E o da minha esposa e dos meus filhos é só recado mesmo.</p>
<p>P - Costuma sair desavenças no grupo?</p> <p>R - Normalmente não tem. Vejo mais em outros grupos de trabalho, de família não.</p>

P - E na época das eleições?

R - Não teve porque não se entra muito em discussão política. Eu acho que eles não entram nesse tipo de assunto. Pessoalmente até entram, no WhatsApp não. A gente troca ideia, mas brigar, não.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Não teve porque não se entra muito em discussão política. Eu acho que eles não entram nesse tipo de assunto. Pessoalmente até entram, no WhatsApp não”.

Comentário: Este entrevistado está no mesmo alinhamento de que futebol, política e religião não se discutem.

Quadro 29

Entrevistado 29

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Parece uma família.

P - E o que significa família pra você?

R - Pra mim são pessoas que são próximas, e tem tanto amor quanto você mesmo, não necessariamente consanguíneo.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Na verdade, a gente tinha um que acabou ano passado, porque deu briga na época da eleição. Aí a gente criou um outro onde ficou combinado não falar de política. Aí ficou só bom dia, coisa e tal. Eu não sou muito ligada em WhatsApp, aí eu acabo demorando lá.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Sim.

P - E na época das eleições?

R - Alguns não aceitavam opiniões diferentes. Por exemplo, um tio meu veio falar que era contra a corrupção, e uma prima minha falou, “Ué, como você é contra a corrupção se você tem gato em casa”. Aí ficava essa briga eternamente. Do começo da crise até a dissolução do grupo foi um tempo. A formação do grupo foi após as eleições.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Muito ruins. Hoje em dia a gente se faz de maluco e finge que nada aconteceu. Com o tempo eles aprenderam a lidar melhor com essas coisas também. Geralmente eles mandavam alguma fake news, aí os primos diziam, não é bem assim. E eles ficavam sem saber o que falar e saiam do grupo. Isso feriu as relações da família, política virou um assunto que todo mundo sabe que se tocar vai haver discussão. O Natal foi tranquilo porque parte da família se recusou de ir ao encontro com todo mundo junto.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “Por exemplo, um tio meu veio falar que era contra a corrupção, e uma prima minha falou, ‘Ué, como você é contra a corrupção se você tem gato em casa’. Aí ficava essa briga eternamente”.

Comentário: Uma jovem, universitária, que também cita *fake news* como elemento de desagregação via grupo.

Quadro 30

Entrevistado 30

P - O que essa imagem diz pra você?

R - Ah, uma família que até parece unida, pela foto.

P - E o que significa família pra você?

R - É um conjunto de pessoas, que vivem no mesmo teto e interagem entre si. É união entre essas pessoas que vivem juntas, é estar presente, se fazer presente, poder contar

com alguém que vive com você, ou que está distante, com laços sanguíneos ou não.

P - Você tem grupos de família no WhatsApp. Como é a comunicação no grupo?

R - Sim, tenho dois grupos, o da minha família e o da família da minha esposa. Normalmente, não tem muito assunto. Geralmente quando vai ter alguma coisa, comunica por lá, ou alguém posta uma piada, um meme. Não postam muita coisa.

P - Costuma sair desavenças no grupo?

R - Não, não.

P - E na época das eleições?

R - Ah, na eleição teve. A minha cunhada chegou a sair do grupo, porque eu postei a foto do Bolsonaro quando ele ganhou, e aí ela saiu do grupo. Engraçado que o meu cunhado é Bolsonaro, mas em casa ela não briga com ele. Até porque ela não pode sair de casa, mas do grupo ela saiu.

P - E como ficaram os relacionamentos presenciais após esse período?

R - Depois ficou tranquilo. A minha cunhada mesmo voltou pro grupo, e ela sempre dá uma catucada na gente que é Bolsonaro quando ele faz as besteiras dele.

Fonte: Elaboração própria.

Destaque de fala: “A minha cunhada chegou a sair do grupo, porque eu postei a foto do Bolsonaro quando ele ganhou, e aí ela saiu do grupo. Engraçado que o meu cunhado é Bolsonaro, mas em casa ela não briga com ele. Até porque ela não pode sair de casa, mas do grupo ela saiu”.

Comentário: A fala desse entrevistado é muito interessante. Será que se todos pudessem sair em definitivo da vida das pessoas com quem se desentenderam, sairiam?

RELATÓRIO DE ANÁLISE

As entrevistas realizadas, aliadas aos pressupostos teóricos aqui apresentados, possibilitaram algumas reflexões que apontam para confirmações sobre o que foi apresentado nesta dissertação. Embora em um universo reduzido - assim escolhido por se tratar de uma opção qualitativa de pesquisa, foi possível aproximar as respostas apresentadas ao que foi descrito ao longo do trabalho:

- ✓ Sim, o evento de brigas é uma constante, tendo estado presente em 80% dos grupos dos entrevistados.
- ✓ Sim, a briga foi relatada com maior intensidade entre os mais jovens.
- ✓ Sim, nos grupos onde o conflito não gerou maiores desgastes, ou nos quais as desavenças nem aconteceram, havia uma figura reguladora presente como integrante do grupo, ou apenas como memória coletiva do grupo.

Durante as entrevistas não foi feita a pergunta sobre por que, na opinião dos entrevistados, aconteciam tantas brigas. Chegou-se a pensar na sua aplicação, mas invariavelmente as respostas tenderiam mais para as percepções políticas apriorísticas do que por um comportamento coletivo que pode estar sendo utilizado, com base científica, para manipulação social. Em todas as vezes, entretanto, após desligar o gravador, surgia um comentário, com esta exata frase ou algo parecido: “Nunca se viu eleições como essas”. Sim, é fato. E também nunca houve o uso de um aplicativo de troca de mensagens com um intuito político mascarado, utilizando-se de um vácuo crítico e uma certa vulnerabilidade emocional. Neste relatório final, estão sendo trazidas algumas percepções com base nas perguntas e respostas feitas no conjunto de entrevistados, reflexões acerca de respostas de alguns desses em separado, e elementos comparativos que também convidam para um debruçar mais apurado.

A primeira pergunta, sobre o que representaria a foto que estava sendo mostrada, todos a relacionaram à família. Curioso que poderia ser uma reunião de amigos, mas ninguém aventou essa possibilidade, mesmo os que não sabiam exatamente que a pesquisa tinha como foco a família.

O termo ‘família feliz’ apareceu oito vezes (entrevistados 8, 15, 16 22, 23, 24, 25, 27). Desses, apenas a entrevistada 23 não demonstrou no decorrer da pesquisa uma reflexão crítica em relação à família. Tratava-se de uma senhora de 61 anos, três filhos, dois netos,

integralmente dedicada à família, que demonstrou a importância de ter uma família perfeita. Os demais, relacionaram a realidade como sendo distante da representação da foto. Todos esses, entretanto, demonstraram ter um relacionamento gregário com seus familiares de primeiro e segundo graus.

O termo ‘parece feliz’ apareceu uma vez. A entrevistada mostrou-se decepcionada e exausta com as brigas em família. Ela acredita que a política só era uma desculpa para tratar de mágoas antigas, e acredita que se os avós estivessem vivos, os conflitos não aconteceriam.

A palavra ‘Família’, ou os termos ‘Uma família’, ou ‘Família, só isso’, de certa forma reduzindo o peso do significado deste grupo, apareceu quatro vezes (2, 12, 13, 21). Foram entrevistados que mostraram maior afinidade com seus pares nucleares, ou que entendem família como um grupo onde estão incluídas pessoas com as quais se tem grande afinidade, sem necessariamente haver laços sanguíneos. Eram também membros de famílias menos dispersa geograficamente, que se encontravam com mais frequência, e não trataram as desavenças, apenas fingiram que nada aconteceu.

A palavra Família, contextualizada, com adjetivos como ‘unida’, ‘reunida’, ‘almoço de família’, ‘bem na foto’, ‘todos juntos’, veio de entrevistados que relataram mal-estar entre membros por ocasião das eleições que estavam dispersos geograficamente. Esses foram os que trataram da questão da desavença, conversando sobre o ocorrido, e criando combinados para que o evento não acontecesse mais, não comprometendo assim o contato dos grupos.

A resposta da pergunta dois, “O que significa família pra você?”, esteve alinhada sobre a expectativa em relação aos parentes. Respostas do tipo “Um conjunto de parentes”, seguia-se a resposta à pergunta quatro do tipo “Eu saí porque não aguentava mais aquele lugar”. Essas respostas tanto poderiam demonstrar decepção como indiferença em relação ao comportamento da família no que diz respeito aos conflitos no grupo.

Sobre existência de desavenças, dos 30 entrevistados, 17 afirmaram que costuma haver desavenças em seus grupos de família. Dos 13 que afirmaram que não costuma haver desavenças, sete disseram que na época da eleição houve desavenças, e seis disseram que não houve nem mesmo na época das eleições (7, 9, 19, 23, 24 e 28). Um detalhe especial, porém, foi notado: dos seis entrevistados que disseram não haver desavenças, duas (23 e 24) eram donas de casa dedicadas exclusivamente à família (uma delas, a 23, já comentada

acima). Elas foram contundentes ao afirmar que detinham controle sobre qualquer conflito familiar. Outras três eram mulheres chefes de família, com filhos jovens, que também demonstravam gostar da ideia de ter controle sobre a família. Um era um jovem que disse que havia um tio no grupo que mantinha a estabilidade do grupo. Também destacou o fato de pensarem parecido politicamente.

Dos 30 entrevistados, 14 têm mais de um grupo familiar. Desses, 11 possuem um grupo da família nuclear e um grupo maior. Pelos relatos feitos nas entrevistas, há uma divisão clara no funcionamento desses dois tipos de grupos familiares. Dos 16 que disseram ter apenas um grupo de família, 13 têm apenas grupos maiores, e 3 apenas grupos nucleares. Analisando as respostas dadas pelos entrevistados com foco nesta perspectiva de natureza de grupo, dentro da mostra investigada, foi possível perceber que a função primeira do WhatsApp, isto é, ser um aplicativo de mensagens instantâneas, e otimizar a comunicação, se cumpre nos grupos de família nucleares. São grupos que servem para localizar as pessoas, saber se a divisão de tarefas está sendo cumprida, e manter a segurança dos integrantes do grupo. É um grupo para melhorar o dia-a-dia. No grupo com esse perfil houve apenas um relato de desavença de natureza política, nos outros apenas desentendimentos leves.

Já as grandes questões motivadoras de desavenças acontecem nos grupos maiores, envolvendo tios, tias, primos, primas, cunhados, cunhadas. Entre aqueles que relataram que acontece algum tipo de conflito nos grupos nucleares, foi possível perceber que são famílias maiores, com muitos filhos e agregados. Foi relatado ainda que as discussões acontecem principalmente entre irmãos.

Sobre a intensidade e durabilidade dos conflitos, na mostra apresentada percebeu-se que as questões são sempre reconsideradas, ou mesmo relevadas, se envolver parentes mais velhos, como avós e tios-avós, presentes no grupo, ou mesmo naqueles onde eles estão ausentes, mas cuja presença na família seja representativa.

CONCLUSÃO

Após refletir sobre os elementos isolados analisados no presente trabalho, e debruçar-se sobre as entrevistas, o que foi possível perceber é que neste universo houve de fato um êxito nas estratégias eleitorais ensejadas por agências especializadas no novo modelo de fazer marketing político que vem sendo aplicado mundo afora. Há, entretanto, numa perspectiva foucaultiana, condições de possibilidades para que tais estratégias tivessem sucesso em seus intentos. Foi possível perceber o reforço de elementos também presentes no mundo presencial que compuseram esse cenário de condições, como a palavra do especialista, a vitrine do sucesso, o desejo da razão, da verdade, da conquista da reputação, conforme descrito ao longo do trabalho. Mas a grande inquietação não veio das confirmações obtidas com a pesquisa de campo, mas das exceções. Ou seja, o que havia nos poucos grupos onde não ocorreram desavenças que não havia nos grupos onde os conflitos estiveram presentes. E também, o que mitigou o ambiente de mal-estar após eleições, nos primeiros encontros presenciais (o Natal em praticamente todos os casos) dos integrantes do grupo.

A resposta da primeira questão foi a presença de alguém que estabilizasse o grupo. Mas essa presença não era necessariamente física. Uma das entrevistadas disse que sua avó, que já morrera há muitos anos, antes da era dos *smartphones*, não gostaria que a família se desunisse por qualquer motivo que fosse, e a cada início de conflito, sua memória era reivindicada para eliminar o atrito. Curiosamente, em outros grupos, mesmo havendo um elemento veterano na família, o conflito existia. É como se a presença desse membro não representasse tanto para os demais membros do grupo.

Com relação à segunda questão, sobre o que mitigou o ambiente de mal-estar (que aconteceu em quase todos os casos), relatou-se a insignificância das brigas diante do desejo de manter-se unido, ainda que as decepções acerca das opiniões desses pares ainda fossem uma realidade. Não raro houve reflexões do tipo “se alguém tivesse voz de autoridade, o conflito não iria tão longe”; ou “se houvesse no grupo algum presente que equilibrasse as discussões, não teria havido tanto mal-estar”.

O que se pôde concluir a partir da análise dessas falas é que, no sentido mais caro à comunicação social, ocorreu um potencial exacerbado de ruído na comunicação nesses

grupos. E que o que potencializou a ocorrência desses ruídos nesta comunicação, tanto no que se refere à vontade de divulgar, quanto na prontidão em receber notícias falsas, comentários injuriosos e ofensas, foi a ausência. Não necessariamente a ausência física, a falta de um indivíduo presente em forma de contato do grupo. Mas a falta do ideal da presença, de algo ou de alguém. A falta de um sentido de presença. Ou seja, o ser humano não se basta no ambiente virtual. Ainda que numa convivência virtual intensa, a questão da vida comum não poderia ser substituída por uma vida virtual na intensidade como vem sendo substituída, pois na vida virtual não há algo primordial para as relações: a presença.

O filósofo alemão Hans Ulrich Gumbrecht (2004), em sua obra *Produção de Presença*, propôs que a presença está na ordem da materialidade. Ao buscar Martin Heidegger para subsidiar seus estudos sobre Presença, Gumbrecht traz a grande questão da filosofia do século XX: o ser. Já no prefácio do livro, o professor Marcelo Jasmin apresenta como Gumbrecht sistematizou a questão da presença como sendo uma das materialidades da comunicação, propondo uma reflexão sobre produção de sentido que vai além do tradicional binômio *significante-significado*. Uma coisa presente deve ser tangível pelos sentidos humanos. A *Produção de Presença* seria a providência daquilo que o sentido não consegue transmitir. O som de um violino produz sentido, mas não confirma a existência de uma música. Mas uma ária de Mozart materializa o sentido da música, e a faz existir como presença (Gumbrecht, 2004). Ocorre que na contemporaneidade o sentido da materialidade presencial se esvazia por um novo modelo de vida que privilegia o isolamento. Há a carência do homem que vê o mundo, mas não se vê vendo o mundo para se dar conta da sua própria existência. No debate do WhatsApp, o Eu está mais esvaziado do que o Outro. Ou seja, eu vejo mais o outro do que eu mesmo. E se eu não me vejo vendo o outro, perde-se o sentido da própria existência. Revisitando [Goffman](#) (1985), a representação do Eu, analisada anteriormente com vistas a este autor, foi priorizada em relação à representação grupal. Numa comunidade virtual como o WhatsApp, o esvaziamento do sujeito, na perspectiva do outro e de si mesmo, numa visão freudiana, diminui o valor simbólico da representação, gerando ao mesmo tempo angústia e frustração, que, eventualmente, pode se manifestar em hostilidade, ofensas, conflitos e brigas. São os afetos se esforçando para trazer a materialidade da presença (Gumbrecht, 2004).

Para Gumbrecht (2004), a noção de ser em Heidegger substitui a centralidade da noção de verdade das filosofias metafísicas, marcadas pela ênfase na racionalidade, e contribui para a noção de presentificação. Neste sentido, tornar-se-ia possível, a partir da

concepção heideggeriana de ser e de ente, traçar um paralelo com a noção de presença, ora analisada como conteúdo faltante nos grupos de WhatsApp. Para Heidegger, o ser tem uma natureza própria, ele não se explica, ele está em constante expansão e retração (HEIDDEGER *apud* GUMBRECHT, 2004). O ser simplesmente é. E qualquer tentativa de explicação do ser o reduz a um ente. O ente é justamente aquilo que se conceitua, se parametriza. O ente é a materialidade do ser. Se nos fosse permitido detalhar a proposta de Gumbrecht, a partir da perspectiva de Heidegger, seria possível pensar em duas trajetórias: uma que apontaria para o sentido de presença, aquilo que se sente, que é; e outra que apontaria para a materialidade da presença, aquilo que se faz, que está. O sentido de presença estaria na ordem do ser. Ele não se explica em seu esgotamento e se manifesta dialeticamente. Nos grupos de WhatsApp, como a presença não estaria, os discursos só produziram tese e antítese, tornando-se conflitivos, e não dialógicos. E o diálogo subentende a abertura para o outro. Só podemos dialogar quando temos um campo de experiência na ordem do comum, onde os sujeitos se abrem mutuamente para o entendimento.

Sentir a presença, entretanto, não implicaria em uma existência material, mas sim em um ideal de presença. Muitas vezes o ente de uma família, por exemplo, é sentido em sua presença sem ao menos ter sido contemporâneo da maior parte dos demais membros desta mesma família. E sua existência memorial não se explica apenas pelos aspectos anátomo-fisiológicos de sua descendência, mas sim no imaginário do modo com que se construiu a sua memória. A presença é sentida, ainda que ausente. O sentido de presença, portanto, sendo ideal, é o ser.

Em sentido ainda mais acurado, em contraposição ao ser, o ente pode ser descrito como o ser determinado (Gumbrecht, 2004). Neste aspecto, a materialidade da presença estaria na ordem substancial do ente. O sentido de presença simplesmente há ou não há. Mas a materialidade da presença é um ser determinado, um ente, pois habita a ordem do modelo desejado de presença. É o caso do administrador de um grupo de WhatsApp, um desejo de um moderador que em grande parte das vezes não medeia, muito menos serve de modelo ideológico de comportamento. Falta ao mediador a autoridade da presença, e isso se confirma na menor incidência de expulsão dos grupos. Em geral, na iminência do conflito, o próprio participante opta por sair do grupo, dificilmente o administrador o expulsa.

Em se tratando de ser e ente na categoria discursiva, nos grupos de WhatsApp o sentido de presença não ocorreria, porque não encontra elementos tangíveis para que ocupe a

ordem do ser. É essa falta de sentido de presença que geraria a angústia que se manifesta no conflito verbal. Nestas redes, não existe o sentido de presença, e a materialidade da presença não dá conta de gerir as lacunas afetivas que o ideal de presença traria. Quando se debate, não se debate com a materialidade representada pelo ente, se debate com a ideia/sentido, que habita na ordem do ser. A possibilidade de frustração é iminente quando debatedor (ente), enfrenta a ideia (ser). Porque a ideia não muda, o ente é quem muda de ideia. E nas desavenças de WhatsApp é ente confrontando o ser. É sujeito confrontando ideia. É a briga no vazio. Em um momento em que estamos saturados de sentidos, o imaginário pode ter o poder de nos devolver para as coisas do mundo. Nesta tentativa, travam-se lutas vãs, improdutivas, que em geral não se reverberam no mundo presencial, isto é, aquele dos encontros fora do mundo virtual. O mundo virtual é uma arena vazia, é como o soco no boneco João Teimoso que, ao ser socado, baixa rapidamente, mas volta vazio, impassível para ser socado novamente, sem encerrar a peleja.

Como preencher esse vazio é a grande questão que motiva a continuidade do presente estudo. Ainda estamos aprendendo a usar as redes sociais, e o tempo em que isso se dará é uma incógnita para os estudiosos do tema. Alguns, mais fatalistas, dizem que a humanidade se destrói antes do seu entendimento. Mas ainda há os otimistas. Em entrevista ao jornal El País (2018), Jürgen Habermas lembrou que desde a invenção do livro impresso, que transformou todas as pessoas em leitores potenciais, foi preciso passar séculos até que toda a população aprendesse a ler. A internet e seus aplicativos e redes nos transformaram em autores potenciais, e ela tem apenas algumas décadas. É possível, portanto, que, com o tempo, aprendamos a lidar com as redes sociais digitais de forma civilizada. O processo de transformação individual e social promovido pela experiência em rede dos últimos anos deve ser uma das características marcantes das próximas décadas. Mas, se o século XXI vem marcando a humanidade por uma descaracterização da estrutura sensorial humana, tem também sido um tempo no qual homens e mulheres, cada indivíduo em particular, tem achado seu lugar no mundo. E se a família espelha essa transformação, remodelando-se em estrutura ou na forma de relacionar-se, também vem experimentando o esvaziamento do poder verticalizado. E quando horizontalizado, o poder dá vez a todos para se sentirem protagonistas, os donos da história.

Apesar dos males da individualização da sociedade, e do efeito de enxame²⁶ tão bem pontuado por Han (2018), há autores que certificam o século XXI como um ponto de transição, e que a lógica individualista, do Eu fechado sobre si mesmo, vive seu ocaso. Michel Maffesoli (1998) é um desses autores. O sociólogo francês afirma que estaríamos caminhando em direção a um mundo no qual assistiremos à substituição de um ser social racionalizado por uma sociedade onde a empatia terá o poder de comando. Nesse contexto, os grupamentos sociais valorizarão muito mais a união por afinidades do que por conveniência. No caso de grupos de família, ainda é cedo para se concluir se os laços afetivos darão conta para manter a união do grupo, ou se essas novas ações midiáticas, como as que estão sendo feitas no momento, apresentarão uma nova perspectiva para a existência do clã. Espera-se, contudo, fornecer ao campo acadêmico, bem como à própria sociedade, o resultado de um experimento que seja relevante para o melhor convívio entre homens e mulheres em suas comunidades diversas, em especial àquela que elegemos para dar vazão ao sonho de comunidade perfeita.

²⁶ Byung-Chul Han (2018) usa a metáfora do enxame para explicar o efeito de massificação vivido na contemporaneidade, onde há o excesso de subjetivação e ao mesmo tempo a cólera em massa, quando determinado ideal coletivo é ameaçado. As abelhas trabalham dentro de suas colmeias para produzir mel, mas se por qualquer motivo a colmeia for atacada, todas saem em bando, coletivamente, para defender seu território.

REFERÊNCIAS

ALFANO, Bruno. Famílias se reconciliam depois de brigas causadas pelas eleições. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 129/10/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/familias-se-reconciliam-depois-das-brigas-causadas-pelas-eleicoes-23196317>. Acesso em: out. 2019.

AMARAL, Sueli Angelica do. **Os 4ps do composto de marketing na literatura de Ciência Da Informação**. São Paulo: Transinformação, 2000.

ARNALT, Rodrigo Dias, et al. Era Transmídia. **Revista Geminis**, ano 2, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/74/pdf>. Acesso em: out. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Antropos, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BEZERRA, Arthur Coelho. Teoria crítica da informação. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKRITIKA: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. P. 17-50.

BEZERRA, Arthur; CAPURRO, Rafael; SCHNEIDER, Marco. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à Era Digital. **Link em Revista**, v. 13, n. 2, 2017.

BEZERRA, Arthur; SALDANHA, Gustavo. Sobre Comte, Durkheim e Tarde em Olet: O papel do positivismo na consolidação dos estudos da informação. *In*: ALBAGLI, Sarita. (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013, v. 1. p. 34-56.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre - RS: Zouk, 2007.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAPURRO, Raphael. **O conceito de informação: perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte: IBICT, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Claudio Ferreira. **A definição tradicional de conhecimento**. São Paulo: Princípios, 1997.

COSTA, Petra. **Democracia em vertigem**. Distribuição: Netflix, 2019.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

FERREIRA, Paula. ‘Vocês Estão Vivendo Um Novo Tipo De Ditadura’, Diz Sociólogo Manuel Castells. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17. jul. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/voces-estao-vivendo-um-novo-tipo-de-ditadura-diz-sociologo-manuel-castells-23812733>. Acesso em: out. 2019.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos *et al.* Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Paris: Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In:* FOUCAULT, M. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GATTAI, Zélia. **Códigos de família**. Rio de Janeiro : Record, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas – SP: Papyrus Editora, 1990.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action: reason and the rationalization of society**, Cambridge: Polity Press, 1986.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. Vozes do discurso: o conceito de persona em Teoria da Comunicação. **Revista Comunicação e Sociedade**, v. 26, p 106, 1996.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder**. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2019.

HERMOSO, Borja. Entrevista: Jürgen Habermas: “Não pode haver intelectuais se não há leitores”. **El País**, 08 maio 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html. Acesso em: out. 2019.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARTELETO, Regina *et al.* **Cultura informacional: demarcações de uma linha de estudos de cultura, informação e sociedade**. Brasília: IBICT, 2013.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, n.1, p. 71-81, 2001.

MILLER, George. **O óleo de Lorenzo**. George Miller. EUA: Universal Pictures, 1992.

NESTLE, Marion. **Unsavoury truth: how food companies skew the science of what we eat**. New York: Basic Books. Hachette Book Group, 2018.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio. **Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira**. Petrópolis – RJ: Vozes. 1986.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento. 2017.

RODRIGO, Pablo. Acabou a briga: conflitos na rede interferem no convívio. **Jornal Gazeta Digital**, 18 dez. 2018. Edição Digital. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-nacional/conflitos-em-rede/552473>. Acesso em: out. 2019.

ROMANO, Roberto. 2018: a radicalização da polarização política no Brasil. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, RS, 08 out. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/583456-eleicoes-2018-a-radicalizacao-da-polarizacao-politica-no-brasil-algumas-analises-entrevistas-especiais>. Acesso em: out. 2019.

SANTOS, Vinícius. Neoliberalismo, subjetividade e crise da democracia. **Coluna ANPOF**, 2016. Disponível em: <https://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/1009-neoliberalismo-subjetividade-e-crise-da-democracia>. Acesso em: out. 2019.

SCHNEIDER, Marco. Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKRITIKA**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SILVA, Fernanda de Barros de. **Os regimes de verdade das redes sociais on-line**: pós verdade e desinformação nas eleições de 2018. 2019. Dissertação (Mestrado)- ECO/UFRJ-IBICT PPGCI, 2019.

SODRÉ Muniz. **A ciência do comum**: notas sobre o método comunicacional. 1a. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ Muniz. **Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. 1a. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and society**. Mineola, N.Y: Dover Publications, 2002.

VALENTE, Jonas. Brasil é 5º país em ranking de uso diário de celulares no mundo. **Agência Brasil**, 18 jan .2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/brasil-foi-5o-pais-em-ranking-de-uso-diario-de-celulares-no-mundo>. Acesso em: out. 2019.